

**"A ARQUITETURA
ESTÁ AQUI, E ELA
É QUEER!"**

UM ESTADO DA ARTE E PERSPECTIVAS

**DISCENTE: THALES NATAN CAVALCANTI DE LUNA
ORIENTADORA: GUILAH NASLAVSKY
UFPE • CAC • 2024**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAC - CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DAU - DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

"A ARQUITETURA ESTÁ AQUI, E ELA É QUEER!":
UM ESTADO DA ARTE E PERSPECTIVAS

Trabalho de Conclusão de Curso submetido
ao curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro
de Artes e Comunicação da Universidade Federal
de Pernambuco, como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e
Urbanismo

Orientador(a): Prof.(a) Guilah Naslavsky

THALES NATAN CAVALCANTI DE LUNA

RECIFE
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Cavalcanti de Luna, Thales Natan.

"A Arquitetura Está Aqui, e Ela É Queer": Um Estado da Arte e Perspectivas
/ Thales Natan Cavalcanti de Luna. - Recife, 2024.

138 : il.

Orientador(a): Guilah Naslavsky

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo -
Bacharelado, 2024.

1. arquitetura. 2. gênero. 3. queer. 4. sexo. 5. sexualidade. I. Naslavsky,
Guilah. (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

AGRADECIMENTOS

À quem é minha base, minha calma, meu pedaço de céu, minha mãe. Por ser com quem posso contar em todos os momentos, e por não ter aberto a mão de mim nos momentos mais difíceis.

À quem me deu racionalidade, firmeza, e coragem para perseguir o que desejo, meu pai. É quem proporciona sempre as melhores reflexões e caminhos à tudo na minha vida.

À minhas irmãs e irmão, que fazem do nossos pequenos espaços um mundo inteiro de confidencialidade e carinho. Eu tenho certeza que não seria quem sou hoje sem a presença desses três.

À minhas companheiras de colégio, que mesmo depois de anos e caminhos bifurcados, sempre se mostram as pessoas mais confortáveis de se ter por perto. A distância nunca mudou nada, ainda que eu seja péssimo com redes sociais.

Aos que se juntaram à mim nessa caminhada, principalmente GE07 e GE02! Incrível perceber como aprimoramos nossos laços, nos apoiamos e continuamos a crescer juntos. Obrigado por me acolherem do jeitinho que sou!

À Universidade Federal de Pernambuco e ao CAC, que me deram uma chance de crescer quando não me via possibilitado. Educação gratuita muda vidas.

À minha orientadora, Guilah Naslavsky, pela confiança e pelo melhor direcionamento possível.

E, por fim, à todos aqueles que caminharam comigo, seja emocionalmente ou educativamente. Entendi que viver significa levantar e persistir, e se estou aqui hoje, é porque tive com quem contar. No meu processo, vocês estão em lugar de destaque.

**“UMA ABERTURA PODE NÃO
DESARMAR COMPLETAMENTE
O PRECONCEITO, MAS
É UM BOM PONTO DE
PARTIDA” • JASON COLLINS**

APRESENTAÇÃO

A arquitetura e a cidade, cada vez mais complexas, têm sido entendidas enquanto meio hostil à diversos tipos de entidades, um tipo de cenário que se vê replicado ao longo de todo o globo. Análises historiográficas crescentes têm observado a disciplina enquanto entrelaçada à uma estrutura opressora, por muitas vezes binária, capaz de gerar extensa invisibilização e incômodo, principalmente àqueles localizados nas margens sociais.

A questão *queer* tem ganhado cada vez mais espaço nessa discussão, evidenciando através de seu local de fala a necessidade da busca por manifestações arquiurbanísticas cada vez mais atentas às múltiplas formas de expressão da sexualidade e suas demandas. A temática não apenas tem se empenhando em identificar características relativas à forma de manifestação de uma espacialidade mais inclusiva, como também os meios capazes de garantir sua perpetuação, para que assim sejam adotadas novas estratégias de composição cada vez mais acessíveis ao público geral. Este trabalho se propõe a transitar pelos textos produzidos no seio da teoria do espaço e arquitetura *queer*, para garantir o evidenciar das múltiplas narrativas que rodeiam sua compreensão e uma possibilidade de disseminação da temática, tão emergente no seio da teoria arquitetônica.

O trabalho apresentado é resultado das disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso I e II, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, e foi elaborado entre os anos de 2023 e 2024, sob a orientação da Professora Arquiteta Guilah Naslavsky.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	AUTO RETRATO QUEER.	14
FIGURA 2	DRAG EM ENSAIO FOTOGRÁFICO.	14
FIGURA 3	ENSAIO QUEER EM ESPAÇO URBANO.	15
FIGURA 4	GRÁFICO SOBRE MORTALIDADE LGBTI+.	17
FIGURA 5	TOM KENDALL EM FABULOUS FACADES.	18
FIGURA 6	ENSAIO DRAG.	18
FIGURA 7	CASAL PARA ENSAIO FOTOGRÁFICO.	21
FIGURA 8	REVOLTA CONTRA GOVERNO DE RAEGAN.	24
FIGURA 9	SYLVIA RIVERA E MARSHA JOHNSON.	25
FIGURA 10	REPRESSÃO EM STONEWALL INN.	27
FIGURA 11	PROTESTO PÓS-STONEWALL.	28
FIGURA 12	CARTAZES DA QUEER NATION.	29
FIGURA 13	PROTESTO DA QUEER NATION.	31
FIGURA 14	PROTESTO CONTRA RAEGAN.	32
FIGURA 15	MICHEL FOUCAULT.	35
FIGURA 16	JACQUES DERRIDA.	36
FIGURA 17	EVE KOSOFSKY SEDGWICK.	38
FIGURA 18	JUDITH BUTLER.	39
FIGURA 19	CASAL GAY EM PARADA DO ORGULHO.	42
FIGURA 20	BEATRIZ COLOMINA.	43
FIGURA 21	"O SEGREDO DA PORTA FECHADA".	44
FIGURA 22	HOMEM VITRUVIANO.	47
FIGURA 23	CARTAZ DA 'QUEER SPACE EXHIBITION'.	48

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 24	"QUEER SPACE EXHIBITION".	49
FIGURA 25	QUARTO DE PETER HERWEGEN.	52
FIGURA 26	PORÃO DE GEORG DOLLIMAN.	55
FIGURA 27	"GLASS HOUSE", POR PHILLIP JOHNSON.	56
FIGURA 28	"HOMMONUMENT".	59
FIGURA 29	CAPA DE "STUD", POR JOEL SANDERS.	60
FIGURA 30	DARK ROOM DA SAUNA 357.	63
FIGURA 31	CROQUI DE SAUNA GAY.	66
FIGURA 32	BALNEÁRIO RUSSO.	67
FIGURA 33	CLOSETS EM PLANTA BAIXA.	71
FIGURA 34	QUARTO INFANTIL.	72
FIGURA 35	LOGOMARCA DO DIA NACIONAL DE SAÍDA DO ARMÁRIO.	73
FIGURA 36	'TROLL OR THE VOLUNTARY RUIN'	76
FIGURA 37	PROCESSO DE REVELAÇÃO SEXUAL.	78
FIGURA 38	RESIDÊNCIA DE PAOLA PAREDES.	78
FIGURA 39	PROJETO "METAMORPHOSIS".	79
FIGURA 40	PROJETO "METAMORPHOSIS".	79
FIGURA 41	RESIDÊNCIA CHINESA.	81
FIGURA 42	PROTESTO CONTRA A "H2B BILL".	82
FIGURA 43	ATIVISTA CONTRA A "H2B BILL".	82
FIGURA 44	PROTESTO NO DIA INTERNACIONAL DA MULHER.	83
FIGURA 45	GALPÃO DE ARMAZENAMENTO.	84
FIGURA 46	FAST FOOD.	85

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 47	"MARIO BANANA", POR ANDY WARHOL.....	86
FIGURA 48	"INTIMATE STRANGERS".....	89
FIGURA 49	"INTIMATE STRANGERS".....	90
FIGURA 50	PROJETO "STALLED!".....	93
FIGURA 51	PROJETO "STALELD!".....	94
FIGURA 52	MODELO DE RESIDÊNCIA QUEER.....	96
FIGURA 53	MODELO DE RESIDÊNCIA QUEER.....	96
FIGURA 54	MODELO DE RESIDÊNCIA QUEER.....	96
FIGURA 55	"TROLL OR THE VOLUNTARY RUIN".....	97
FIGURA 56	ENSAIO QUEER EM FESTIVAL.....	100
FIGURA 57	"BLUR BUILDING".....	103
FIGURA 58	"BLUR BUILDING".....	104
FIGURA 59	RHODE ISLAND SCHOOL OF DESIGN STUDENT CENTER.....	106
FIGURA 60	CENA DA SÉRIE "POSE".....	109
FIGURA 61	PROJETO "THE WAVES".....	111
FIGURA 62	PROJETO "THE WAVES".....	114
FIGURA 63	"EL HANGAR EN SANTURCE".....	116
FIGURA 64	"CATEGORY IS BOOKS".....	116
FIGURA 65	"BOUDOIR BABYLON".....	118
FIGURA 66	"THAT STRANGE WORLD".....	122
FIGURA 67	"LA SANTÉ.".....	123

SUMÁRIO

SUMÁRIO

14

INTRODUÇÃO

25

POR UM ACADEMICISMO QUEER: DA LUTA À TEORIA

25

1.1 - MOVIMENTO SOCIAL COMO IMPULSO

33

1.2 - TEORIA QUEER E OS DISPOSITIVOS DE PODER

43

POR UMA ESPACIALIDADE QUEER: ADORNO, SEXO OU OBJEÇÃO?

43

2.1 - GÊNERO COMO GATILHO

51

2.2 - A SEXUALIDADE DA ARQUITETURA

62

2.3 - EDIFICANDO O INVISÍVEL

77

POR UM RETORNO AO MAINSTREAM: ALÉM DO HOMONORMATIVO

77

3.1 - RESSIGNIFICANDO O IMAGINÁRIO: NOVAS INVESTIDAS

101

POR UMA UTOPIA QUEER: *TRANSING* E REVISÃO DE PRÁTICAS

101

4.1- "ARQUITETURA TRANS NÃO É BAGUNÇA!"

111

4.2 - PRÁTICAR A INCLUSÃO: EVOLUÇÕES DE UM QUEERING ARQUITETÔNICO

126

CONSIDERAÇÕES FINAIS

129

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

136

GLOSSÁRIO

INTRO

DUÇÃO

FIGURA 1: AUTO RETRATO QUEER.

FONTE: COTTONBRO STUDIO, 2024.



FIGURA 2: DRAG EM ENSAIO FOTOGRÁFICO.

FONTE: KAMAJI OGINO, 2024.



Lésbicas, gays, bissexuais, indivíduos trans, não-binários e muitos outros. Uma vastidão de identidades compõe a sigla LGBTQIAPN+, cuja tem ganhado cada vez mais espaço na mídia onde têm advogado por representatividade e um local de fala mais amplo perante a constante opressão e constrição qual vivência. O modo qual cada identidade que à compõe experiencia a sexualidade humana de modo bastante diverso, fator cujo é espelhado em seus vocábulos através de diferentes processos de vinculação. O de maior destaque, que ganhou mais visibilidade no mainstream e que inclusive se viu inserido em um movimento de ressignificação em meados do século XX é o caso do termo **gay**. Originária em sua etimologia da importação de vocábulo francês “**gai**”, trazia consigo o significado de algo “alegre, divertido e descontraído”; ou ainda de acordo com outra possível derivação do antigo alemão “**gahi**”, como algo impulsivo ou surpreendente (REDMAN, 2018, p.1, tradução nossa). Uma vez enquadrada enquanto o oposto de pessoas “**straight**” (sérias ou firmes, tradução nossa), acabou trazendo consigo a produção de um duplo sentido, onde o termo passou a ser percebido por conotações relativas à homossexualidade, com certo teor pejorativo. Para além de uma tentativa de resgate, outras nomenclaturas se viram produzidas após o movimento, e tentaram se especificar mediante a ausência de termos. É o caso do termo “lésbica”, adotado por derivar do nome da Ilha de Lesbos, local onde Safo, poeta grega, teceu vários poemas acerca de seu amor por outras mulheres (DAWSON, 2015); ou até mesmo para a utilização do prefixo “**trans**”, para identificar pessoas quais sofriam um processo de disforia de gênero (ou seja, a não-identificação com o gênero qual foi condicionada).

De qualquer forma, dentre variadas as definições, etimologias, significados e lutas que acompanham a cada uma dessas identificações, podemos reconhecer que todas se encontram contempladas em uma classificação em comum que ganhou muito mais notoriedade em termos políticos e acadêmicos: a camada de indivíduos **queers**. O dicionário de Cambridge (2023) especifica que a palavra, em tradução literal para o português, significa como algo ou alguém que é “estranho, incomum, diferente”. Utiliza ainda de uma significação ultrapassada: a de que se trata especificamente de um indivíduo homossexual. Essa definição se vê produzida desde meados do século XX, no qual pessoas pertencentes à

comunidade passaram a assim serem compreendidas por suas práticas “fora do normal”. Como notifica Juno Dawson (2015), foi justamente por estar localizada numa posição ofensiva que a palavra passou a ser enquadrada enquanto como um termo pejorativo por um longo tempo - que a colocou em posição internacional lado a lado com alguns termos pejorativos do nosso próprio idioma, como “bicha”, “viado” ou “sapatão”.

A instalação de um processo de ressignificação apenas se viu produzido momentos à frente, especialmente encabeçada pelo grupo ativista **Queer Nation** que passou a compreender a palavra enquanto uma espécie de termo guarda-chuva capaz de relativizar o múltiplo espectro da sexualidade e do gênero. A palavra, invertendo sua significação anterior, poderia agora ser capaz de atingir toda a comunidade não-heterossexual de modo positivo, onde passou a ser entendida enquanto um rótulo “para quem estava cansado de rótulos” (DAWSON, 2015, p. 37).

Sua exponencial utilização e subversão de significado não apenas tomou conta dos movimentos que se viram desencadeados, como até mesmo passou a incorporar o amplo espectro da sexualidade humana, levando inclusive à produção de outros termos identitários, como no caso do “**genderqueer**” (gênero queer, tradução nossa). Percebido em tempos contemporâneos como próximo das identidades “não-binário” ou “expansivo de gênero”, é uma identificação na qual há a rejeição pela identificação dentro do espectro binário da

FIGURA 3: ENSAIO QUEER EM ESPAÇO URBANO.
FONTE: CREATIVE COMMONS, 2024.



sexualidade, sendo possível assim se identificar com nenhum, ambos ou um trânsito entre os dois, numa espécie de terceiro gênero. O vocábulo, que ganhou extensa notoriedade, passou a servir enquanto uma espécie de nomenclatura capaz de abarcar toda a comunidade, reapropriada de forma positiva para identificação da mesma. Essa subversão é fruto de extensas reivindicações que dominaram o fim do século XX no qual, dentre protestos e ações em espaço público encabeçados pela *Queer Nation*, o termo foi difundido através de um lema: **"We're here! We're queer! Get used to it!"** (JOLIFFE, 2023).

A camada *queer* nunca deixou de estar presente, e está recorrendo sempre à novas formas de estabelecer suas relações, vivência e compartilhamento de experiências. Ainda sim, essa é uma busca se vê dificultada, tida a necessidade constante de enfrentamento de uma problemática que parece não cessar: a necessidade por espaço. Sua presença sempre foi entendida enquanto fator de escândalo na sociedade, uma forma de escândalo, uma vez que seu modo de vida e práticas diferenciadas contrariam as normas impostas pela lógica heterossexista tão buscada e normalizada no meio social. O próprio dossiê elaborado pelo Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil reitera esse fator, ao evidenciar em 2022 um número crescente da mortalidade da população queer tanto em local público, como na própria residência dos usuários (OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022).

Em termos arqui-urbanísticos, cada vez mais se veem disseminadas maneiras de garantir sua invisibilização, através de meios que geram privação de acesso ou até mesmo de estratégias que encabeçam a produção de desconforto, impedindo a comunidade de acessar plenamente lugares que lhe são garantidos por direito, como o próprio lar. Essa realidade é a responsável pela criação e propagação de um fenômeno em meio social: a busca por um espaço inclusivo capaz de subverter a norma, um lugar de autoidentificação que supere a discriminação recorrente. Ou seja, um local seguro qual a comunidade possa ser livre e capaz de chamar de seu: o espaço/arquitetura *queer*.

Em sua totalidade, esse espaço seria o responsável por vincular a identidade do usuário ao meio edificado, ou seja, um local de usufruto pleno pela comunidade, capaz de permitir a experimentação e expansão de múltiplas formas de

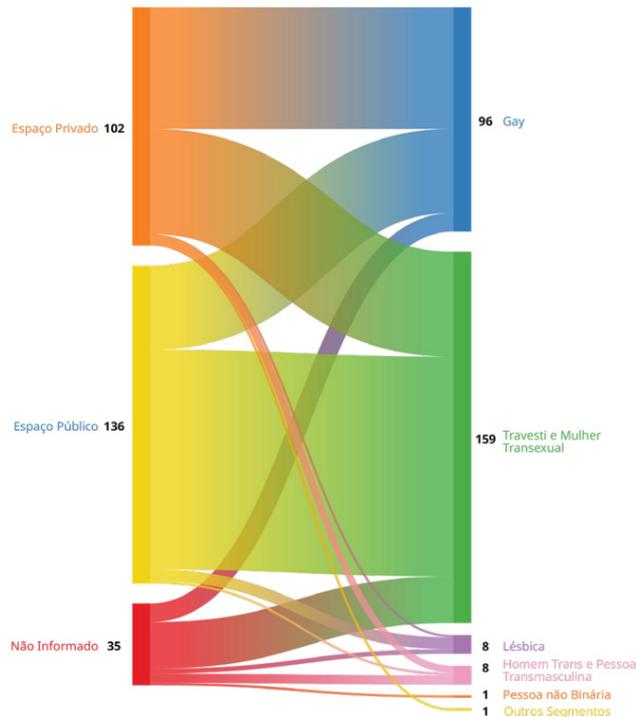


FIGURA 4: GRÁFICO SOBRE MORTALIDADE LGBTI+.
FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

sexualidade, uma espécie de porta para um mundo mais conectado e igualitário (JOSON, 2022). Temos que perceber, assim como evidencia Carlos Jacques (2015, p.1), que tratar de sua conceituação significa lidar diretamente com uma espécie de utopia, um exemplar paralelo ao mundo ideal explorado por Thomas More (2018) na qual o heterosseximo estratégico entremeado na prática arquitetônica e denunciado pela comunidade LGBTQIAPN+ se veria superado através de formas, estratégias ou práticas mais inclusivas.

Ainda sim, compreender seu impactos perante o meio social e até lidar com sua conceituação ainda se trata de uma grande lacuna em termos acadêmicos. Podemos reconhecer de fato a existência de uma arquitetura *queer*? Existe algum molde no qual possamos encaixá-la? Haveria a possibilidade de desenvolvimento de uma espacialidade ideal qual permitiria o usufruto democrático do meio construído, com estratégias capazes de alcançar a todos sem exceções? A residência, construída com base em uma estrutura normativa, poderia por ventura também ser reconhecida enquanto exemplo de um espacialidade *queer*? Ainda mais: alguns espaços poderiam ser mais *queer* do que outros? Essas indagações estão presentes

no mundo atual e tem sido bastante indagadas na literatura arquitetônica em campo internacional dos últimos anos, caracterizando-se enquanto uma abordagem de teor inédito com relação à cada vez mais crescente discussão de gênero ocorrida desde o advento da terceira onda feminista.

O caráter emergente dessa discussão e sua recente abordagem campo arquitetônico, e diga-se principalmente em termos de produção nacional, se tornou gatilho principal à produção deste trabalho. O objetivo geral deste volume é de atuar enquanto meio disseminador dessa temática tão necessária, através da composição e atualização de um estado da arte que englobará às discussões elaboradas e relativas à Teoria do Espaço *Queer* e principalmente sua relação com os objetos arquitetônicos. Para isto, vê-se traçada uma abordagem que transita por três momentos principais: o entendimento de como o desenvolvimento da Teoria *Queer* influenciou a absorção da perspectiva da sexualidade pela literatura acadêmica arquitetônica; uma passagem geral pela discussão produzida após esse momento, qual tentou conceitualizar inicialmente o que seria uma arquitetura *queer* e abordar alguns exemplares arquiurbanísticos capazes de ser associados; e, por fim, a forma como essas discussões atingiram a contemporaneidade, e como houve uma transição de narrativas que superaram o *modus operandi* dos teóricos iniciais para uma abordagem mais focada em pautas e práticas cada vez mais inclusivas, um dialeto que supera a busca por categorização da arquitetura ou compreensão desse tipo de espacialidade enquanto instância concreta e facilmente definida.

FIGURA 5: TOM KENDALL EM FABULOUS FACADES.

FONTE: RAFAEL PEREIRA DO REGO.

FIGURA 6: ENSAIO DRAG.

FONTE: ESNEHYDER MCKULLENS, 2024.



Para que esse caminho possa ser atingido, foram precisos adotar posicionamentos próximos ao de alguns teóricos de peso no campo, como o reproduzido por Oliver Vallerand em seus trabalhos recentes (2023): como já passível de observação, o trabalho se verá utilizando recorrentemente do termo “espaço *queer*”. Ainda que transite por modelos arquitetônicos, essa escolha foi realizada uma vez que essa é a nomenclatura que se vê mais utilizada desde o surgimento da discussão em âmbito internacional. Outro fator que leva à decisão pela sua utilização é a relativa abertura da temática para outros campos também vinculados à prática arquitetônica, introduzindo perspectivas como dos efeitos do urbanismo na sexualidade ou até da observação do design do espaço interior enquanto cúmplice nesse processo. É uma medida necessária, uma vez que discutir sobre a existência exclusiva de uma “arquitetura *queer*” seja ação que provoque certa confusão, ao passo que também limite a análise produzida apenas à avaliações estéticas, situação congruente com o ocorrido em outras literaturas que dotam de uma mesma intenção e abordagem (HOLDER, 2017; MESSINA, 2019; apud VALLERAND, 2023). A intenção é perceber como a arquitetura enquanto disciplina tem sido coadjuvante no processo de sua produção e expansão, entendendo seu papel no processo de afirmação de identidades e nas narrativas e efeitos diversos quais é capaz de produzir.

Mediante o que foi observado e as posturas adotadas, foi realizada uma extensa pesquisa exploratória em meios como bibliotecas virtuais, tais quais a *JSTOR*, além de busca em ferramentas de pesquisa dedicadas como o Google Scholar, afim de encontrar livros, matérias e publicações que explorassem a temática. Repositórios universitários também foram conferidos, para checagem de outros trabalhos que discutissem acerca do assunto. A busca do material levou à produção e categorização do trabalho em quatro momentos principais:

O capítulo 1, “**Por Um Academicismo Queer: Da Luta À Teoria**” será responsável por abordar a evolução do debate da sexualidade e sua posterior adoção pelo campo acadêmico em âmbito internacional, que acabou culminando na produção da até então mencionada Teoria *Queer*. Neste tópico, que partirá de uma análise do meio histórico-social no qual sexualidades desviantes eram enquadradas enquanto patologias, será

observada a forma qual discursos produzidos por filósofos de destaque como Michel Foucault, Eve Sedgwick e Judith Butler contribuíram à percepção da sexualidade como uma forma de regulamentação dos corpos pelas instituições legitimadoras do poder, e a observação da produção de uma teoria que, ao desmistificar conceitos fixos relativos ao gênero e à própria sexualidade, passou a desestabilizar discursos anteriores produzidos na academia.

O capítulo 2, **“Por Uma Espacialidade Queer: Adorno, Sexo ou Objeção?”** é responsável por descrever o momento qual houve o acolhimento da Teoria Queer pelo mundo acadêmico arquitetônico. Serão exploradas as aproximações à temática realizadas no decorrer da década de 90, após a influência de alguns trabalhos feministas como os de Beatriz Colomina e Diana Agrest e eventos que difundiram a pauta na disciplina. Nomes de peso como Aaron Betsky, Joel Sanders e Christopher Reed são os teóricos que se veem com mais destaque nos primeiros debates, através de olhares que relativizam uma arquitetura queer aos moldes de um espaço sexualizado ou político, no qual a homossexualidade poderia ser plenamente experimentada. O capítulo irá expor ainda o modo como essa mesma espacialidade, mitificada e ausente de conceituações iniciais concretas, poderia ser entendida enquanto um tipo de “arquitetura do invisível”, não apenas no próprio meio arquitetônico, como propõe John Paul Ricco ao nomeá-la como “*arquitetura menor*”, mas como também no meio metafísico; ou seja: nas conversas, vivências e metáforas espaciais relativas à comunidade queer, como propõem Sarah Ahmed e Henry Urbach.

O capítulo 3, **“Por Um Retorno ao Mainstream: Além do Homonormativo”** introduzirá postulados publicados em 2017, desenvolvidos após uma pausa de aproximadamente uma década na discussão da Teoria do Espaço Queer. Houve uma mudança de narrativas provocada pela publicação de três volumes, a **FOOTPRINT**, **The Funambulist** e a **Log**, que passaram a compreender diretamente a pauta na arquitetura para além dos moldes homonormatizados no meio social - isso é, a relação do arquiteturismo também com outras formas de sexualidade e identidade. É aqui em que o espaço queer passou a ser percebido não apenas como localidade vinculada ao simbolismo e estética do exagero, mas enquanto um formato espacial diverso, desprendido de moldes como discutem Annie

Barrett em "**Noncon Form**" e Jaffer Kolb em "**Working Queer**", e capaz de ser experienciado por toda a parcela defendida no movimento LGBTQIAPN+. A publicação dos três periódicos foi responsável pela produção novas perspectivas acerca do espaço experienciado por múltiplas identidades, raças e até etnias, garantindo uma retoma da temática no mainstream que se viu perdurada até anos recentes.

Tratar da publicação destes trabalhos não significou porventura o debate apenas da busca por moldes arquiurbanísticos capazes de compreender a espacialidade *queer*. A temática em anos recentes têm produzido uma renovação da disciplina, abordagem essa que se vê experimentada em volumes que mencionam a necessidade de atualização de práticas ou uma busca por conformações espaciais mais capazes de comportar o amplo espectro de identificação e corpos humanos. O capítulo 4, "**Por Uma Utopia Espacial: *Transing* e Revisão De Práticas**", será responsável por abordar essas percepções, onde num primeiro momento discutirá sobre como algumas discussões vêm advogando pela introdução e percepção do papel do corpo da arquitetura - um novo modelo compreendido enquanto fruto Teoria *Trans* - ou até da necessidade de uma mudança no âmago da prática da disciplina arquitetônica, que parta desde renovações de métodos de ensino ou concepção, para até da renovação de soluções espaciais e tipologias para tipologias inéditas ainda mais inclusivas.

FIGURA 7: CASAL PARA ENSAIO FOTOGRÁFICO.

FONTE: JOSHUA MCKNIGHT, 2024.



C A P Í T U L O U M

**POR UM
ACADEMICISMO
QUEER**

DA LUTA À TEORIA

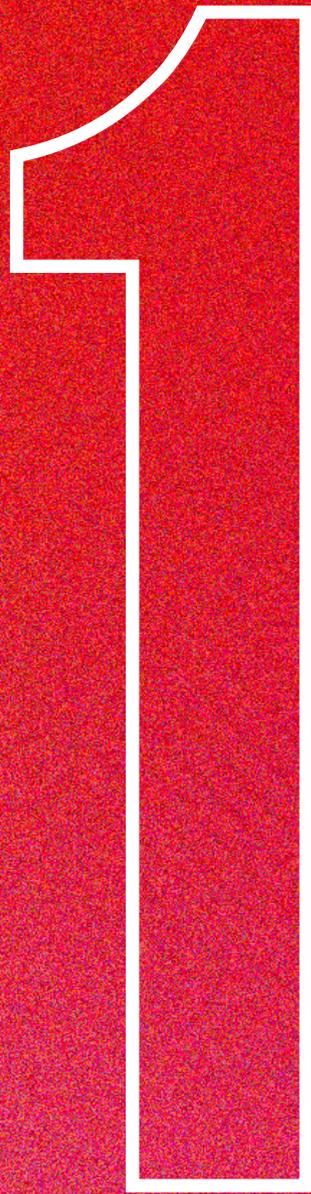




FIGURA 8: REVOLTA CONTRA GOVERNO DE RAEGAN.
FONTE: REVISTA CONTINENTE, 2024.

1.1 • MOVIMENTO SOCIAL COMO IMPULSO

A instauração de um discurso naturalista em torno da sexualidade foi fator que possibilitou o desenvolvimento posterior de um momento político de adoção e debate do termo queer. No meio social, esta narrativa se cristalizou mediante sua constante evocação pelas instituições legitimadoras do poder, criando uma ruptura com discursos previamente enraizados, como os relacionados à instância religiosa ou moral. Esta fase encaixou o estudo da sexualidade no campo das ciências naturais (evento mais tarde reconhecido por Foucault como a instauração da biopolítica). Foi produzida uma espécie de essencialismo sexual, que traz, como cita Rubin:

“[...] A ideia de que o sexo é uma força natural que existe antes da vida social e molda as instituições; [...] Dominado por mais de um século pela medicina, psiquiatria e psicologia, o estudo acadêmico do sexo reproduziu o essencialismo. Todas essas disciplinas classificam o sexo como uma propriedade dos indivíduos, algo que reside em seus hormônios ou em sua psique.” (RUBIN, 1984, p. 149, tradução nossa).

Se viu conferida a produção de um paradoxo, inclusive. Essa narrativa abordou a compreensão de que a sexualidade seria o mais próximo da ordem natural, já que esta era observada enquanto o último reduto do ser humano, uma essência, uma instância pré-social do indivíduo, cujo deveria ser controlada para ser garantida ordem social. Mas, ainda sim, o natural deveria ser compreendido enquanto uma base legitimadora de processos, uma referência, já que a sociedade poderia ser enquadrada enquanto atualização da natureza humana (GARCÍA, 2005).

Traçar esta linha de raciocínio, por consequência, ocasionou no reconhecimento de uma ligação intrínseca da sexualidade à biologia: se viu disseminado um debate que reiterava a importância da execução da reprodução no reino animal, como

FIGURA 9: SYLVIA RIVERA E MARSHA JOHNSON.
FONTE: DRAGLICIOUS, 2024.



uma forma de garantir a perpetuação da espécie. Portanto, tudo que fugisse à produção dessa lógica se enquadraria enquanto atitude desviante, inconsequente, patológica, imoral, e por fim, não natural. Essa corrente de raciocínio é uma das principais colaboradoras à instauração de um modelo binário de análise da sociedade, como observa Tânia Pinafi (2015):

“[...] O legado da ideologia naturalista, que fundamenta a existência de binarismos, – onde o primeiro termo é sempre superior ao segundo: homem/mulher, heterossexual/homossexual, etc – repousa sobre a ideia de que existe uma complementaridade entre os sexos, bem como a correspondência de papéis sociais adequados a cada um deles.” (PINAFI, 2015, p. 694-695).

A utilização constante pelas instituições científicas destes argumentos, que se pautavam na dicotomia sociedade-natureza, acabou por ocasionar na produção de uma divisão no pensamento ocidental acerca da sexualidade em duas narrativas distintas. A primeira, de caráter conservador, passou a reconhecer o indivíduo desviante perante os normatizados e portanto sua necessidade de controle; A segunda, oposta e de caráter libertário, explicitou a repressão conferida à sexualidade humana por essas instituições e suposta ordem social; Tal constrição dificultaria o desenvolvimento de uma natureza humana autêntica, anterior ao modelo regulador enraizado. É um pensamento repleto de contradições, uma vez que mesmo avançando numa desessencialização da sexualidade, regride em argumentos ao se utilizar de outra base de apoio universalista (GARCÍA, 2005).

Esse conflito de visões é o cenário que marca a década de 70, qual agiu enquanto base dos novos enunciados do movimento gay e lésbico. Temos que observar o peso negativo da adoção desse discurso pela resistência, uma vez que incorporava verdades relativas ao sexo e ao corpo impostas pelas próprias entidades previamente mencionadas e criticadas.

É interessante perceber que esse momento também se viu entrelaçado ao desenvolvimento paralelo de três eventos adversos. A Revolta de Stonewall é o primeiro deles, que agiu

como marco na mudança epistemológica e no desenvolvimento da liberação gay. Ocorrida no dia 28 de Junho de 1969, a mesma aconteceu em um bar localizado em East Village, categorizado como um dos poucos locais de encontro da camada marginalizada local, composta por negros, travestis, **drag queens** e, em sua maioria, gays. Batidas policiais eram ações típicas e comuns do poder público, visto não só a criminalização da homossexualidade em alguns dos estados norte americanos na época, como também a presença de irregularidades no estabelecimento - tais quais atendimento de requisitos de projeto arquitetônico, a ilicitude da venda alcoólica para indivíduos gays ou até do modo de vestir feminino, uma vez que mulheres eram obrigadas por lei a utilizar pelo menos três peças de roupas que agissem conforme seu gênero. (The Stonewall Inn, 2017).

Diferente da passividade normalmente adotada pela comunidade homossexual, naquela noite foi instaurado um protesto coletivo composto por em média de 600 pessoas, que reagiram à repressão policial contra umalésbica que se fazia presente no local. A manifestação, mesmo após tentativa de apaziguamento, durou um total de seis dias, e foi responsável não apenas por implantar a pauta gay ao um nível de **mass media**, mas também por permitir uma conscientização política do corpo queer, como aponta Javier Sáez:

FIGURA 10: REPRESSÃO EM STONEWALL INN.
FONTE: DRAGLICIOUS, 2024.





FIGURA 11: PROTESTO PÓS-STONEWALL.
FONTE: DOMÍNIO PÚBLICO, 2024.

“[...] Esta revolta trouxe uma visibilidade muito maior para as minorias sexuais, e a adoção de uma consciência política e de orgulho; [...] As políticas de liberação gay dos anos 70 conseguiram o reconhecimento de certos direitos civis, e sobretudo a proliferação em muitos países ocidentais de organizações de gays, lésbicas e transsexuais.” (SAÉZ, 2005, p. 72, tradução nossa).

Essa política de integração desencadeada, ainda que bastante positiva, teve o peso de trazer consigo o ampliar da homonormatividade no discursos internos ao movimento, ao passo que também colocou ainda mais em evidência o debate pela busca e recuperação de um polimorfismo sexual prévio à repressão heterossexual das instâncias do poder, discurso tão inspirado na crescente visão libertária anteriormente mencionada. Se identificando enquanto envolta por um caráter queer, passou a advogar pela ideia da existência de uma “bissexualidade” prévia ao corpo humano que, mediante as restrições sociais impostas para normalização do desejo e da conduta sexual, foi extensamente reprimida, devendo ser objetivada novamente (GARCÍA, 2005).

Essas declarações só se viram mudar com o passar do tempo, e especialmente quando o movimento passou por advogar por uma segunda linha de pensamento: a chamada visão étnica. Esta passou a levar em conta, muito mais do

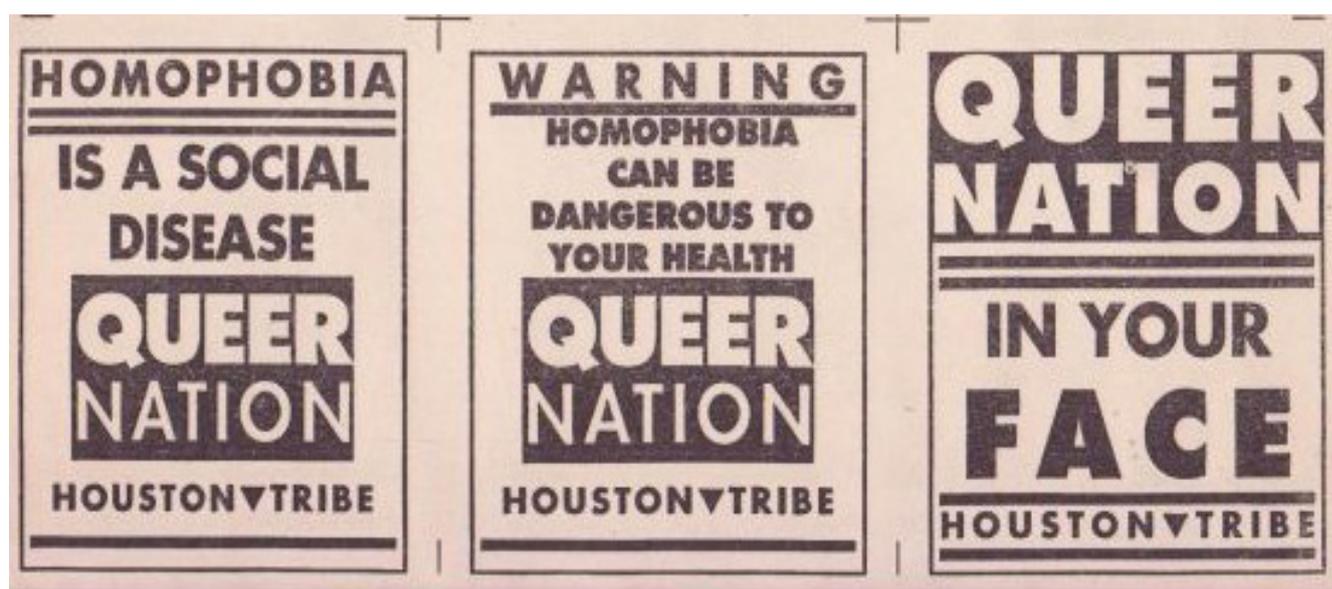
que um regresso à uma essência da sexualidade, uma outra tendência universalista: a afirmação da diferenças e das particularidades dos indivíduos (SPARGO apud LOURO, 2001).

Esse novo ponto de vista teórico provocou uma bifurcação do discurso interno do movimento. Ora por um ponto de vista lésbico de convocação de políticas baseadas na diferença sexual para construção de uma comunidade às margens da sociedade gerenciada inteiramente por mulheres; e ora por outro elaborado pelo próprio movimento gay, que indo contra o caráter unificador e assimilacionista lésbico, arguiu por uma política de acolhimento da diferença pela ordem social, capaz de integrar com mais facilidade os homossexuais (GARCÍA, 2005).

A aproximação proporcionada pela visão étnica compôs um breve período do movimento, até que encontrou resistência devido à instalação de alguns processos, como a crise interna do movimento feminista mediante uma crítica massiva produzida por negras e latinas ao modelo da identidade feminina propagado; e também devido aos debates sobre sexo disseminados pelas lésbicas, que exacerbou temáticas de práticas sexuais como o sadomasoquismo e pornografia em geral, ação criticada arduamente pelo movimento feminista. (GARCÍA, 2005).

Para além dessa crise, um outro processo de implosão também se viu internalizado no movimento gay, através da percepção da emancipação de uma identidade homonormativa

FIGURA 12: CARTAZES DA QUEER NATION.
FONTE: DAZED, 2024.



que não questionava os ideais convencionais - representada pela imagem de um homem viril, branco, monogâmico e de classe média. Bissexuais, intersexuais e transsexuais se viram às margens do movimento, destacando em suas falas a exclusão de diversas categorias e evidenciando ainda mais a marginalização provocada por esse mesmo dialeto. Como observa Guacira Lopes Louro:

“[...] Mais do que diferentes prioridades políticas defendidas pelos vários ‘sub-grupos’, o que estava sendo posto em xeque, nesses debates, era a concepção da identidade homossexual unificada que vinha se constituindo na base de tal política de identidade. A comunidade apresentava importantes fraturas internas e seria cada vez mais difícil silenciar as vozes discordantes.” (LOURO, 2001, p. 544-545).

Mediante o ocorrido, que resultou em mais uma fissura interna ao movimento gay, urgiu a necessidade de amplificação ainda maior do movimento, mediante à ascensão do que posteriormente ficaria conhecida enquanto a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS). A mesma, que surgiu em meados da década de 80, foi utilizada pela frente conservadora contra a causa, ao assimilar a infecção à uma doença provocada por gays e corpos minoritários - ou seja: o da mulher, usuários de drogas, negros, imigrantes ou de baixa classe social (SAÉZ, 2005).

A ascensão da AIDS agiu enquanto um voto renovador para ascensão da homofobia no contexto social, e impulsionou a produção intolerância e desprezo contra a camada marginalizada. Discutir sobre intolerância, inclusive se trata lidar diretamente com a abjeção, como relaciona Miskolci:

“[...] Alguém atento percebe como a problemática *queer* não é exatamente a da homossexualidade, mas a da abjeção. [...] A abjeção, em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é a comu-



FIGURA 13: PROTESTO DA QUEER NATION.

FONTE: MIRANDA SAYS, 2024.

nidade. O "aidético": identidade do doente de aids na década de 1980, encarnava esse fantasma ameaçador contra o qual a coletividade expunha seu código moral." (MISKOLCI, 2012, p. 24).

Ainda sim, alguns reconhecem que o surgimento da doença foi recebido de modo "positivo" pelos militantes que, para enfrentar o problema, criaram uma aliança profunda entre homossexuais e pessoas ligadas aos indivíduos atingidos vírus, como familiares, amigos, colegas de trabalho ou até sujeitos pertencentes ao campo médico (LOURO, 2001).

É nesse contexto que, como mencionado momentos anteriores, surgem organizações que miravam a formação de uma rede de solidariedade, como a **ACT UP** (*AIDS Coalition to Unleash*) e a **Queer Nation** que, numa atitude de revolta contra a intolerância e a inércia do governo de Reagan à questão da AIDS, buscaram promover uma politização mais profunda da comunidade. É nesse busca por uma pluralidade que devemos situar a formulação da Teoria Queer.

FIGURA 14: PROTESTO CONTRA RAEGAN.
FONTE: CITY JOURNAL, 2024.



1.2 • TEORIA QUEER E OS DISPOSITIVOS DE PODER

Falar especificamente da formação da “**Teoria Queer**” significa retratar a combinação de três correntes vigentes do campo acadêmico que estavam em alta: não apenas os estudos culturais norte-americanos, como também algumas disciplinas de filosofia e o pós-estruturalismo francês.

O surgimento do termo em si se dá a partir de fevereiro de 1990, mais especificamente quando a autora italiana Teresa de Lauretis o utiliza em uma conferência para elaboração de uma reflexão acima da vigente política identitária homossexual e dos estudos da sociologia que tratavam da “minorias social” (MISKOLCI, 2009).

A menção ao vocábulo em seu discurso se fez presente devido sua capacidade de amplitude. Como já mencionado na introdução, se referia à algo “**estranho**” ou “**anormal**”, um tipo de significado abrangente o suficiente que se viu abraçado pelo novo dialeto do movimento gay. As políticas queer, advindas da crescente denúncia da produção de um sujeito homonormativo no meio social, trouxeram consigo uma autocrítica à própria comunidade homossexual, se envolvendo em uma narrativa de caráter anti-assimilacionista e produzindo um meio teórico de enfrentamento direto aos regimes normativos através da produção de uma análise de espaços tipicamente marginais. Tal atitude proporcionaria o abraço de outras identidades e movimentos, como a pauta transsexual, bissexual, intersexual, não-binário e outros.

Esse movimento é reconhecido por adotar uma postura subversiva, uma vez que se utilizou de espaços e meios criados pela estrutura hegemônica para o estabelecimento de ação política, como práticas de denúncia e reivindicação. Isso se concretiza em alguns momentos através de alguns feitos, como as representações **Camp** de figuras e discursos da mídia global, por exemplo (BERLANT Y FREEMAN apud SAÉZ, 2005).

Um dos maiores influenciadores que agiram como referência no desenvolvimento da literatura da Teoria Queer foi o filósofo francês Michel Foucault (1976), responsável por introduzir em “**História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**” uma análise crítica do processo de fabricação do poder

e suas perversões.

Em sua lógica, o filósofo aborda a ideia de que o poder não segue uma linearidade como num processo hierárquico, mas que é exercido e composto por diversos agentes em uma rede complexa de relações que permeiam o meio social e atingem todos os indivíduos de forma comum. Não existiria portanto um sujeito responsável pela gestão do poder, mas sim um gerenciamento provocado por uma lógica interna ao mesmo, instituída na soma da ação de diversos sujeitos que se entremeiam entre si. É um processo no qual diversas técnicas e diretivas provocariam uma tipo de efeito coletivo. Ao alegar que antes o poder era compreendido enquanto uma relação provocada pela presença de dois indivíduos anteriores à ela, baseados em uma relação de dominador e dominado, propõe uma inversão: na realidade, os sujeitos são fruto da própria relação de poder, uma vez que para a instauração de um sistema hierárquico, deve haver uma outra categorização social desigual que agisse como base. Essa lógica percebe uma ligação intrínseca entre o poder e sua resistência, conferindo a produção de uma relação de interdependência: a resistência é fruto da própria malha de poder; uma instância que depende da existência da mesma para se constituir enquanto tal (SAÉZ, 2005).

A compreensão da existência de um ciclo de retroalimentação do poder lhe dá apoio à percepção de uma relação direta à outro tema: o advento do surgimento da sexualidade nos tempos modernos. É nesse momento qual o autor passa a compreender a sexualidade enquanto um tipo de ferramenta, um instrumento para regulação dos corpos usufruído pelas instituições legitimadoras do poder (OLIVEIRA, 2021).

O sexo, através dessa lógica, não seria ou viria a ser um meio de repressão; ao contrário, seria uma estratégia estimulada, que visava a elaboração de uma verdade sobre os corpos através da utilização de estratégias e procedimentos do poder-saber capazes de conferir a produção de uma verdade acerca do âmbito sexual nos corpos, como a fiscalização e a confissão. É o que o autor vêem a identificar vem a reconhecer enquanto a "***scientia sexualis***". Seu viés altera a compreensão da sexualidade, que deixa de ser reconhecida enquanto prática relativa à sodomia e passa a ser observada enquanto um dispositivo para produção de uma persona ou de um estilo

de vida - e por esse raciocínio, o corpo homossexual. Explica ainda como esse artifício foi utilizado pela burguesia para estimulação do trabalho e constituição da família monogâmica, dois mecanismos fundamentais ao mantimento e reprodução do processo de acumulação capitalista. Embora tenha sido ocasionalmente criticado, o trabalho de Foucault atuou como base a outros escritos, nos quais passou a ser aprofundado (GARCÍA, 2005).

Outros teóricos também serviram de base à produção da corrente teórica. É o caso do filósofo Jacques Derrida, que realizou uma abordagem pós-estruturalista por volta da década de 70 em "*Gramatologia*" (MISKOLCI, 2009).

Seu trabalho arguiu pela importância da implementação de um método desconstrutivista da linguagem, um olhar oposto às correntes filosóficas anteriores. Atuou enquanto crítica direta ao movimento estruturalista endossado na tese da Semiologia do filósofo e linguista Ferdinand de Saussure, que enxergava uma essencialidade intrínseca à formação da linguagem no meio social: o signo, elemento básico de comunicação humana, constituído enquanto a soma de um significante, que é som, imagem ou gesto; e o significado, o conceito a qual se refere (JABLONSKY, 2007).

FIGURA 15: MICHEL FOUCAULT.
FONTE: HH MAGAZINE, 2024.



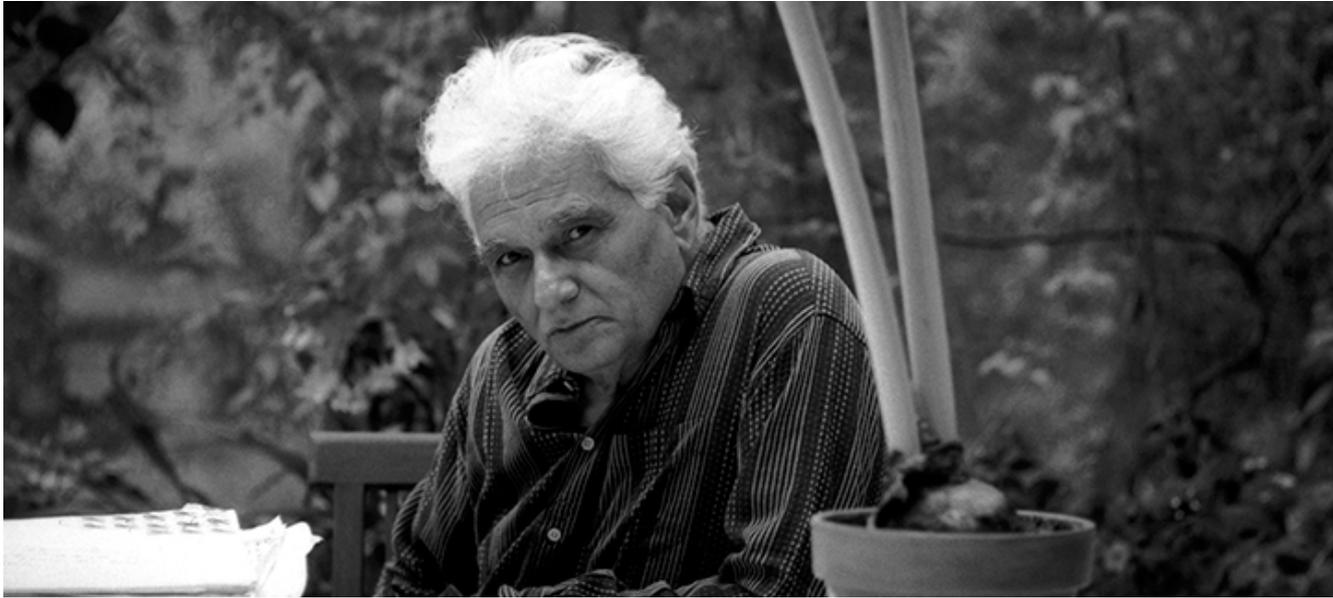


FIGURA 16: JACQUES DERRIDA.
FONTE: REVISTA CULT, 2024.

A inversão proposta por Derrida em sua abordagem reconheceu que o significante, ao ser evocado em um discurso por um sujeito, é baseado em um conjunto de premissas pertencentes ao indivíduo, quais serão percebidas por um receptor e decodificadas com base em uma outra pluralidade de interpretações. Ou seja, sua tese interpreta que evocar um significante tem por consequência uma produção infinita de significados.

Derrida ainda afirma que o que tem-se por significado, por sua vez, é uma cadeia de significantes acumulada ao longo de nossa experiência no mundo, que se relacionam e cristalizam em um conceito ilusoriamente sólido - quando, por exemplo, quando evocamos a ideia por trás da palavra "arquitetura", diversos significados imagéticos relacionadas são evocados, como o de um edifício, do concreto, conjuntos habitacionais ou elementos esculturais das cidades. Para ele, portanto, o signo nada mais é do que o resultado de uma soma infinita de significantes, e o significado por sua vez seria o traço mental resultado do jogo dos significantes - ou seja, as diferenças que observamos entre uma instância e outra no mundo (JABLONSKY, 2007).

Reconhecemos e categorizamos os elementos do cotidiano a partir da observação da diferença, provocada pela comparação em uma relação de binarismo intermitente perpetuadora de relações de dominância (homem/mulher; grande/pequeno;

hetero/homo; branco/preto; etc). Essa premissa, logo, serve de base para a formulação de um neologismo pelo autor, observado enquanto o “*Différance*” (suplementariedade, em tradução nossa).

Para Derrida, para que pudéssemos evitar a produção e manutenção dos binarismos típicos do sistema e reduzir os deslizes provocados pela ambiguidade e fluidez da linguagem, deveríamos adotar uma postura desconstrutivista perante a interpretação de textos e discursos, a fim de observar a múltipla significância evocada pelo corpo textual - uma espécie de análise textual. Suas ideias são consonantes e se veem adotadas pelas políticas queer, uma vez percebida a possibilidade de crítica e abalo da estrutura social hetero/homo através da evocação de procedimentos desconstrutivistas, ação que reforçaria ainda mais seu caráter anti-assimilacionista (MISKOLCI, 2009).

É a partir dessas contribuições que alguns teóricos queer começaram a produzir de fato a teoria, nomes como Eve K. Sedgwick, David M. Halperin, Michael Warner e Judith Butler. Estes foram responsáveis por agir destacando “[..] a centralidade dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo hetero/homossexual para a organização da vida social contemporânea, dando mais atenção crítica a uma política do conhecimento e da diferença” (MISKOLCI, 2009, p. 154).

Eve k. Sedgwick (1993) é um dos nome mais fortes, uma vez tendo elaborado de uma tese denominada ‘Epistemologia do Armário’. Seu trabalho traz à luz a compreensão da existência de pressões externas ao indivíduo homossexual pelas forças que dominam o poder, inferindo em quesitos como a visibilidade, imposição da palavra, instauração de segredos e outros fatores relativos à exposição da diferença em meio social, dominado sempre pelor uma heteronormatividade.

Revela em seus pensamentos a imposição intencional do silêncio pela malha heterossexual à comunidade gay e lésbica, ação que resultaria na estabilização de uma figura estigmatizada do sujeito homossexual. Essa percepção, inclusive, torna imperativo o fator de confissão, no qual exposição da identidade homossexual, agora idealizada, se tornaria associada à uma espécie de escândalo. Dentre uma extensa abordagem, Sedgwick expõe ainda a existência de uma política de enunciação no meio social, uma luta intermitente

entre elementos que reivindicam sua legitimidade para definição dos significados acerca do sujeito na campo social (SEDGWICK, 1993).

Outro grande nome da Teoria Queer que também teceu grandes avanços à sua discussão é a Judith Butler, quando publica o famigerado "*Problemas de Gênero*".

A autora caminha paralelamente à Foucault enquanto da lógica do poder para "explicar as categorias fundacionais de sexo, gênero e desejo como efeitos de uma formação específica de poder" (BUTLER apud OLIVEIRA, 2021, p. 7). Reconhecendo a instauração dos procedimentos do poder-saber para sustentação de uma matriz regulatória dos corpos, adiciona ainda a perspectiva de Derrida, transforma a complementariedade e a metodologia desconstrutivista em ferramenta para análise das estruturas binárias.

Seu trabalho visa a produção de uma crítica que problematiza um dos principais ideais do movimento feminista: a existência de uma relação fundamental entre os dualismos sexo/gênero e natureza/cultura, nos quais sexo e gênero seriam instâncias apreendidas biologicamente, e a cultura enquanto fruto de um construto social (FIGUEIREDO, 2018).

A autora surpreende ao formular "que o gênero seja produzido discursivamente a partir das relações de poder e, especificamente, em meio às restrições normativas que produzem e regulam os corpos" (OLIVEIRA, 2021, p. 7).

Através desse pensamento, Butler passa a sugerir uma incoerência na percepção do corpo masculino enquanto invólucro de uma identidade masculina, relatando a mesma problemática em termos femininos. Provoca consequentemente uma desestabilização dos conceitos de gênero, que não poderiam mais ser apreendidos enquanto uma expressão do sexo. Essa argumentação se viu acolhida por narrativas de múltiplos subgrupos, como o movimento transsexual, super estigmatizado pelas feministas radicais enquanto um "conjunto de traidoras" e "espécies de homens disfarçados" (GARCÍA, 2005).

Apreende, logo, que o conceito por trás do gênero nada mais é do que um efeito que advém da repetição ininterrupta de práticas discursivas e normativas sobre os corpos, que acabam materializando e estabilizando uma espécie de ilusão. (BUTLER, 2010).

O gênero, portanto, não mais seria um construto

FIGURA 17: EVE KOSOFSKY SEDGWICK.
FONTE: ROBERT NIDEFFER, 2024.





FIGURA 18: JUDITH BUTLER.
FONTE: COMCIÊNCIA, 2024.

estável baseado em princípios naturais, mas sim um tipo de performance realizada pelos corpos no meio social, que ao se ver repetida no cotidiano, se estabilizaria. Esse debate, inclusive, utiliza de uma das frases mais célebres produzida em anos anteriores por Simone de Beauvoir: “não se nasce mulher; torna-se uma”. A autora exemplifica ao longo de seu trabalho a veracidade de sua tese através da performance realizada pelas drags, que num efeito paródico, simulam os traços demarcados pelo gênero feminino através da estilização do corpo. Mesmo compreendendo a performance enquanto uma síntese ou simplificação em comparação ao que viria a ser o performativo - isso é, uma verdadeira incorporação dos parâmetros que definem o sujeito - a autora destaca sua importância frente à necessidade do reconhecimento perante a malha heterossexual, instância perpetuadora da relação normativo/desviante e produtora de “sujeitos que não importam”: os corpos queer, ou como aborda em seu neologismo, os corpos abjetos (OLIVEIRA, 2021).

Em termos gerais, tem-se que a Teoria Queer trouxe consigo o enfoque na produção de uma crítica sistematizada à análise da produção e categorização de indivíduos no meio social, tendendo a focar sua atenção no espaço periférico e na importância da margem social. Seu objetivo era o enfrentamento direto das tendências normatizadoras, garantindo um olhar atencioso à periferia, responsável pela produção de resistências que demandavam a produção de ação política para o proporcionamento de equidade social.

C A P Í T U L O D O I S

**POR UMA
ARQUITETURA
QUEER**

ADORNO, SEXO OU OBJEÇÃO?

2



FIGURA 19: CASAL GAY EM PARADA DO ORGULHO.
FONTE: STEVE EASON, 1998.

2.1 • GÊNERO COMO GATILHO

Os anos 1990 começaram academicamente renovados após o eclodir da Teoria Queer. O avançar de um olhar investigativo sob à questão do gênero, sexualidade e sua relação direta com o meio social agiu como porta para a discussão da temática em variados campos de estudo, dentre eles a psicologia, geografia, discussões políticas e até mesmo o campo da arquitetura e urbanismo. Inclusive, adentrou o nosso campo em momento oportuno, que já entregava teorias que incorporavam a terceira onda feminista. Em um breve momento antes de sua incorporação, autoras já discutiam e teciam críticas acerca da presença de um elevado androcentrismo na profissão e nos projetos por ela concebidos.

A cidade, na discussão feminista, passava a ser observada enquanto agente de manutenção do patriarcado, uma vez que seu método de composição denotava a existência de um mecanismo de perpetuação de espaços sexualizados - a mulher, voltada sempre ao interior, privado e doméstico, enquanto que o homem ao oposto, logo, ao exterior, público, e urbano. É um ponto de vista que se vê reforçado por muitas teóricas, dentre elas Beatriz Colomina e Diana Agrest, quais detêm boa parte das publicações referentes ao tema.

FIGURA 20: BEATRIZ COLOMINA.
FONTE: CCA, 2024.





FIGURA 21: "O SEGREDO DA PORTA FECHADA".

FONTE: THE COLLINSPORT HISTORICAL SOCIETY, 2015.

Ambas inclusive estiveram presentes em uma mesa redonda proposta por Colomina em 1990, denominada "**Sexuality & Space**". O seminário, cujo resultou dois anos depois na produção de livro homônimo, viu-se dotado de contribuições de outras arquitetas, e é reconhecido como marco nesse debate (CARMONA, 2020). Ao passo que discutem uma crescente reconhecimento das questões do gênero, Colomina explicitou ainda a ausência de trabalhos no meio que relacionassem as questões também de sexualidade:

"[...] Mas apesar da crescente reciprocidade e troca de ideias, a questão da sexualidade continua possuindo uma ausência evidente. Todo tipo de trabalho sobre representação e desejo desenvolvido nos últimos quinze anos por teóricas feministas foram conspicuamente ignorados no discurso e na prática arquitetônica." (COLOMINA, 1992, introdução, tradução nossa).

Um dos exímios textos do exemplar é o "**The Split Wall: Domestic Voyeurism**", escrito pela própria Beatriz (1992). A autora realiza uma primeira aproximação aos problemas da privacidade doméstica (enfrentada também pelo corpo queer) através da abordagem de questões arquitetônicas que lidam diretamente com o corpo e o binário interior-exterior. Através da percepção de um domínio público intrínseco ao espaço interno domiciliar - uma espécie de "auditório", uma caixa de teatro - discute como essa configuração facilita a fiscalização do corpo dentro do ambiente residencial e o mantém longe do olhar externo, principalmente no que diz respeito ao corpo feminino. A mesma haveria de ser realizada através de estratégias diversas, como da setorização de ambientes através da elevação de piso, posicionamento estratégico do mobiliário ao centro da residência e limitação das janelas apenas enquanto um artifício de iluminação em detrimento sua visualização do exterior. A promulgação desse "auditório" acabaria por definir o espaço privado enquanto sagrado, um ponto de controle. Ao se valer de exemplos como a Casa Moller, a autora ainda realça uma pressão pela privacidade das questão sexual dentro da residência:

“[...] A alcova elevada da casa Moller e o Zimmer der Dame da casa Müller, por outro lado, não só dão visibilidade para os espaços sociais, mas como também estão posicionados exatamente no final da sequência, no limiar do privado, do secreto, onde jaz os quartos superiores quais a sexualidade se faz escondida. Na intersecção do visível e do invisível, as mulheres são colocadas como guardiãs do indizível.” (COLOMINA, 2000, p. 316, tradução nossa).

A discussão da autora escancara uma produção arquiurbanística extremamente ditada pelo o que deve ser público ou privado, a ponto desta relação acabar por adentrar a arquitetura para garantir a manutenção do que pode ou não ser exposto. O interior passaria então a transmitir uma ideia de conforto através do controle da intimidade, filtrando o que deveria ser exibido pelo corpo feminino, e diga-se de passagem, pelo corpo queer (COLOMINA, 1992).

Seu texto não é o único que permite uma aproximação da temática dos problemas que envolvem o gênero e a arquitetura. Dentre vários outros exemplares, um que também alimenta a perspectiva feminista e estabelece uma ligação inicial à temática da sexualidade é o "**Architecture From Without: Body, Logic & Sex**" de Diana Agrest (1993), que discorre acerca de vícios que permeiam a prática arquitetônica e evidencia um claro antropomorfismo e o falocentrismo amplamente disseminados na disciplina.

Seu trabalho trabalha a evidenciação de uma construção ideológica presente pensamento arquitetônico, que foi e continua sendo guiada por lógicas idealistas somadas a um sistema concomitante de repressão do corpo feminino. Explicita que as mulheres sofrem dois tipos de repressão: uma produzida através da superioridade do sexo masculino (o falocentrismo), e através da neutralização do sexo do agente arquiteto - onde, no momento qual o artista passa a ser entendido enquanto entidade assexuada, é impedida uma possível relação entre a produção arquitetônica e o corpo feminino (AGREST, 1993). Escancara como essa relação de poder se vê amplamente disseminada, vinculando ainda a problemática ao corpo queer:

“[...] A sociedade estabeleceu um certo tipo de ordem simbólica onde nem todos se encaixam igualmente. Há os que se encaixam e os que têm de encontrar o seu lugar entre as ordens simbólicas, nos interstícios; eles representam uma certa instabilidade. Estas são as pessoas muitas vezes chamadas de estranhas, anormais ou perversas, que acabaram rotuladas enquanto neuróticas, extáticas, estranhas, bruxas ou histéricas. De maneira estranha, a mulher foi colocada nesta categoria quando tentou estabelecer a sua presença, em vez de tentar limitar-se a encontrar uma forma de 'se encaixar' na ordem simbólica previamente estabelecida.” (AGREST, 1993, p. 359, tradução nossa).

É essa lógica que a autora utiliza para problematizar postulados de referência, como o do Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci - que, em sua lógica, percebe no corpo masculino um referencial ideal de beleza, proporção e simetria à ser adotado na produção de edifícios, uma espécie de estêncil. A partir do momento em que, inconscientemente, o corpo masculino passa a ser visualizado enquanto padrão ideal a ser utilizado, um sistema abstrato de formalização para as regras e configurações arquitetônicas futuras, é realizada uma operação de exclusão da figura feminina, lida conseqüentemente como desproporcional e imperfeita. A relação de poder proporcionada por essa referenciação atinge o discurso de poder promulgada na teoria arquitetônica no geral, levando à produção inconsciente de um sistema hierárquico (AGREST, 1993).

Seu trabalho discorre ainda acerca de uma segunda forma de repressão, tal qual a mesma nomeia enquanto uma “**operação transsexual**”: a da relação entre a capacidade de geração de vida do corpo feminino e a produção da obra do arquiteto. Ao analisar alguns trabalhos de Filareti, a autora exprime uma inversão de papéis, na qual o corpo feminino se vê usurpado das suas habilidades naturais de concepção, reprodução e nutrição, agora incorporadas à figura do arquiteto. Ao comparar a concepção do projeto arquitetônico à gestação da mulher e vincular a manutenção da estrutura

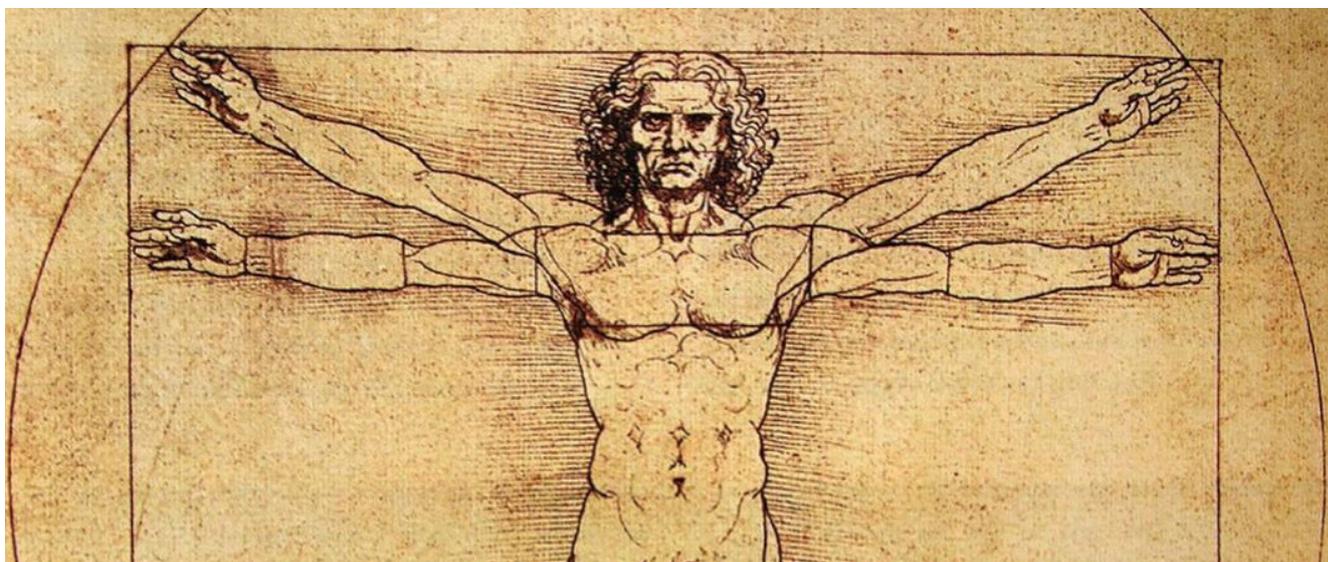


FIGURA 22: HOMEM VITRUVIANO.
FONTE: ISTÓE INDEPENDENTE, 2024.

da cidade à nutrição provida pelo cordão umbilical, o corpo da mulher se vê suprimido, oculto e substituído pela figura do arquiteto, em mais uma ação inconsciente promulgadora de códigos falocêntricos (AGREST, 1993).

É perceptível através da observação da fala de ambas as autoras uma extrema consistência na discussão do gênero, onde, aliadas à outras que também detiveram um papel ativo durante a produção de escritos nos anos 90, desenvolveram um amplo legado reproduzido até hoje. Ainda sim, os traços de uma possível discussão relacionada à sexualidade foram extremamente rasos, uma vez que sempre se priorizaram à questão da mulher. A abordagem principal da temática apenas é provocada anos depois também por Beatriz Colomina, mais especificamente em Junho de 1994, numa exposição nomeada enquanto a “**Queer Space Exhibition**” (Exposição do Espaço Queer, tradução nossa) em Nova Iorque. A teórica, aliada à outros interessados (como a própria Eve Sedgwick, Henry Urbach, Mark Wigley e outros), foram responsáveis pela instalação, uma exposição itinerária em homenagem aos 25 anos da Revolta de Stonewall que buscou induzir a investigação e a própria produção de um espaço arquitetônico queer exemplar (VALLERAND, 2014).

O impacto do evento se deu através da exposição de ideias, projetos fictícios e textos que relacionassem o significado dos termos "queer" e "space", criando um vínculo entre ambos e demonstrando seu potencial de existência dentro da malha

urbana. Oliver Vallerand percebe ainda essa iniciativa enquanto fundamental, uma vez que a exposição poderia servir enquanto exemplificadora dos desafios referentes à produção desse tipo de espaço - uma referência - já que se tratava de uma novidade dentro das teorias arquitetônicas:

“[...] Os arquitetos enfrentam dificuldades ao tentar moldar novas formas de arquitetura que abordem as críticas queer; a utilização de instalações temporárias pode, portanto, ser também uma forma de introduzir com clareza observações e desafios da normatividade dos espaços domésticos, bem como ser uma forma de contornar as dificuldades do alavancar de um projeto inovador.” (VALLE-RAND, 2014, p.76, tradução nossa).

A exposição fez-se composta de diversos trabalhos: a respeito da relação entre externo e interno, com o projeto “Open Space” de Martha Judge e Gordon Brent Ingram, que referenciava aos postulados feministas; à respeito da

FIGURA 23: CARTAZ DA 'QUEER SPACE EXHIBITION'.

FONTE: GORDON BRENT INGRAM, 1994.

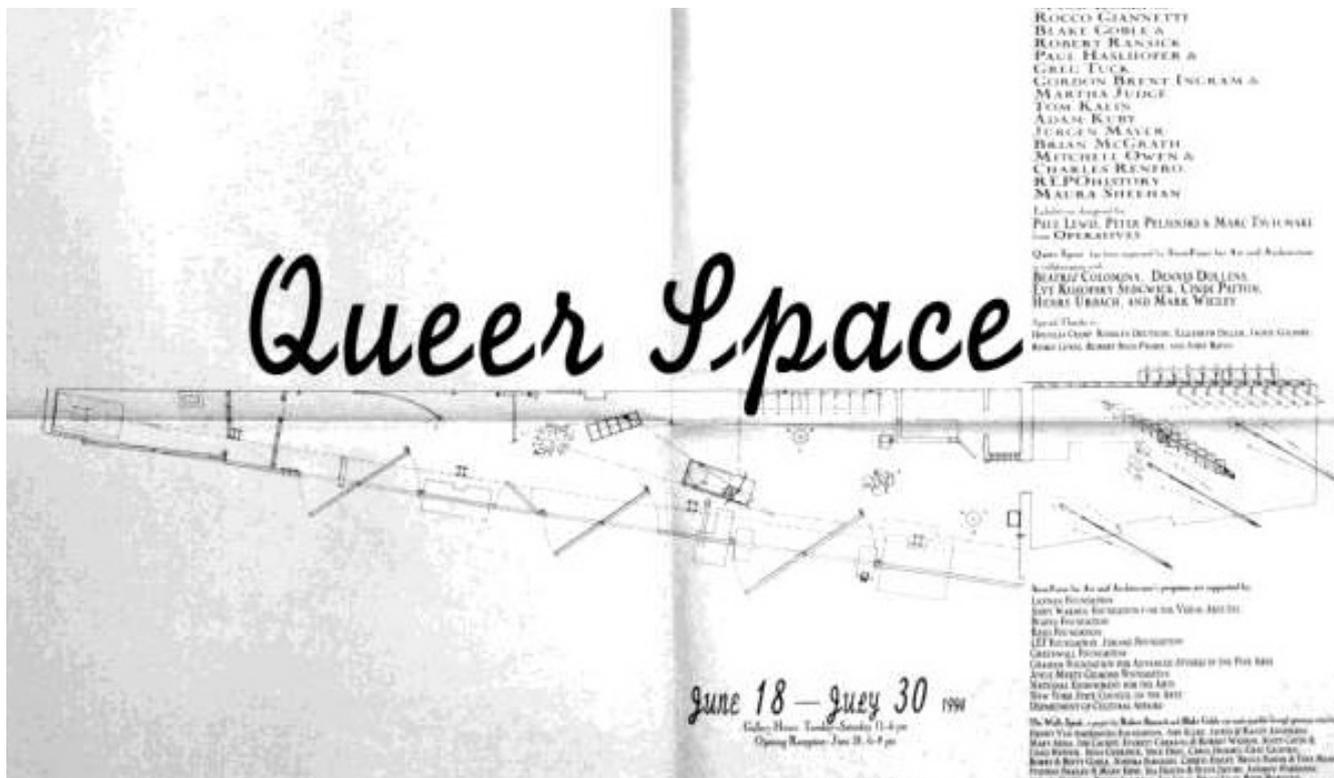




FIGURA 24: "QUEER SPACE EXHIBITION".
FONTE: GORDON BRENT INGRAM, 1994.

invisibilidade queer perante o espaço normativo da cidade, uma abordagem de McGrath sobre os múltiplos pontos de vista da vivência em Nova Iorque; e até mesmo um promovido pela *REPOhistory's signs project*, de Elmgreen e Dragset, projeto qual se estendia à urbano para demarcação de locais politicamente associados à presença ou violência contra a população LGBTQIAPN+ (VALLERAND, 2014).

De modo concomitante, ocorria também a "**Design Pride '94**", uma conferência organizada pela *The Organization of Lesbian and Gay Architects and Designers*, fundada em 91. Com objetivos similares e também enquanto símbolo de comemoração do início da New York Gay Games, a conferência emergiu como surpresa e abordou questões como marginalização de designers negros e lésbicas, além da exposição de trabalhos diversos produzidos por arquitetos e designers da comunidade (LASKER, 1994).

As exposições, ainda que ausentes de um resultado concreto, introduziram uma leitura inclusiva do espaço através da elucidação de um vínculo entre a sexualidade e meio físico e metafísico. Mesmo que envoltas de pouca repercussão e executadas por um curto período de tempo, agiram de modo suficiente à um abraço por parte da teoria arquitetônica, precedendo uma larga produção de pesquisas que continuaram trazendo atenção para um conjunto de questões teóricas pouco discutidas dentro do campo construtivo.

2.2 • A SEXUALIDADE DA ARQUITETURA

Reiterando observações do tópico anterior, é bastante difícil reconhecer um momento exato no qual as publicações arquitetônicas passam a abordar uma narrativa coerente acerca da agenda queer dentro do campo. Isso se dá principalmente devido à uma confusão ocasionada com o agregar do tema à disciplina, visto que os teóricos da época em grande parte associavam a palavra "queer" como sinônimo de homossexual - ou mais especificamente, enquanto sinônimo de homem gay cisgênero. É uma percepção plausível e concomitante à vasta homonormatização previamente discutida, que estabilizou o homossexual branco de classe média enquanto figura representativa da pauta e ofuscou ainda mais o intuito de ampla visibilidade dos diversos gêneros e sexualidades idealizado pelo debate identitário promulgado na década de 90. Tratar de uma expressão arquitetônica que adotasse um foco além da imagem homonormatizada foi uma atitude quase que inexistente, e quando vinha a ocorrer, seguia acompanhada de um forte teor antropológico, em escritos voltados à constituição da cidade e suas formas de ocupação - uma linguagem bastante explorada em textos produzidos pela geografia cultural. Os que tratavam de arquitetura propriamente apenas se veem iniciados através de literaturas produzidas no fim dos anos 90, mais especificamente por escritos elaborados por Aaron Betsky, Joel Sanders e Christopher Reed (CARMONA, 2020).

Cottrill (2006) chega ainda a classificá-los enquanto uma primeira linhagem de teóricos propagadores de dois campos diferentes dentro da teoria do espaço queer: a de um espaço sexualizado, difundida por Betsky e Sanders, e do espaço político-sexualizado, abordado por Reed.

Betsky trata do assunto especificamente no livro publicado especificamente para essa área, intitulado enquanto "**Queer Space**" (1997). Ainda sim, em momentos anteriores, o autor já uma iniciativa de abordagem do tema, através de seus pensamentos expostos em uma publicação anterior, "**Building Sex**" (1995).

O autor em momentos iniciais discute a lógica de formação das cidades, relacionando o papel do gênero no processo. Para

entender a sintaxe espacial básica enraizada nas urbes, acaba relacionando uma narrativa que toma por partido absoluto a dicotomia masculino/feminino, desenvolvendo uma análise extremamente limitada e viciada em vícios essencialistas pré-queer. Isso é passível de observação, por exemplo, quando o autor observa que “a divisão é a realidade do mundo em que vivemos: homens dominam o exterior, e a mulher o interior” (BETSKY, 1995, página xiv, tradução nossa).

Esse tipo de percepção se vê explorado também mais à frente, como quando equipara o espaço edificado à um caráter masculino devido sua aparência frio e imponente; os espaços opostos e de escape diário, como praças e o interior, acabam por essa lógica correlacionados à uma entidade feminina. Ele vem a compreender que, inclusive, a sexualidade feminina é capaz de ser equiparada à “qualquer meio vinculado à cultura, natureza e ao próprio sexo” (BETSKY, 1995, página xiv, tradução nossa), visão especialmente criticada por modelos anteriores.

O autor desenvolve uma discussão paradoxal onde, ao passo afirma uma “verdade absoluta” acerca da cidade pautada na divisão do gênero, demonstra uma vontade de superação dessa teoria. Vale-se da observação de manifestações de uma arquitetura pré-histórica e sua evolução, como da

FIGURA 25: QUARTO DE PETER HERWEGEN.
FONTE: AARON BETSKY, 1997.



própria construção da fogueira, (onde se torna difícil criar uma hierarquia de poder em relação à posição espacial imediata) para desenvolver uma perspectiva crítica à dicotomia interior/exterior, mas acaba atado à um tipo de discurso bastante produzido em tempos anteriores ao da formulação da Teoria Queer. É um problema que nos leva a questionar sua argumentação: uma provável não superação do discurso enraizado na teoria arquitetônica vigente. Ainda que demonstre a vontade de superá-lo, o autor acaba não o realizando, pondo seu trabalho em local de crítica.

É apenas no fim deste trabalho que constata-se argumentos que tratam de um outro provável tipo espacial evocado pelo que o autor vem a reconhecer enquanto um “terceiro sexo”: o espaço/arquitetura queer. Ao passo que cita estar ciente de algumas questões que já se faziam presentes na produção da Teoria Queer - como das discussões que definem o próprio conceito de ciborgue ou dos postulados produzidos por Butler -, o autor demonstra entender o espaço e arquitetura queer enquanto uma manifestação espacial avessa à lógica demonstrada em seus argumentos, um local onde alguém poderia entender que “o desejo não é um destino biológico, ou até mesmo papel social” (BETSKY, 1995, p. 207, tradução nossa). Passa a compreendê-lo enquanto um tipo arquitetônico responsável por comportar múltiplas possibilidades de liberdade e fantasia, uma espécie de utopia perante o modelo construído:

“[...] Como seria esse espaço? [...] Seria uma crítica ao mundo que reproduzimos, que se infiltra no próprio ato do fazer. Seria uma arquitetura experimental, uma sedução sexy em mundos possíveis, perigosos e encantadores. Seria um espaço livre aonde poderíamos nos construir juntos.” (BETSKY, 1997, p. 201, tradução nossa).

Esse contexto discutido em seu primeiro trabalho há de funcionar enquanto panorama para o desenvolvimento de “**Queer Space**” (1997), produzido e publicado dois anos depois. O mesmo, responsável por inaugurar uma discussão acerca do tema, aborda um recorte bastante limitado da comunidade queer: a do espaço experienciado pelo homem gay cisgênero.

Betsky dá partida à exposição dos conceitos que relaciona ao espaço queer através do artifício de uma experiência pessoal: uma visita que realizou enquanto estudante ao Studio 54, clube gay situado em Nova York. O autor percebe no clube um exemplo do que poderia haver de ser uma arquitetura queer, uma espécie de mundo alternativo ou universo onírico responsável por permitir uma vasta liberação do sensual:

“[...] É uma espécie de espaço que considero libertador e que penso que poderá ajudar-nos a evitar algumas características aprisionantes da cidade moderna. É um espaço inútil, amoral e sensual que vive apenas na e para a experiência. É um espaço de espetáculo, consumo, dança e obscenidade. É um uso indevido da deformação de um lugar, uma apropriação dos edifícios e códigos da cidade para fins perversos. É um espaço entre o corpo e a tecnologia, um espaço de puro artifício.” (BETSKY, 1997, p. x, tradução nossa).

Sua visão ilustra o espaço queer enquanto extensão da erotização do corpo humano, definindo o corpo enquanto artifício para criação e propagação desse tipo arquitetônico. A sexualidade humana haveria de ser responsável pela manifestação dessa tipologia, à medida em pronuncia que “o objetivo do espaço queer é o orgasmo” (BETSKY, 1997, p. 17, tradução nossa). É através desse argumento que induz uma extensa observação de edifícios e locais públicos no qual a sexualidade poderia ser experienciada de modo livre pela população particularmente gay, sem realizar qualquer esforço para associá-los à uma realidade propriamente queer. Ao discorrer que “homens queer promoveram um “queering” do espaço se utilizando de técnicas emprestadas de muitas outras fontes [...]” (BETSKY, 1997, p. 17, tradução nossa), localiza o passo masculino um patamar à frente feminino, dialeto que age de acordo com sua concepção de constituição da cidade abordada em seu livro anterior, e demonstrando mais uma vez certa dificuldade de desvinculação do modelo binário. Afirma ainda que as lésbicas não constituem mais facilmente um espaço para si devido à sua posição de desvantagem



com relação aos homens, relacionado os atributos - também financeiros - que homens gays possuem. Esse tipo de abordagem já havia encontrado bastante resistência em momentos anteriores, visto que diversos autores da Teoria Queer já problematizavam em suas teses o olhar elitista acerca da comunidade queer, que deveria resistir à lógica de produção. (BETSKY, 1997).

Betsky em seguida trata de uma observação do momento exato qual o espaço queer se forma: perante a observação no espelho. Após a observação do reflexo do corpo, vastamente ornamentado após a saída do armário, o homossexual haveria correr atrás dos desejos ali estabelecidos, ação que se estenderia ao espaço urbano. Pela sua interpretação, é numa busca pelo excesso e extravagância provocada pelo próprio corpo qual a comunidade gay haveria de buscar espaços qual pudesse desfrutar de sua sexualidade - ou seja, aqueles imersos em um design exagerado e exuberante. É aí que o autor traça uma ampla linha do tempo, que parte da análise de espaços elaborados desde primórdios do século XX, com a representatividade de espaços que detenham de amplo caráter colecionista, aristocrático ou até orientalista (BETSKY, 1997). O autor constrói um vínculo entre a estética do excessivo e o desejo homossexual, uma abordagem vai

FIGURA 26: PORÃO DE GEORG DOLLIMAN.
FONTE: AARON BETSKY, 1996.

bastante de encontro com as ideias propostas no artigo de Susan Sontag (1964), "**Notes on Camp**", no qual a autora evidencia a ausência de qualquer forma de naturalidade no modelo estilístico. O "**Camp**" seria urbano por excelência, deixando fácil de entender o porquê da autora correlacionar o estilo, por exemplo, aos trabalhos de Antonio Gaudí.

Se valendo desse ponto de vista, promove uma análise acerca de variadas obras, perpassando inclusive pelo movimento moderno. A "**Glass House**" de Phillip Johnson enquanto exemplo de uma arquitetura queer. Não bastasse a elucidação das cortinas de vidro enquanto uma representação singela do "espelho" mencionado anteriormente, as cortinas de seda rosa do edifício e o próprio fato do autor ser homossexual aparentam elevar o status da residência enquanto um exímio exemplar.

Em momentos finais de sua discussão, o autor identifica um certo medo pelo fim do espaço queer, não por uma questão teórica, mas por uma característica própria de dissolução desse tipo arquitetônico. Observada enquanto entidade descentralizada, a SIDA houve de contribuir ainda mais para esse status, agindo enquanto barreira à manifestação da sexualidade. O homem gay dentro do sistema capitalista e estigmatizado enquanto propagador do vírus, precisaria

FIGURA 27: "GLASS HOUSE", POR PHILLIP JOHNSON.
FONTE: DIVISARE, 2024.



portanto de ser invisibilizado, ação que culminaria na progressiva destruição de uma espacialidade democrática (BETSKY, 1997). Esse ponto de vista é um tanto problemático, observado que o movimento formado no advento da pandemia da SIDA levou à manifestação de vários locais de resistência para presença do corpo infectado. Ainda sim, temendo por um possível fim desse tipo espacial, observa um ponto de atenção: a defesa de uma visão do espaço queer desprendida de construções que a definam. O autor argumenta que os primeiros espaços queers foram becos e vielas, locais escuros e públicos quais o homem gay reproduziu o "**cruising**" como forma de relacionamento:

“[...] Pela sua própria natureza, o espaço queer é algo que não é construído, apenas implícito e geralmente invisível. O espaço queer não garante com segurança um local claro e ordenado para si mesmo. É totalmente ambivalente, aberto, autocrítico ou irônico e efêmero. O espaço queer muitas vezes não é ordenado a ponto que você possa reconhecê-lo e, quando isso acontece, parece uma reviravolta irônica ou retórica.” (BETSKY, 1997, p. 18, tradução nossa).

Por essa retórica, o autor induz e finaliza que a arquitetura queer não deveria ser objetivada ou expandida, tido a compreensão de que a comunidade queer advém acompanhada de apropriação de formas espaciais. Carmona (2020) reconhece esse enquanto um dos pontos mais fortes da tese de Betsky: a de que a oclusão e não incentivo à não visibilidade da arquitetura queer determine seu potencial de expansão.

Em contrapartida, o espaço sexualizado desenvolvido por Betsky é ponto de inicial de crítica na análise realizada por Christopher Reed (1996) em "***Imminent Domain Queer Space in the Built Environment***". Apoiado em argumentos realizados por Benjamin Gianni, Scott Weir e pela própria crítica proposta na exibição "Queer Space" ocorrida em 1994 em Nova York, o autor observou uma contradição no espaço queer: o de que o mesmo seja percebido muito mais como produzido por um

processo relacionado à questão identitária, um tipo espacial que vincula o sexo ao meio político. Ao se exemplificar da *"There Is No 'Queer Space', Only Different Points of View"* de Brian McGrath, discorda do ponto de vista de que elementos arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos pudessem dotar de um signo que os caracterizassem enquanto uma exemplo arquitetônico queer, ao mesmo tempo que não foge da ideia de que existam sim espaços e obras arquitetônicas reconhecidas enquanto tal devido sua imersão na sexualidade humana. Alguns espaços podem ser tidos enquanto mais inclusivos que outros, sem que nenhum fosse totalmente homogêneo perante a presença ou ausência queer.

Visto que a identidade seria uma questão intrínseca ao ser humano e que se manifestaria exclusivamente nos domínios do corpo, atingindo nosso modo de habitar e usufruir do espaço ao nosso redor, o que definiria uma arquitetura enquanto queer seria o modo como esta atua frente à luta pela visibilidade do corpo queer, lhe dotando de extenso caráter metamórfico quanto à sua plástica e localidade. O conjunto de marcas e traços deixados pela presença coletiva queer seria a responsável pela produção desse tipo de leitura espacial, definindo esse território portanto como fruto de um processo de resistência, exemplo claro de iminência:

"[...] Em suma, nenhum espaço é totalmente queer ou completamente inqueerável, mas alguns espaços são mais queer que outros. [...] mais fundamentalmente, o espaço queer é um espaço em processo de, literalmente, conquista, de reivindicar território". (REED, 1996, p. 64, tradução nossa).

Ao longo de seu texto, explicita ainda alguns dos modos do estabelecimento dessas marcas e traços: um incentivo ao resgate de centros históricos para usufruto LGBTQIAPN+, relação com momentos passados da história queer ou até da utilização de variados símbolos no próprio meio urbano, que também seriam responsáveis pela reivindicação do direito àquele espaço ou objeto arquitetônico. Toma enquanto exemplo inclusive a própria adição de bandeiras gays em locais públicos ou o próprio *"Homomonument"* de Karin Daan, qual usufrui de triângulos rosa, apropriadas do movimento nazista e

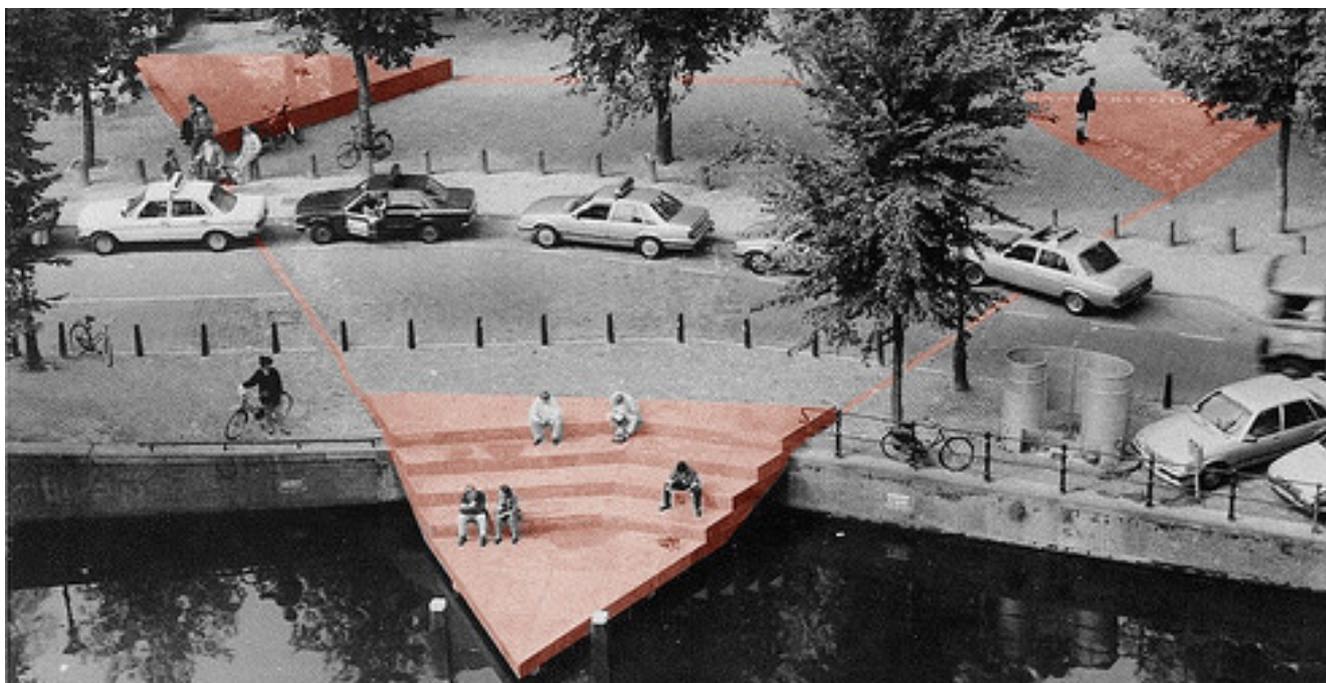


FIGURA 28: "HOMMONUMENT".

FONTE: ARCHDAILY, 2024.

espalhados pela cidade para promover de uma reflexão quanto à advenços históricos de repressão sofridos pela população LGBTQIAPN+ (REED, 1996). Temos que reconhecer que essas são estratégias que não se fazem cabidas à todo e qualquer tipo de contexto, sendo ponto de crítica em seu trabalho.

Ainda sim, um dos pontos mais fortes de sua análise é a ampla ressalva que realiza com relação à vida dos corpos queer, invisibilizada pela mídia global e "análise vanguardista da geografia cultural" (REED, 1996, p. 66, tradução nossa). Esta é tratada pelo autor enquanto fator definitivo para classificação dos espaços inclusivos, uma vez que havia uma restrição por parte da produção acadêmica - estudar estes tipos territoriais envolvia limitar-se à compreensão de espaços característicos do estereótipo da população heteronormativa: os da realidade do homem gay branco e rico (servindo como crítica pontual ao trabalho elaborado por Betsky e de outros autores que abordaram o que até então seria reconhecida enquanto uma *"gay eclectic"*, ou eclética, gay, tradução nossa.). Indo na contramão da abordagem do campo, o escritor aproxima muito mais a arquitetura da Teoria Queer justamente à medida que visualiza uma fluidez inerente a esse tipo espacial, ampliando a leitura do senso comum para muito além dos bares gays e saunas. Em sua construção

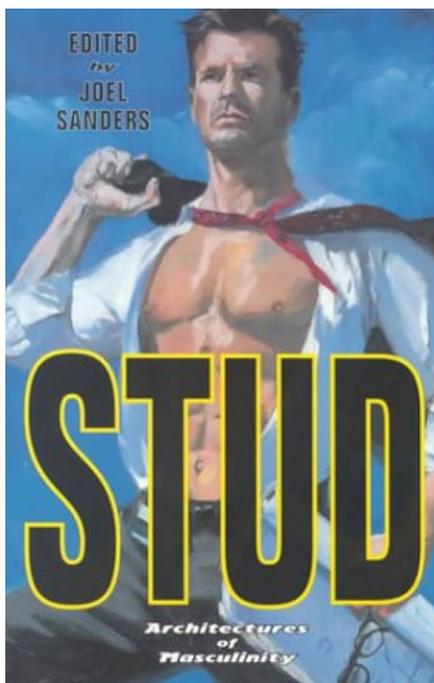
argumentativa, passariam a ser integrantes também dessa manifestação espacial as organizações políticas, grupos de estudo, espaços de ativismo e habitação, ampliando as fronteiras para além de uma visualização puramente estética. Não itinerante ou invisível aos olhos, a arquitetura queer seria fruto de processo de resgate, caberia ao próprio ato de reivindicação (REED, 1996).

De modo concomitantemente à crítica anterior, Joel Sanders (1996) lança seu livro e passa a ser reconhecido enquanto um dos primeiros a tratar exclusivamente da sexualidade masculina e seu desdobrar na arquitetura. "**STUD: Architectures of Masculinity**" é tido pelo autor enquanto representativo de uma reação individual e ao mesmo tempo coletiva perante a desigualdade social provocada durante a pandemia da SIDA e o antagonismo típicos das forças políticas que dominavam os poderes municipais, estaduais e federais locais. Sua publicação, logo, haveria de agir enquanto um manifesto, ao passo que evidenciava exemplares arquitetônicos que fossem responsáveis pelo desencadear ou desenvolver das múltiplas formas da sexualidade masculina.

Num teor que se diferencia da abordagem de Betsky, o autor deixa claro que não adota por foco a observação específica de espaços sexuais apropriados ou desenhados exclusivamente para homens gays. Sua análise caberia portanto muito mais à uma investigação guiada por um lente alternativa, inspirada nos discursos de Sedgwick, Butler e outros integrantes do mesmo direcionamento político da época. Através de uma ampla lista de colaborações, interroga em seu livro o papel ativo qual detém a arquitetura na construção da identidade masculina nos múltiplos espaços cotidianos, dividindo-os em cinco tópicos - **home, homework, bathroom, gym e outings** (casa, trabalho, banheiros, academia e espaço público, tradução nossa). É justamente nessa subdivisão qual o autor relaciona quais formas e espaços quais a homossexualidade masculina se faz praticada, e qual a força ativa da construção arquitetônica na consolidação dessa identidade (SANDERS, 1996).

Um dos pontos mais interessantes de sua argumentação é o modo pelo qual sua leitura tende a se afastar do arquétipo induzido ao espaço queer na década de 90. Se utilizando de um modelo analítico que expande suas fronteiras de compreensão do meio construtivo aos elementos que também participam da composição espacial - como objetos, móveis, decoração,

FIGURA 29: CAPA DE "STUD", POR JOEL SANDERS.
FONTE: STUD, 1996.



seu tipo material e até mesmo a própria paisagem -, o texto age enquanto protagonista no reconhecimento das relações masculinas proporcionadas por múltiplos modelos espaciais, fluindo dentre exemplos domésticos aos promíscuos, e inclusive se utilizando de uma investigação que leva em conta questões relativas à classe social - uma vez que nem todos os homossexuais tinham direito à espaços da alta classe, como hotéis ou outros exemplares privados de difícil acesso (SANDERS, 1996).

É imperativo reconhecer a importância da produção de textos que lidam diretamente com a homossexualidade masculina, ainda que rotuladas até aqui pelos autores enquanto uma abordagem queer. Carmona (2020) explicita que essa produção textual é a responsável por superar uma visão previamente estabelecida pelo movimento feminista, por exemplo, que associava a forma curvilínea e introspectiva à uma natureza erótica por si só. Através de exemplos adotados pelos autores anteriores, como do próprio Sanders que analisa no "*Cadet Quarters*" um valor de masculinidade proporcionado pelo design do padrão de piso elaborado em seu pátio, percebemos uma abordagem formal alternativa relativo à padrões retos e ergonômicos, que agora também expressam o erótico em outro contexto. Isso é positivo porque, segundo o autor, não apenas liberta o erótico de interpretações fixas pré-estabelecidas, mas também porque desafia as associações tradicionais entre mulher e desejo, à medida em que questiona a ideia de que a mulher é exclusivamente "um corpo sexual em tempo integral" (PRECIADO apud CARMONA, 2020, p. 124). A investigação desses espaços permitiu uma nova interpretação do significado da sexualidade perante o meio construtivo, desvinculando da imagem feminina a visão sexual detida em sua imagem e tão amplamente explorada em momentos anteriores.

2.3 • EDIFICANDO O INVISÍVEL

Podemos afirmar que a corrida por uma definição dos preceitos que englobam a produção de uma arquitetura queer abriu um leque de pesquisa para análise não apenas do meio edificado e a busca de sua "forma ideal" nos anos 90 tal qual analisada, mas principalmente para a arguição da existência de uma manifestação espacial oculta, ocorrida na sombra da própria objeto construído, quase que de modo invisível.

A oclusão realizada pela sociedade heteronormativa de diversos tipos espaciais apropriadas pelos corpos *abjetos* que buscavam a saciação de seus desejos passou a ser observada pelos acadêmicos enquanto causa da produção de uma vasta dinâmica de vivências, fator qual ocasionou na elaboração de análises que passaram a perceber os espaços ocultos nos quais havia uma liberação da sexualidade, partindo de construções que lidam diretamente com experiências mais íntimas queer, como até de outras especificamente domésticas. Ainda que problematizada devido a um vício constante da observação de espaços que não atingiam a malha queer por um todo - num movimento homonormativo similar ao ocorrido nas análises de Betsky e Sanders - instaurou-se uma busca que tomou por foco o complexo sistema de comportamentos e condutas ocasionados pela exposição ou não do corpo queer no meio edificado, e seus reflexos arquiteturais físicos e metafísicos.

Um dos nomes responsáveis pela produção de exemplares paralelos a esse tipo de aproximação é John Paul Ricco (2001), em "**The Logic of The Lure**". O autor flui pelo pensamento desconstrutivista de Derrida, usufrui da noção de heterotopia induzida por Foucault e se apropria do pensamento produzido por Gilles Deleuze e Félix Guattari acerca da produção de uma "literatura menor" para aproximar ainda mais a noção de performatividade induzida na Teoria Queer, observando então a existência de uma "**Minor Architecture**" (arquitetura menor, tradução nossa).

Explicita que esta espacialidade superaria a leitura binária público-privado induzida no espaço, ao dotar do artifício de estar situada dentro do conceito denominado por ele enquanto "maioria". Em suas próprias palavras:



FIGURA 30: DARK ROOM DA SAUNA 357.
FONTE: SAUNA 357, 2024.

“[...] O lado externo da arquitetura é o que poderíamos chamar de arquitetura menor – arquitetura que não é nem o interior da arquitetura nem o exterior da arquitetura, mas arquitetura fora da arquitetura – o exterior arquitetônico. É menos uma forma do que uma força, que se desdobra na arquitetura.” (RICCO, 2001, p. 6, tradução nossa).

O conceito de uma “arquitetura menor” expressado pelo teórico poderia ser entendido, portanto, enquanto uma observação desconstrutivista da prática arquitetônica: é uma aproximação do produto proporcionado pelo meio arquitetônico, sem se consolidar enquanto tal. Enquanto manifestação imperceptível e itinerante devido sua própria lógica espacial, poderia ser reconhecida enquanto um tipo de espacialidade renegada pelo heterossexismo, que se utiliza de meios produzidos pelo *mainstream* construtivo e os reapropria em um ato de subversão, para por em questão o próprio sistema no qual reside (RICCO, 2001).

Se valendo dessa perspectiva, Ricco passa a relacionar espaços que considera “encobertos” do meio social, fluindo desde praças e locais de práticas do **crusing**, bares e clubes gays, saunas e banheiros públicos, e até mesmo pelos **dark rooms**. Define ainda que estes espaços providenciam uma rede complexa de relações internas, e que só adquirem o status “menor” quando passam a ser observados por um ponto de vista público, através das múltiplas facetas da **mass media**.

Em um de seus artigos mais referidos, Ricco (2016) explícita em "**Jacking-off a Minor Architecture**" inclusive uma tentativa de responder através de seus postulados a situação histórica emergente presente na conjuntura socioeconômica e biopolítica da época: a do capitalismo tardio, alto desenvolvimento tecnológico, o eclodir da AIDS e o discurso das práticas sexuais seguras. Envolvidas com o falso preceito altamente difundido na sociedade heteronormativa de que a população LGBTQIAPN+ era a maior detentora e contaminante do vírus HIV, suas análises serviriam portanto como palco para demonstração localidades e práticas associadas enquanto espaço queer eram de modo arbitrários os que mais demonstravam capacidade de incentivo à proteção

sexual e prevenção de ISTs (RICCO, 2016). Mais do que isso: para o autor, se tratava de um mecanismo de exclusão queer por parte das forças regentes do poder:

“[...] Tudo isso junto com os espaços, geografias e arquiteturas de práticas e movimentos sexuais anônimos, constitui algo como uma máquina de guerra nomadológica queer oposta aos aparatos biopolíticos do Estado, e fatores como risco/exposição sexual, gentrificação urbana, fadiga social e a desconfiança de estranhos.” (RICCO, 2016. p. v, tradução nossa).

Sua óptica de discussão do cenário de espaços ocultos que exploram a sexualidade dos corpos queer também é um tipo de pesquisa que se vê altamente realizada por Ira Tattelman em alguns de seus textos, no final da década de 90. "**The Meaning at The Wall**" (1997) e "**Speaking to the Gay Bathhouse**" (1999) utilizam da prerrogativa de que o desejo de homens gays por outros corpos permitiu a criação de uma paisagem arquitetônica, na qual foi permitida uma ampla experiência em diferentes meios pouco divulgados - uma lógica concomitante ao espaço queer de Betsky e da "arquitetura menor" de Ricco. São trabalhos claros e suficientes na investigação e compreensão dos **balneários**, que estiveram em alta entre as décadas de 70/80 e foram amplamente atacados e impedidos de atuação após a pandemia da SIDA. Homem gay e ativista da causa, Tattelman define os banheiros públicos no início de sua avaliação enquanto espaços que desafiam a lógica do mainstream, a partir do momento em que promovem um tipo diferente de estratégia na investida à satisfação do desejo, além de permitirem a produção de um espaço seguro, uma ferramenta da educação sexual, através do incentivo à prática do sexo seguro.

O teórico recorre constantemente em sua literatura à sinalização de uma especificidade desse tipo de equipamento público: a de ter alterado sua clientela ao longo do tempo, uma vez visada um público geral em seu surgimento. Discorre sobre como era escassa a presença de banheiras em cortiços no final de 1890 na sociedade norte-americana, se fazendo presentes apenas nos apartamentos da classe média ou

alta. Devido a atenção crescente à satisfação da higiene comunitária, produziu-se em larga escala as balneários, focadas em uma rápida estadia e apenas na função de limpeza de sua clientela. Estes equipamentos não se viram livres de preconceitos inclusive - uma vez que, construídas especificamente ao atendimento individual de bairros, garantiram ainda que diferentes grupos étnicos, raciais e de classe não se misturassem. A produção em larga escala dessa tipologia começou a cessar apenas por volta de 1910, quando passou-se a incluir banheiras nas construções de baixa classe (TATTELMAN, 1997).

Notifica ainda que a indução de uma lógica de permanência prolongada nas balneários via-se ocorrer apenas momentos à frente no tempo, através dos equipamentos produzidos na Rússia e na Turquia que associaram o fornecimento de calor como uma forma remediativa e de qualidades terapêuticas. As balneários sob uma nova interpretação, passaram a serem entendidas enquanto equipamento fornecedor de uma alta gama de serviços, que envolviam massagens, comida, espaço de jogos e até a abertura para práticas sexuais, conferindo uma nova leitura desse espaço enquanto lugar de busca do prazer. Sob essa nova realidade, é somente no final da década de 50 é que os balneários gays são de fato reproduzidos, ganhando

FIGURA 31: CROQUI DE SAUNA GAY.
FONTE: IRA TATTELMAN, 1997.



popularidade e provendo um redesenho e replanejamento pensado exclusivamente à expressão sexual de homens gays. Esse período também foi marcado por uma extensa crítica à expressão da sexualidade individual, o que ocasionou na oclusão de seu serviço na múltiplas formas de divulgação no meio social. Ainda assim, esse tipo de equipamento pôde ser lido enquanto um espaço ideal à afirmação da diferença, um tipo de equipamento que ofereceu segurança e liberdade necessária às diversas maneiras de vínculo e interação entre a comunidade queer - sejam elas sociais ou sexuais (TATTELMAN, 1997).

Abordando a realidade de algumas balneários construídas ao longo dos Estados Unidos, Tattelman induz uma nova percepção destes espaços à medida que compreende-os também enquanto meios politizados e proporcionador de uma ampla rede de relações pessoais. Muito mais do que simples aparelhos urbanos voltados à promoção ao prazer, serviam também enquanto locais de encontro, discussão, e até auxiliar no processo de autoconhecimento, ao passo que garantiram aos indivíduos o conhecer de seu corpo e descoberta dos próprios anseios. É essa qualidade que Tattelman utiliza para defini-las enquanto modelos exemplares de espaço democrático:

“[...] No balneário, o desejo não precisa ser restringido ou eliminado [...] Esta libertação desafia uma cultura heterossexualmente tendenciosa, redefinindo conceitos e valores básicos e trazendo mudanças para si e para a sociedade. A autoridade do desejo, que pode ser fluida e variada, é celebrada e com ela se desenvolvem formas muito específicas de linguagem, contato e consumo.” (TATTELMAN, 1999. p. 92, tradução nossa).

Esta dimensão explorada desmantela preceitos acadêmicos ao induzir que tratar do espaço queer não significaria apenas lidar com a forma qual a arquitetura se dispõe fisicamente, mas também com o meio qual a voz e a experiência do corpo tendem a se ver manifestadas na disciplina, criando um elo entre teoria e política. As noções de performatividade trabalhadas previamente e compreendidas em termos arquitetônicos



FIGURA 32: BALNEÁRIO RUSSO.
FONTE: IRA TATTELMAN, 1997.

enquanto uma capacidade de fluidez espacial, portanto, deveriam ser percebidas politicamente. Por essa linha de raciocínio, a arquitetura queer seria de condicionada através de sua própria capacidade de reapropriação e ressignificação de meios providos no *mainstream* edificado, garantindo que o foco na sexualização dos corpos fosse apenas mais um ponto de vista dentre vários que norteiam seu reconhecimento (VALLERAND, 2014).

Vemos outros tipos de narrativas produzidas com relação à invisibilidade dos corpos queer, e sua relação direta ao espaço construído. Uma das que mais se viu recocheteada foi a proporcionada por Sara Ahmed (2006) em "***Orientations: Towards a Queer Phenomenology***", ao definir que a oclusão é uma característica fundacional do queer, invocada pela própria estrutura espacial vigente, e que portanto deveríamos aprender a "redirecionar o nosso olhar".

A autora desenvolve em seu trabalho a identificação de uma relação direta entre o desenvolvimento fenomenológico dos corpos viventes de diferentes orientações sexuais e suas posições geográficas imediatas, criando uma conexão entre o indivíduo sexual e o espaço disponível ao mesmo.

Sugere em momentos iniciais que "se a orientação é uma questão de como residimos no espaço, então a orientação sexual pode também ser uma questão de residência, de como habitamos o espaço, e com quem ou o que dividimos o mesmo" (AHMED, 2006, p. 543, tradução nossa). Tecendo argumentos que se aliam à ideia de Rich invocada por Butler da existência uma "heterossexualidade compulsória", deixa claro a maneira pela qual a sexualidade humana é sempre condicionada, através de um direcionamento a objetos replicadores de códigos heteronormativos. Entenda-se aqui objetos físicos e metafísicos: logo, desde o próprio mobiliário residencial e urbano, como também valores, aspirações, estilos e discursos.

Sua discussão extrapola os significados de uma orientação física ao campo da fenomenologia, através de uma literatura que cria uma associações - como, por exemplo, que ao linearizarmos nosso olhar à objetos cotidianos, nos deparamos ocasionalmente com a necessidade de satisfazer também linearidades, como a da árvore genealógica. Olhar para um retrato de casamento na residência dos nossos pais seria um exemplo. Sua tese argumenta, em sumo, acerca de uma organização específica existente no meio físico construído,

capaz de induzir pressões sociais no indivíduo, que passa a enxergar nas expressões de orientação sexual desviantes um contexto de problema e limitação. Ser *queer* por essa lógica significaria viver no panorama invisível ou imaginário; em termos físicos, é algo que estaria situado na visão periférica (AHMED, 2006).

Ainda que se demonstrando enquanto aquilo que está invisível - um tipo de percepção que convém à dos autores anteriores - não significa que o corpo queer fizesse despercebido; ocorreria normalmente no **background** da heteronorma. Explorando essa perspectiva, seu trabalho convém pela simulação e observação das múltiplas percepções de um corpo frente a uma escrivaninha, demonstrando em sua argumentação um costume do nosso olhar em se voltar sempre aos objetos com o intuito de satisfação de objetivos. Tudo que corrompa esse processo acaba observado enquanto motivo de angústia, depreciação, negação. Ser um corpo queer no meio arquitetônico seria lidar com o prejuízo, portanto: ao passo que sua experiência não convém com os ideais da sociedade heteronormativa, passa a ser observado enquanto algo errático e motivo de preocupação, onde num efeito consequente lhe são importas tentativas de invisibilização. Essa exploração fenomenológica que metaforiza o espaço físico continua ao longo de toda sua análise, providenciando a satisfação também de um novo viés acerca do espaço construído: é uma arquitetura da transgressão (AHMED, 2006).

Seu trabalho traz uma insistência exaustiva da evidenciação de uma organização pré-estabelecida no meio físico, que visa a consolidação da heterossexualidade enquanto ideal. Permite ainda, ao longo de suas ideias, a compreensão da experiência queer enquanto um ponto de divisão na linha da sociedade heteronormativa, uma espécie de ruptura.

Visando a mudança de panorama da realidade excludente vivenciada pela comunidade LGBTQIA+, Sara discute ainda a necessidade da utilização de métodos e instrumentos capazes de permitir a focalização e amparo da experiência do corpo *abjeto* frente à essa sociedade heteronormativa. Não deveríamos identificar “os desvios da orientação”, mas sim entendê-los, afim de identificar os melhores direcionamento (evocando mais uma vez a metáfora espacial). Só assim a comunidade queer seria melhor recebida pelo *mainstream*:

“[...] Para mim, a tarefa mais importante não é encontrar uma linha queer, mas perguntar qual será a nossa orientação em relação aos momentos queer de desvio. Se o objeto escapar, se a sua face ficar invertida, se parecer diferente, estranho, fora do lugar, o que faremos? Se nos sentirmos oblíquos, onde encontraremos apoio? Uma fenomenologia queer envolveria uma orientação para o queer, uma forma de habitar o mundo que dá “apoio” àquelas cujas vidas e amores os fazem parecer oblíquos, estranhos e deslocados.” (AHMED, 2006, p. 570, tradução nossa).

O texto traz como devolutiva a percepção de que a raiz do problema é ausência da de instrução da sociedade para um direcionamento adequado do olhar relativa ao desvios queer. Não se trata de entender a orientação sexual, classificá-la e torná-la questão política, mas sim entender a necessidade de uma orientação, um direcionamento adequado perante o desvio queer. Esse é o grande desafio imposto pelo texto que, se valendo da imaginação de uma mesa de jantar de uma família heteronormativa, induz em seu momento final que “a mesa se torna queer quando passa a providenciar acolhimento às divergências.” (AHMED, 2006, p. 570, tradução nossa).

A visão de Sara é apenas mais uma que elucida o peso social atribuído às oclusões do corpo queer. Se valendo de uma visão que também visualiza uma oclusividade doméstica, Henry Urbach (1996) introduz os efeitos produzidos de um elemento arquitetônico do nosso dia a dia: o *closet*.

Elabora um trabalho que avalia uma dualidade relativa ao termo, onde, no meio físico, diz respeito ao espaço proporcionado pelo projeto arquitetônico, e no meio metafísico relaciona-se ao “invólucro” que contém a identidade queer. O autor discorre acerca de seu surgimento e a forma como ambos se espraíam perante o meio social, além da discussão dos efeitos da oclusão gerados pelo closet.

O closet arquitetônico, elemento primordial das discussões da sexualidade, seria resultado de uma alteração significativa do modo de conceber o espaço privado residencial em 1880. Advindo enquanto estratégia de substituição dos guarda-roupas ou até mesmo baús, o autor expõe como a invenção

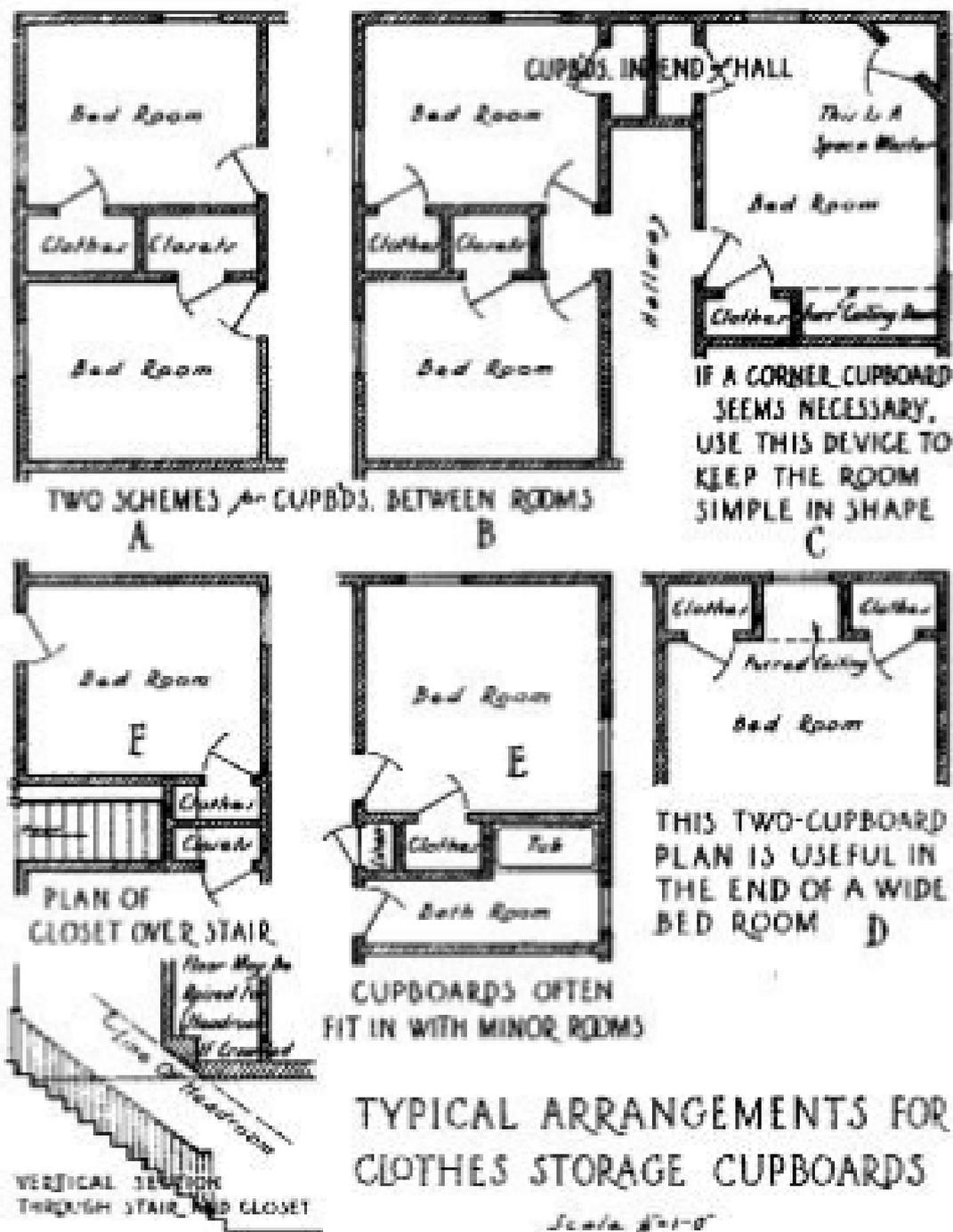


FIG. 33.

FIGURA 33: CLOSETS EM PLANTA BAIXA.
 FONTE: HENRY URBACH, 1996.

do closet serviu enquanto peça na engrenagem no movimento de “proporcionamento de sinais de propriedade moral na casa norte-americana” (URBACH, 1996, p. 65). Sua vinda visava o ocultar dos excessos da residência, ação essa de mascaramento do incentivado acúmulo material ocorrido na época. Somado a outras estratégias de privatização do programa residencial, foi responsável pelo enevoar a própria vida doméstica, livrando os olhares alheios dos itens pessoais. Inclusive, enevoava também a si mesmo, visto que era projetado para ser oculto nos ambientes, em nome da organização e sanitização (URBACH, 1996).

Sua contraparte metafísica, por ventura, se veria existente apenas após reapropriamentos do movimento LGBTQI+ de postulados anteriores - como a da própria Eve Sedgwick ou Foucault. Os movimentos ativistas gays acabaram por entender a estratégia arquitetônica como ferramenta à promoção da homofobia, e culminaram na confecção de um discurso opositor que serviu enquanto grito de guerra: **“Out of the closets! Into the Streets!”** (URBACH, 1996).

Um ponto de convergência entre ambas os elementos em sua análise diz respeito à capacidade das duas de atribuir um valor significativo ao espaço; mediante sua argumentação, tanto o armário físico quanto o armário social se tratam de elementos à deriva de um espaço visível qual estão conectados, numa relação de codependência. Inclusive, o teórico discorre acerca de uma dependência não apenas espacial, mas entre ambos os elementos, que se conferem significância em um ciclo interminável:

“[...] Os dois armários ressoam um contra o outro dentro de uma rede linguística e material de representações que organizam a relação entre armazenamento e exibição, sigilo e divulgação. O armário sexual refere-se, através de uma operação de metáfora, ao referente arquitetônico familiar. O closet, por sua vez, petrifica e dissemina, como convenção arquitetônica, o tipo de subjetividade descrita pelo armário homossexual. O closet concretiza o armário da identidade, enquanto o armário da identidade literaliza sua contraparte arquitetônica” (URBACH, 1996, p. 64,

FIGURA 34: QUARTO INFANTIL.
FONTE: HENRY URBACH, 1996.



tradução nossa).

Sua análise explora o papel de ambos, demonstrando uma relação no mínimo curiosa. O closet embutido estabiliza a diferença, pois providencia unidade visual no quarto ao ocultar a bagunça e o excesso; muito diferente do closet sexual, cujo é carregado de instabilidade interna e externa, ao passo que estar próximo dele significaria uma necessidade “lidar com o risco de exposição e apagamento” (URBACH, 1996, p. 69, tradução nossa).

Divagando por essa percepção, Urbach sugere como fundamental uma instância intermediária: o ante-closet. Notadamente transitório, este seria um elemento intermédio entre o quarto e o próprio closet, espaço residual no qual a porta se move, para permitir um acesso ao interior e revelar seu conteúdo. É um local de reapropriamentos inacabáveis, dotado de uma significância mutável, no qual alguém pode abrir e se transformar. Podemos entendê-lo enquanto metáfora espacial bastante crítica ao closet identitário, elevando a discussão à um lugar de ação em detrimento da questão visual - observado um vício de argumentação de teóricos pós-Sedgwick que tratava a discussão sobre o closet enquanto “apenas um debate acerca da questão de visibilidade” (HARDIE, 2016, tradução nossa).

O autor propõe uma fluidez como estratégia subversiva, a reapropriação e ressignificação de termos e ferramentas do *mainstream* enquanto estratégia de reivindicação de direitos. Essa seria uma prática que também poderia atingir a discussão da arquitetura, que deveria ser fluida, e não encaixotada, movimento recorrente pelos primeiros teóricos do campo.

Across America,
People Are Coming Out



FIGURA 35: LOGOMARCA DO DIA NACIONAL DE SAÍDA DO ARMÁRIO.

FONTE: HENRY URBACH, 1996.

C A P Í T U L O T R Ê S

**POR UM
RETORNO AO
*MAINSTREAM***

PARA ALÉM DO HOMONORMATIVO

3



FIGURA 36: 'TROLL OR THE VOLUNTARY RUIN'
FONTE: ANDREAS ANGELIDAKIS, 2013.

3.1 • RESSIGNIFICANDO O IMAGINÁRIO: NOVAS INVESTIDAS

Apesar da crescente produção e divulgação de trabalhos teóricos que problematizaram a questão do gênero pós-Betsky e Sanders, podemos reconhecer uma pausa nos anos 2000 na produção de uma teoria arquitetônica queer. Não significa que pesquisas deixaram de ser elaboradas acerca da temática, uma vez que o discurso da geografia cultural e gênero no meio urbano se vê avançar com a produção de análises acerca de “guetos gays” ou de comunidades de diversas sexualidades. Outras pesquisas que extrapolaram a sexualidade se viram produzidas, como os encabeçados por Lucas Crawford, que inspiraram novas produções através de um ponto de vista inovador. Ainda sim, não se observam extensos avanços ou uma produção teórica de linha que tratasse diretamente de uma relação da espacialidade queer com o objetos arquitetônicos, e suas formas de compreensão. Esse cenário apenas vê-se alterado através da publicação em 2017 de três periódicos internacionais, que contribuíram para a retomada da discussão no mainstream teórico através da inserção de novas perspectivas sobre a identidade até então não abordadas (CARMONA, 2020).

The Funambulist vê-se recheada de artigos diversos que questionam a construção normativa do gênero imposta no meio arquitetônico através de uma óptica múltipla, que flui desde percepções individuais relativas à sexualidade e etnicidade até a denúncia de realidades atuais, funcionando inclusive enquanto um manifesto.

Naomi Stead (2017) é a primeira a iniciar a publicação em "**Closet Case**" onde realiza uma autorreflexão sobre seus pensamentos enquanto brinca de esconde-esconde com seu filho. A autora, que se identifica enquanto lésbica, relata um conjunto de sensações e pensamentos evocados durante a brincadeira ao se esconder no closet de sua residência, que lhe levaram à produzir uma série de comparações do ato de se esconder com a "saída do armário" - como se sentir



FIGURA 38: PROCESSO DE REVELAÇÃO SEXUAL.
FONTE: PAOLA PAREDES, 2017.

sufocada esperando sempre o momento de ser revelada por pessoas de seu cotidiano. Sua perspectiva repara o armário enquanto espaço sufocante, observado não apenas conter todo o material de roupa suja como seu próprio ato de fuga (uma estratégia que abrange também a realidade de mulheres e pessoas queers em busca de proteção), como também fonte de ansiedade social, ao passo que sugere um momento intrínseco à sua existência de autorevelação no cotidiano. Ao discorrer por um olhar de uma mãe lésbica, a autora evidencia a pressão por uma constante afirmação cobrada pelo meio social, dada a diferença e exclusividade de sua relação e novidade perante a adoção de um filho - possibilidade relativamente nova aos casais homoafetivos.

Outras experiências pessoais se desenvolvem e são postas em discussão na publicação, como a elucidada por Paola Paredes (2017) em "**Unveiled**". Seu depoimento acontece associado a um conjunto de fotografias realizadas pela mesma, as quais registram um dos momentos mais ansiosos do corpo queer: a revelação de sua identidade. O conjunto trata da documentação da exposição da sua sexualidade para seus pais na sala de estar de sua residência, um processo que

FIGURA 37: RESIDÊNCIA DE PAOLA PAREDES.
FONTE: PAOLA PAREDES, 2017.



cujo discorre de modo bastante ansioso e demonstra o papel arquitetônico no auxílio do processo de confissão.

"**Metamorphosis**" de Lesley Labonne (2017) proporciona ainda a observação de um projeto elaborado no "**Queer Pavillion**", estúdio de interiores da Monash University. Numa rápida abordagem, descreve o "**Bodytecture**", vestuário elaborado pela pesquisa acompanhada pelo autor, que visa servir enquanto materialidade crítica à recepção do corpo humano pelo meio social. Entendida a interpretação coletiva de características percebidas no corpo humano enquanto fator fundamental de gênero ou papel social - que acabam ocasionando no design heteronormativo de um meio arquitetônico e urbanístico "ideal" a sua utilização, produz se uma vestimenta que projeta uma "pele falsa" de formas diversas, como numa própria atitude de "projetar do corpo humano". Sua crítica, desenvolvida através de performances em variados locais urbanos, induziu transeuntes ao toque e à percepção da potencialidade identitária produzida pela materialidade corporal, tão experienciada pelo corpo queer no dia a dia.

Ao passo que aborda experiências pessoais, o periódico apresenta também problemas queer relativos à etnicidade, uma abordagem inovadora frente à discussão queer na teoria arquitetônica.

Mehammed Mack (2017) discorre em "**Out of The Closet, Into The Courtyard**" de uma realidade queer étnica e de como sua visão alterada acerca do binário hetero-homo/privado-público provocou o surgimento de um outro tipo de relação - uma comunidade africana e árabe que observa no interior um espaço livre de amarras à sua manifestação cultural sexual. O autor discorre acerca do modo agressivo que os europeus receberam da população mediante o processo de diáspora e do próprio turismo, onde desenvolveram um preconceito perante os costumes estrangeiros visto sua visão binária acerca de determinados costumes.

Ora, numa cultura étnica árabe e africana, beijos, abraços e outros cumprimentos hão de ser entendidos enquanto reiteradores de respeito, em detrimento de uma significância sexual induzida pelos costumes ocidentais. A visão fechada em preceitos binários da sociedade ocidental acabou ocasionando numa "fuga" por parte dos imigrantes ao espaço interior, cujo permitiria ampla manifestação de sua

FIGURA 39: PROJETO "METAMORPHOSIS".
FONTE: LESLEY LABONNE, 2017.

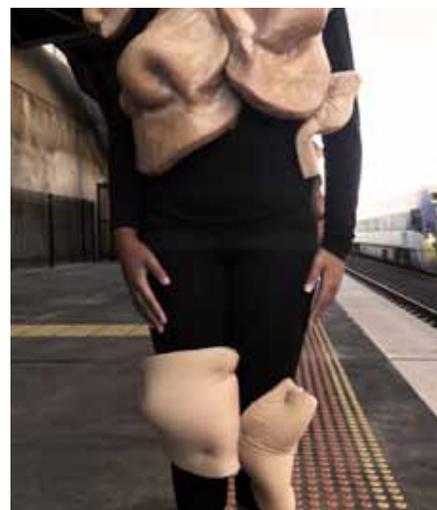


FIGURA 40: PROJETO "METAMORPHOSIS".
FONTE: LESLEY LABONNE, 2017.



cultura e sexualidade. Mack identifica uma dinâmica alterna interessante no experienciamento da arquitetura queer: diferente da discussão euro-americana, que buscava evidenciar a homossexualidade para prover sua afirmação meio social, sua perspectiva evidencia o espaço privativo enquanto meio ideal para expansão de práticas queer étnicas, uma linguagem que chega a se aproxima das ideias anteriormente abordada por Betsky. Para uma fuga da visão da população branca, os grupos étnicos marginalizados perceberam em espaços privativos uma oportunidade de expansão, que se estende até momentos atuais através do arquiurbanismo digital (MACK, 2017).

Sonia Wong (2017) explora em "**A Room of One's Own**" uma outra realidade étnica: uma visão panorâmica sobre o modo de vida de mulheres lésbicas em Hong Kong, que lidam com a extrema pressão social promovida pela arquitetura local. A autora discute sobre o modo qual a moradia chinesa interfere nas questões político-econômicas e culturais, atingindo também os corpos queer e ocasionando em uma baixa exploração de sua sexualidade.

A união do fator de escassez espacial chinês aliado à políticas governamentais que favorecem o aumento do preço da terra acaba por transformar o ato do habitar num fator premium, influenciando a vida de milhões de jovens que acabam por optar pela estadia estendida na residência dos familiares. Não obstante, essa escolha se torna a limitação, identitariamente e espacialmente falando - uma vez que as residências familiares também são extremamente pequenas, atingindo cerca de 15 m² por habitante (WONG, 2017).

Seu documento evidencia um problema de dimensões incabíveis: viver em família em Hong Kong significa extrapolar vivências com parentes ao compartilhamento até da própria intimidade, situação que reproduz um sistema de regramento e vigilância extremamente agressivo ao corpo feminino - e principalmente ao corpo queer. Numa realidade onde o direito ao espaço privativo na própria habitação familiar é um fator de custo, as questões de gênero e sexualidade se fazem constritas, agredidas e invisibilizadas. Esse olhar acerca da habitação chinesa permite a observação de uma outra peculiaridade - a da criação e utilização de "sistemas de fuga" em prol da realização desejo. A autora vale de exemplos ao longo de seu texto, como o de experiências de mudanças para



outros locais menos custosos, produção de uma sexualidade e de relacionamentos à sombra do espaço familiar ou até mesmo da busca por espaços no qual o privativo se torna matéria de fácil acesso, a exemplo dos dormitórios de universidades locais (WONG, 2017).

Por uma visão feminina, ser lésbica no meio cultural chinês significa estar atada à habitação parental, devido não apenas à pressão cultural exercida sob sua sexualidade, como também à outra pressão exercida mediante as obrigações dos filhos para com os pais extremamente disseminada na cultura chinesa. Embebida em um processo que favorece sua leitura enquanto atitude pejorativa e desviante, a vida lésbica chinesa se vê crucificada pelo próprio meio arquitetônico, que limita sua reprodução:

“[...] Hong Kong permite pouco espaço para a sexualidade queer. Os preços astronômicos dos imóveis torna quase impossível para os jovens amantes o encontro de um espaço para intimidade. Os dormitórios universitá-

FIGURA 41: RESIDÊNCIA CHINESA.
FONTE: YEUNG CHUNG-YAN, 2017.

rios são alguns dos únicos refúgios seguros nos quais o romance pode florescer, mesmo que apenas temporariamente, antes que as jovens retornem às suas famílias e aos seus pequenos apartamentos, onde na maioria das vezes a homossexualidade é reduzida ao indescritível. Mesmo para quem desfruta do privilégio de “um quarto só seu”, as paredes finas, as portas entreabertas e o potencial de intrusão repentina nestes apartamentos tornam a privacidade para explorar o próprio corpo e desejos um fator de luxo extremo”. (WONG, 2017, p. 33, tradução nossa).

É importante percebermos como a culturalidade pode ser enquadrada enquanto fator decisivo para uma boa experiência do corpo queer no meio edificado. As abordagens trazem em comum a percepção da importância de avaliarmos quesitos construtivos e seu impacto direto de leitura, mas principalmente uma ótica que leve em conta a realidade cultural qual se faz inserida, exigindo por vezes mudanças de códigos além do exercício arquitetônico - é um ato de constante reformulação do próprio meio social.

Um dos pontos mais altos diz respeito às denúncias realizadas no periódico com relação à pauta trans perante o meio arquitetônico. Myka Johnson e Jamie Marsicano (2017) abordam em "*Resisting HB2 Bill*" os efeitos da implantação do que reconhecem enquanto a "*The Bathroom Bill*" ou "*House Bill 2*", uma ação política que ocasionou na perda de

FIGURA 42: PROTESTO CONTRA A "H2B BILL".

FONTE: NATHANIA JOHNSON, 2016.

FIGURA 43: ATIVISTA CONTRA A "H2B BILL".

FONTE: NATHANIA JOHNSON, 2016.



direitos de de pessoas Trans na Carolina do Norte, EUA. A ação, promulgada pelo então governador Pat McCrory e sua corte política, previu impacto direto em direitos políticos dos corpos trans pré-estabelecidos no Conselho da cidade de Charlotte, afetando a vida de diversas pessoas da comunidade transexual.

Além disso, as autoras ainda promovem uma reflexão crítica acerca da maneira qual o banheiro feminino atua enquanto ferramenta de opressão aos corpos trans, solicitando a necessidade discussão e revogação da ação política, dado não só o impacto exercido aos corpos queer como principalmente ao corpo de mulheres trans negras. É uma crítica que se vê continuada em "*Trashgender*" de Beatriz Preciado (2017), a qual percebe o banheiro público enquanto máquina responsável por propagar poder acima do gênero nos corpos. E isso não diz respeito apenas ao corpo queer, mas também sobre a cadeia de poder exercida amplamente no corpo feminino. Beatriz observa a arquitetura enquanto dotada de intenção: em nossa realidade, utilizamos de estratégias de concepção espacial para favorecer as relações binárias - o feminino/masculino, o público/privado, visível/oculto. E no caso do banheiro público, não apenas a visibilidade há de agir enquanto ferramenta de domínio: a excreção também atua enquanto cúmplice na propagação dessa ideia. Discorre ainda que o módulo feminino simula o espaço doméstico fiscalizador, ao prover gabinetes que tornam privado o ato da excreção e ao se dotar de espelhos que facilitam a visibilidade acima dos corpos que transitam; e o banheiro masculino simularia um espaço reiterador da dominância masculina do espaço público, ao utilizar da posição ereta exercida frente ao mictório enquanto ferramenta de sociabilidade e instância de poder. Nas palavras de Preciado:

“[...] Enquanto o banheiro feminino funciona como um mini-panóptico em que as mulheres monitoram coletivamente o seu grau de feminilidade heterossexual, é espaço no qual todo avanço sexual resulta em agressão masculina; o banheiro masculino aparece como um terreno guia para o empoderamento político e a experimentação sexual.” (PRECIADO, 2017, p. 16, tradução nossa).



FIGURA 44: PROTESTO NO DIA INTERNACIONAL DA MULHER.
FONTE: JOE PIETTE, 2017.

Ainda observado pela teórica enquanto espaço de ansiedade heterossexual, localiza no regime compositivo presente nos banheiros públicos um design que trabalha em prol da regulação dos corpos, uma “economia produtiva que transforma lixo orgânico em gênero” (PRECIADO, 2017, p. 17, tradução nossa).

As dinâmicas de opressão submetidas ao corpo trans também passam a ser observadas por João Gabriell (2017) em "***Congratulations, You're Hired!***", responsável pela denúncia da violência diária submetida no local de trabalho. O autor, homem trans, vale-se da própria experiência e do discorrer de ações após sua contratação para demonstrar o quão agressivo esse espaço pode vir a se tornar, trazendo à luz principalmente a retórica comum adotada pelas empresas: a não contratação como forma de salvaguardar o funcionário (ou, implicitamente, a própria empresa).

Valendo-se de exemplos diversos, evidencia a ignorância empresarial frente à autoidentificação queer, eludindo que o reconhecimento e divulgação do status sexual há de agir como motivador de violência em equipes de trabalho. Elabora ainda a questão para um viés do assédio também disseminado nesse ambiente, denunciando como a própria presença queer passa a ser observada como referência de baixa produtividade - ao passo que competições ocasionadas no local de trabalho e discriminadas em fichas de desempenho mensal passam a relacionar o corpo queer a um status de má reputação, um índice de comparação a ser evitado. (GABRIELL, 2017).

Um dos pontos mais fortes de sua análise percebe ainda uma nova realidade crescente: a homonormatização no mercado de trabalho. Vários integrantes da sigla e notavelmente homens gays brancos - acabam por adentrar ao sistema às custas da parcela queer marginalizada, ação essa que leva Gabriell à evocação da necessidade do combate ao espaço capitalista:

“[...] O local de trabalho deve ser entendido como uma forma de violência cotidiana, justamente porque o próprio trabalho é uma violência; isso vale não apenas para o supermercado que descrevi acima, mas para todos os lugares que funcionam com base em propriedades acumuladas por uma pessoa

FIGURA 45: GALPÃO DE ARMAZENAMENTO.

FONTE: THE FUNAMBULIST, 2017.



ou grupo, para os quais os demais vendem seu trabalho, para chefes que podem facilmente ser vilões cis-brancos, homens heterossexuais ou gays amigáveis e queer. Isto diz respeito à essência do mercado e, portanto, é um mundo inteiro que teria de mudar.” (GABRIELL, 2017, p. 43, tradução nossa).

Em sumo, a revista permitiu o desenvolver de tópicos até então pouco explorados por um viés da vivência no espaço coletivo diário, amplamente guiada por preceitos até então discutidos na Teoria Queer que se fizeram excluídos nas primeiras abordagens referentes ao tema. Sua publicação providenciou a abertura de uma nova possibilidade argumentativa, qual também se fez muito presente nos artigos que compuseram a **LOG**, compilado de artigos lançado de modo concomitante. Inclusive, é aqui que localizamos o início de uma escrita bastante focada no objeto arquitetônico propriamente dito.

Jaffer Kolb (2017) inicia uma abordagem queer da arquitetura queer na publicação através de uma curta análise denominada "**Working Queer**". Ao evidenciar que a agenda da teoria arquitetônica queer da década de 90 se tratava muito mais de uma análise de edifícios, constata de modo sucinto em seu argumento que um "queerness" arquitetônico, por sua percepção adaptável e relativa, deveria ser uma questão muito mais relativa a um "como" do que a um "o que". Ou seja, relaciona-se muito mais com uma busca por um processo ou método capaz de permitir uma interpretação queer do objeto arquitetônico.

Seu argumento convém diretamente com a interpretação de Annie Barrett (2017) em "**Noncon Form**" acerca do objeto arquitetônico: a de que sua qualidade queer não seja uma característica intrínseca ou absoluta, mas sim um fruto proporcionado pela mudanças de códigos ou do modo de pensar para alcançar novos resultados mais inclusivos e de diferentes tipos de impacto. É através dessa alusão que a autora sugere a elucidação de um novo tipo espacial. Se valendo de exemplos como o Fórum de Barcelona ou o "**Conical Intersect**" de Matta-Clark, evidencia o que chama enquanto "Noncon Form" (forma não convencional, tradução nossa), um tipo espacial que seria dotado de um caráter não-binário capaz



FIGURA 46: FAST FOOD.
FONTE: THE FUNAMBULIST, 2017.

de superar a convenção através de uma “pluralidade” em seu design - isso é, relações de interior e exterior, público e privado, forma sólida e amorfismo.

Andrew Holder (2017) também adota uma lógica aproximada em "**Five Points Toward a Queer Architecture**", ao tecer uma análise crítica acima de um filme produzido por Andy Warhol, "**Mario Banana No. 1**". O autor traz uma identificação de materiais ou estratégias compositivas capazes de conter o queer, a fim de permitir a eclosão de um novo tipo de arquitetura livre de amarras. Seu posicionamento em primeira instância atua contra a ideia da associação de um valor estético à arquitetura queer - ao passo que evidencia no começo de seu texto uma crítica à noção *Camp* de Susan Sontag, na qual a autora elenca edifícios enquanto queer, e não concebe os espaços enquanto tal. Ainda sim, busca por formas ou materiais que garantam uma leitura inclusiva do edifício, através da comparação com o filme:

“[...] O filme, reafirmado como um vislumbre dos arranjos materiais e políticos de algum mundo futuro, pode ser transposto como uma série de prescrições para a arquite-

FIGURA 47: "MARIO BANANA", POR ANDY WARHOL.
FONTE: ANDY WARHOL, EM DUECI, 2024.



tura. Para estar à altura da ocasião de Mário Banana nº 1, a arquitetura deve expandir a sua paleta de materiais independentemente da origem ou do estatuto; produzir formas immanentemente familiares e ainda não queimadas pelas histórias de suas partes; envolver as regiões abaixo (da base) e ao lado (das fachadas) dos edifícios, implicando objetos e pessoas que não estejam adequadamente no seu interior; e operar de acordo com plantas que sejam legíveis comunitariamente e abertas às agendas privadas de habitação individual.” (HOLDER, 2017, p. 159, tradução nossa).

As análises usufruem de uma interseção interessante sobre o tópico. Identifica-se em seu diálogo a ideia de que a arquitetura queer não deve ser responsável pela produção e classificação de espaços que permitam a categorização de corpos. Pelo contrário: deve ser percebida enquanto relativa ao coletivo, sem local definido, uma reivindicação espacial livre de amarras e fronteiras e despreziosa de qualquer caráter formal de composição. É uma formalidade espacial que não deveria ser objetivada, e que nem deveria produzir sujeitos. Sua garantia haveria de agir para a reformulação de práticas e maneirismos, para que as múltiplas identidades pudessem se desenvolver nas rédeas do social, seu lugar de origem nato. O queer, enquanto contradição à heteronorma e fruto da marginalidade, deveria ser objetivado enquanto tal, e não visado como mais uma peça na engrenagem normatizadora.

A **LOG** em seu escopo também permitiu em seu compilado a abertura da discussão para uma outra percepção: a discussão do surgimento de uma realidade pós-digital, na qual a sociedade se fez adaptada ao advento da internet e suas múltiplas facetas, situação que afetaria também na reprodução dos espaços queer e a forma qual este faz-se multiplicado ou experienciado.

Em "**Grindr Archiurbanism**", Andrés Jaque (2017) discorre acerca da formação de um espaço e comunidade queer digital através do aplicativo de relacionamentos homossexual Grindr, responsáveis por uma superação da heteronormatividade e permissividade da ampla circulação da sexualidade desviante

em meio digital. O autor percebe a ferramenta enquanto fator à criação de uma nova dinâmica no experienciamento do espaço queer, tido que permite o encurtar de distâncias físicas - facilitando o *cruising* através da exposição de outros indivíduos numa espécie de catálogo - ou até mesmo atuando enquanto ferramenta de resistência e comunicação de fuga em países de cunho opressor, na qual muitos corpos queers são criminalizados e perseguidos. Através de sua “transparência seletiva”, o surgimento do aplicativo, acompanhado de outros voltados não apenas à população LGBTQIAPN+ (como o Tinder, Badoo, Happn, Scruff e mais) providenciaram um novo modo de vivência do relacionamento amoroso - não guiados por um amor absoluto ou pelos impulsos sexuais, as pessoas agora se encontram mediante um desejo provocado através da exposição em perfis pessoais de pornografia, moda e design de interiores, qualificando o meio digital enquanto suficientemente completo em termos visuais e tomando para si um possível papel cabido antes apenas à urbanidade:

“[...] Grindr é um arquiurbanismo. Operando globalmente a partir de dois locais no mundo, o Grindr é moldado por um código simples que se diversifica localmente em uma infinidade de maneiras para que a homossexualidade seja instituída coletivamente. Torna-se um meio para os homens gays se constituírem como um coletivo de estranhos, como uma resposta à marginalização LGBTQ, sobreposta a outras formas de redes tecno-humanas” (JAQUE, 2017, p. 84, tradução nossa).

E a discussão do papel visual cabido ao meio digital se vê para muito além da proporcionada através dos aplicativos de relacionamento, inclusive. Caitlin e Farzin (2017) discutem em "**The Bedroom of Things**" o modo qual o evento da pós-digitalidade permitiu a criação de um local na qual a domesticidade diária se tornou pública, através da postagem de imagens em redes sociais de nossos interiores e até da própria intimidade. A busca por uma comunidade que também se identifique com nossos espaços pessoais - e, conseqüentemente, com nosso estilo de vida - permitiu



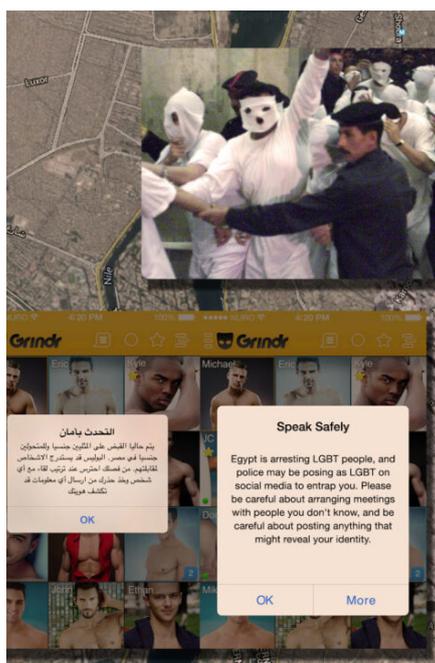
FIGURA 48: "INTIMATE STRANGERS".
FONTE: ANDRES JAQUE, EM AZURE MAGAZINE, 2024.

a atribuição de valor aos objetos domésticos, agora representativos de um caráter de bom gosto e confiabilidade; imagens e objetos da vida doméstica se veem normalizados perante o meio público, gerando “uma hierarquia que começou a ditar o modo qual nós vivemos e como representamos nosso mundo interior” (BLANCHFIELD; LOFTI-JAM; 2017, p.129, tradução nossa). Se valendo do exemplo dos quartos, os autores percebem no mundo contemporâneo o estabelecimento de uma perspectiva acima dos interiores, proporcionada através da organização do corpo e de objetos em favor de uma estética que gere auto identificação através de seu compartilhamento. A divulgação de momentos de devaneio, desejos pessoais e de um cenário privativo foi capaz de promover uma intimidade digital, atuante no enevoar da relação público-privado e na aproximação de um amplo público que compartilham dos mesmos gostos, facilitada através do encurtamento do espaço físico típico do meio digital.

Se valendo dessas perspectivas, as autoras estabelecem ainda uma ligação ao pensamento de Sara Ahmed, acerca da orientação provocada pelos objetos do espaço interior. Observado o potencial do meio digital enquanto possibilitador de conexões profundas através de sua materialidade imagética, percebem este enquanto amplamente utilizado pelos comunidade queer, que “desviam” os objetos para seu potencial plural de interpretação - o banal ou até mesmo o excêntrico - levando à produção e amplo usufruto de um novo tipo espacial queer. Percebem que a comunidade identifica “um poder de imanência nos objetos nas redes digitais” (BLANCHFIELD, LOFTI-JAM; 2017, p. 133, tradução nossa), capaz de permitir a produção e exploração de múltiplas novas configurações. Se aproximando do argumento de Holder, identificam que portanto que um “queering” do espaço talvez seja mais uma estratégia tipicamente relacionada ao traços provocados pelos objetos ou o modo qual esses tenham sido utilizados; num dialeto arquitetônico, talvez transcenda questões relativas ao design e à materialidade: significaria pensar em quais redes de significância ou plataformas de categorização e identificação seriam alcançadas através da instância compositiva e visual (BLANCHFIELD; LOFTI-JAM; 2017).

Essa integração da realidade eletrônica ao mundo físico e o peso de seu papel estético é descrita também por Ellie Abrons (2017) em "**For Real**" que denota o potencial plural

FIGURA 49: "INTIMATE STRANGERS".
 FONTE: JORGE LÓPEZ CONDE, 2016.



da materialidade pós-digital ao compará-la com o discurso do *Camp* de Susan Sontag. Vivemos em uma era qual se iniciou um movimento de confusão entre o que é autêntico e o que não é; o advento digital vem permitindo não apenas a substituição do espaço urbano, como da própria materialidade física em si (fluindo desde criptomoedas imagens de vetores para até documentos, dispensando sua impressão). Ao se utilizar deste ponto de vista e compará-lo ao movimento *Camp*, articula a ideia de um abraço da modernidade ao caráter artificial e imagético do mundo físico, no qual se perde a noção do real.

Entendido o impacto da virtualização de uma arquitetura queer, Aaron Betsky tece uma crítica numa entrevista realizada pelo próprio Jaffer Kolb (2017) em momentos intermediários da publicação, em "***The End of The Queer Space?***". Betsky discute sobre como a situação atual do desenvolvimento do espaço queer acabou por convergir com suas observações anteriores - isso é, o rompimento de fronteiras e seu amplo desenvolvimento no meio digital, ideia presente no fim do seu livro. O teórico demonstra uma concretização dos seus medos, uma espécie de temor pelo fim do espaço queer em detrimento de novas formas de capitalização ou até do advento da SIDA.

Declara em sua fala uma "atomização do espaço público" (BETSKY; KOLB; 2017, p. 88, tradução nossa) provocada pelo avanço tecnológico, que simplificou o contato entre pessoas LGBTQIAPN+, o que culminaria consequentemente no fim de novos modelos espaciais nos quais a sexualidade e a banalidade pudesse ser reproduzida (subtenda-se o pensamento evocado no seu trabalho anterior, ou seja, de espaços voltados à uma população gay, branca e de classe média). Ainda sim, poderia ser algo positivo a ser explorado, tido o caráter de atraso da literatura arquitetônica e sua relação ao campo sexual:

"[...] Ser capaz de se conectar com pessoas nas redes sociais e com tecnologia baseada em localização é fantástico. [...] Acho que a arquitetura está sempre 10 a 20 anos atrasada em termos de pensar em como traduzir inovações como aplicativos em algo que possa ser apropriado e usado pelas estruturas de poder. (BETSKY, KOLB; 2017, p. 88, tradução nossa).

O teórico citou estar ciente da série de problemáticas de seu trabalho anterior, ao definir que reproduziu uma “stud construction” (construção rústica ou masculina, tradução nossa). Discutiui ainda sobre como a evolução do movimento não uma série de requisitos formalmente propostos pela pauta queer, ocasionado queda na equidade de gênero dos arquitetos em formação e na resolução de questões como a “diferença na reabilitação do interior, nas distinções entre o interior e o exterior, e num urbanismo de cima à baixo” (BETSKY; KOLB; 2017, p. 86, tradução nossa).

Carmona (2020, p. 126) traz que essa é uma constatação bastante duvidosa, ao passo que observamos nos trabalhos abordados até aqui um absoluto sucesso da virtualização da interior. O teórico apenas estaria correto se comparado aos conceitos previamente elucidados pelas feministas na década de 70 e 80 da redefinição das relações público-privado através da emancipação da domesticidade.

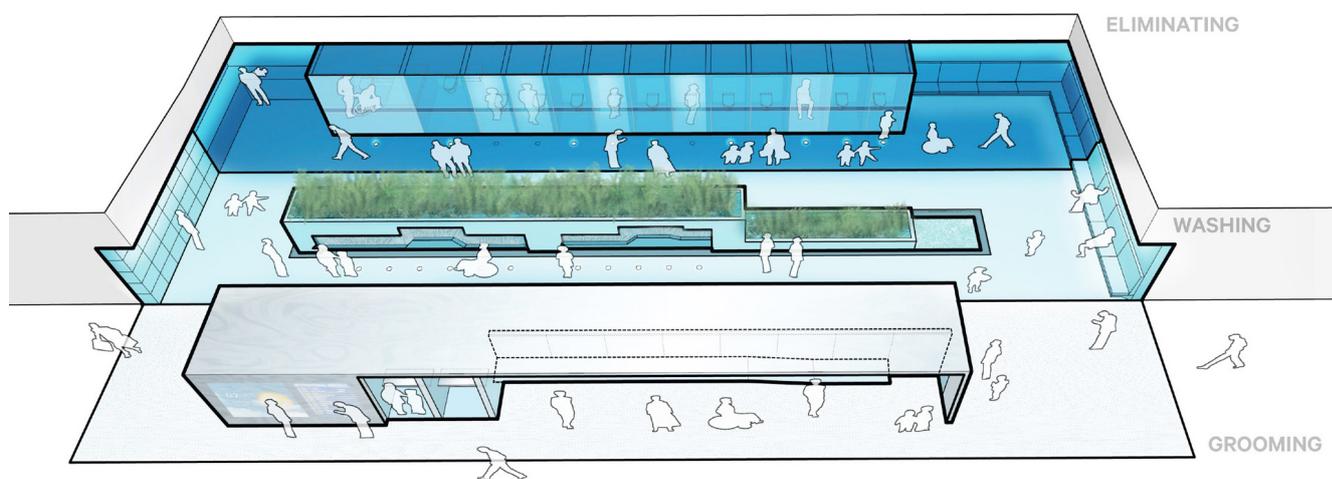
Outros trabalhos se fizeram de grande acréscimo ao conteúdo da publicação, como a abordagem de Andreas Angelidakis (2017) e o poder da performance arquitetônica em “**Demos, Polemos**”. Ao evidenciar uma experiência pessoal de *crossdressing* de sua infância, nota que “ser queer trataria-se frequentemente de um problema relativo à expectativa e à performance” (ANGELIDAKIS, 2017, p. 99, tradução nossa), gatilho esse qual passou a utilizar como referência para produção de espaços queer. É através dessa perspectiva que o autor chega à produção de um projeto para a exibição “Documenta 14”, ocorrida em 2015 e orquestrada por Beatriz Preciado para acontecer em Atenas e Kassel. “**Demos**”, trata-se da elaboração de um conjunto de blocos leves revestidos em vinil que simulam os degraus do Monte Pnyx, local do surgimento da democracia grega; enquanto que “**Polemos**”, um outro conjunto de blocos revestidos em textura de camuflagem militar, simulou um tanque militar Panzer típico da indústria militar de Kassel. Ao serem rearranjados a cada reunião do programa do Parlamento dos Corpos e tomando formas diversas (como bancos, corredores, templos ou até mesmo clínica sexual), foram permitidas múltiplas subversões, um ato representativo de transgressão e crítica muito discutido pelos seus visitantes (ANGELIDAKIS, 2017).

Joel Sanders (2017), também presente na publicação, avança com uma revisão de suas publicações anteriores, frente

às novas demandas da sexualidade. Partindo de um olhar menos categórico acima de uma arquitetura queer, o autor age em consonância com as novas abordagens de viés trans publicadas e passa advogar pela sua necessidade, discorrendo sobre a facilitação do processo ocasionada por sua adoção como referência no pensar no design arquitetônico, além de evidenciar enquanto fundamentais algumas nuances da visão de Beatriz Preciado:

“[...] Enquanto conceitos como performatividade, tipologia, decoração de superfícies de parede e ciborgues, que considerei do ponto de vista queer masculino há duas décadas continua relevante hoje, considerações relativas à práticas trans e teorias culturais se revelaram enquanto algumas limitações do meu trabalho inicial, que agiu enquanto cúmplice numa tendência da arquitetura de presumir que no Ocidente homens fisicamente aptos, brancos e cisgêneros são seus usuários por padrão. Os estudos do campos trans e de acessibilidade me encorajaram a ampliar meu alcance queer à uma busca por estratégias de design capazes de acomodar pessoas cujos corpos se desviam do norma por causa da idade, sexo, religião ou habilidade”. (SANDERS, 2007, p. 153, tradução nossa).

FIGURA 50: PROJETO "STALLED!".
FONTE: FOOTPRINT, 2017.



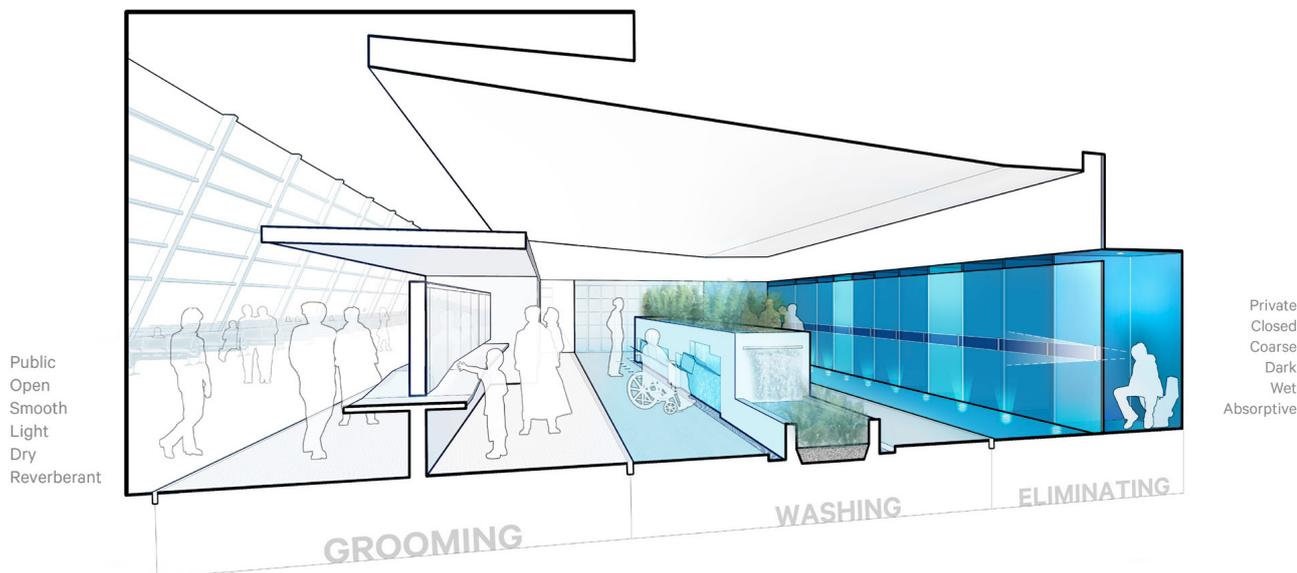


FIGURA 51: PROJETO "STALELD!".
 FONTE: FOOTPRINT, 2017.

Suas novas impressões sob o “queering” arquitetônico foram fundamentais à constituição de um projeto denominado **“Stalled!”**, pesquisa interdisciplinar elaborada em parceria com Susan Stryker e Terry Kogan para idealização de um banheiro público para todos os gêneros. A contestação territorial induzida pelo autor valida-se mediante o argumento da necessidade de promoção de justiça social, uma reparação histórica que seja desenvolvida pelo inovar do design arquitetônica. Questão antiga que data desde a luta feminina pelo banheiro no local de trabalho, sua produção haveria de atuar enquanto auxiliar do sanar do constrangimento diário do corpo trans em localidades ainda vinculadas ao binário do gênero:

“[...] Não podemos mais aceitar banheiros segregados por sexo/gênero como um dado que responde ostensivamente às necessidades objetivas da privacidade com base na diferença anatômica [...] precisamos expandir nosso alcance para criar banheiros inclusivos que não apenas atendam às necessidades do comunidade trans, mas que comportem as necessidades de todos os sujeitos encarnados de diferentes idades, gêneros e habilidades”. (SANDERS, 2017, p. 110, tradução nossa).

Pensado enquanto protótipo de aplicação em múltiplos ambientes, o estudo de caso se fez aplicado a princípio para aeroportos, entendido seu grande volume e multiplicidade de usos que engloba. Sua dinâmica, pensada para uma diversidade marginalizada pelo meio social, fomenta a produção de um modelo arquitetônico bastante plural que divide o programa do lavabo em três partes principais (área de eliminação, lavagem e embelezamento), ao passo que garante acesso múltiplo e conforto, além de proteção ao usuário provida pela possibilidade de fiscalização por outros utilizadores (SANDERS, 2017).

Esse projeto também é explorado na **FOOTPRINT** (2017), que caminha de modo paralelo ao abordado nas outras publicações. O volume, dotado de novas percepções relativas à temática, privilegiou o ultrapassar questionamentos voltados apenas à promoção uma arquitetura queer para a possibilidade de abrangência de outras narrativas identitárias, entendido que seus colaboradores observam no portfólio mundial a necessidade de idealização de um modelo construtivo desprendido do sistema binário condizente com o essencialismo feminista tão defendido do final dos da década de 70.

Essa preocupação é discernida logo na sua introdução, à medida em que também cita que fatores identitários relativo especialmente à pauta queer por completo estiveram ausentes da discussão promulgada na década de 90, posicionando-a enquanto inferior com relação ao que já se fazia estudado no mainstream cultural. De qualquer modo, elogiando a Log e a The Funambulist por uma investida mais aprofundadas e conectadas a agenda da Teoria Queer, é informada uma aspiração da publicação em atuar enquanto uma mais lente alternativa, capaz de moldar da agenda heteronormativa do gênero e servir enquanto mais um marco na exploração do tema dentro do corpo teórico da arquitetura. (GORNLY; HEUVEL; 2017).

Em seu compilado também encontramos outros trabalhos interessantes, como o realizado por Xenia Kokoula (2017) em "**Opening up the Bodyspace**", que propõe um abandono do conceito de contêiner vinculado ao corpo humano através da utilização da noção do "**bodyspace**" (espaço corporal, tradução nossa), abrindo sua possibilidade de interpretação para múltiplas variantes; ou até mesmo do trabalho de Tim

FIGURA 52: MODELO DE RESIDÊNCIA QUEER.
FONTE: COLIN RIPLEY, 2017.

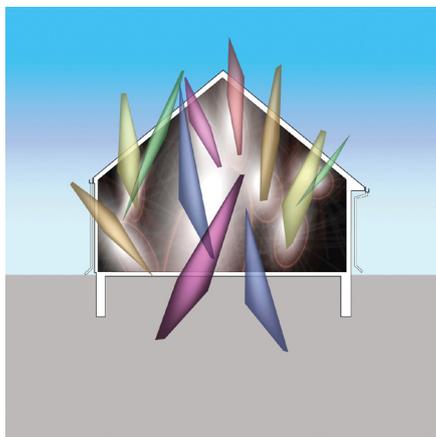


FIGURA 53: MODELO DE RESIDÊNCIA QUEER.
FONTE: COLIN RIPLEY, 2017.

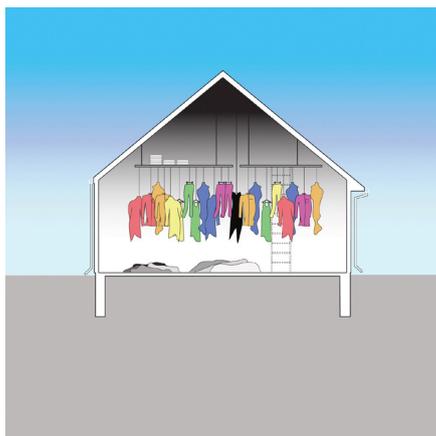
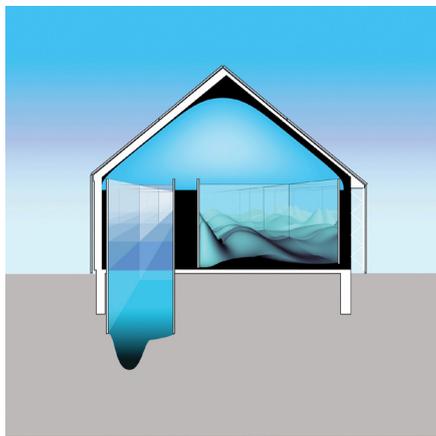


FIGURA 54: MODELO DE RESIDÊNCIA QUEER.
FONTE: COLIN RIPLEY, 2017.



Gough (2017), avalia formas de desessencializar a ontologia arquitetônica, ou seja, seu significado, a fim da produção de uma prática mais inclusiva. Observaremos mais à frente que essa é uma tendência que se viu produzida após uma nova investidas no campo, que expandiram o viés do do espaço queer para práticas trans-inclusivas.

Colin Ripley (2017) avança sob as perspectivas de Gough em "**Strategies for Living in Houses**", no qual discrimina o modo agressivo qual a unidade habitacional se apresenta ao corpo queer. Localizando o programa habitacional desenvolvido no mundo contemporâneo como fruto do mundo pós-segunda guerra mundial e do crescente advento capitalista, discorre sobre como sua reprodução é um constante ato de discriminação e repressão, capaz de invisibilizar narrativas das sexualidades desviantes e servir enquanto aliada à propagação da heteronorma:

“[...] A casa foi pensada para produzir e manter a ideia do núcleo familiar como conceito e como construção social [...] Presa entre a necessidade industrial de reprodutibilidade e a necessidade estrutural de separação, cristalização de papéis e negação do biológico, o corpo passa a ser constricto, o erótico removido e as psiques e as identidades são forçadas a ficar em pequenas caixas trancafiadas.” (RIPLEY, 2017, p. 96, tradução nossa).

Sua arguição dá abertura a um fator já iludido por outros teóricos anteriores: ao mesmo tempo em que a urbanidade e arquitetura é avessa à existência LGBTQIAPN+, uma habitação tipicamente queer também seria em seu âmago uma contradição de termos, tido o caráter heteronormativo da formatação da casa na contemporaneidade. A estrutura do programa arquitetônico vigente seria o próprio problema, que desconsidera outras formas de manifestação da sexualidade em detrimento do favorecimento de um sistema opressor. E a própria comunidade queer praticante da profissão não foge desse aspecto - uma vez que também foram e estão sendo treinados para reproduzi-lo (RIPLEY, 2017).

É por esse viés que o autor vem a discutir um conjunto de estratégias que poderiam ser adotadas à promoção de

uma habitação mais democrática, como modos de ocupar (incorporando a vivência queer ao dia a dia), modos de evitar (visto que alguns acabam por abandoná-la mediante se sentirem confortáveis) ou até modos de intervir em sua composição (transformando a casa em uma entidade “drag”, uma gentrificação queer incorporadora do *Camp*). Sua narrativa encontra-se paralela à abordada em "**Me as a Building**" de Andreas Angelidakis, qual sugere modelos arquitetônicos alternativos “anti-odeipais e com qualidade onírica do mundo da *Hypnerotomacchia*” (GORNÝ; HEUVEL; 2017, p. 1, tradução nossa). Ainda que práticas bastante limitadas e associadas ao campo das ideias, sugerem uma colonização inclusiva da arquitetura, numa interpretação que vai muito de encontro aos conceitos observados em "Noncon Form" e "Working Queer" da LOG: a necessidade de uma produção renovada da própria prática arquitetônica.



FIGURA 55: "TROLL OR THE VOLUNTARY RUIN".
FONTE: ANDREAS ANGELIDAKIS, 2013.

C A P Í T U L O Q U A T R O

POR UMA

UTOPIA

QUEER

TRANSING E REVISÃO DE PRÁTICAS

4



FIGURA 56: ENSAIO QUEER EM FESTIVAL.
FONTE: WILSON VITORINO, 2024.

4.1 • "ARQUITETURA TRANS NÃO É BAGUNÇA!"

Até aqui realizamos uma apresentação de diversos escritos que discutiram a significância e conceitualização do espaço queer, uma evolução que ultrapassa o significado antiquado do mesmo enquanto apenas resultado de uma concentração homossexual estabelecida e localizada, atingindo um patamar cada vez mais conectado à uma essência da pluralidade identitária, que também pode ser mutável e desterritorializada. São narrativas que passaram a se identificar cada vez mais com a agenda da **Teoria Queer**, com a abordagem de discussões que passaram a reconhecer o corpo **trans** e **travesti** ao espaço arquitetônico, por exemplo. O trazer dessas identidades, publicados nos três periódicos anteriores, é fruto de uma fusão da *Teoria do Espaço Queer* com discursos de possibilidade de existência de um espaço trans-inclusivo, momentos anteriores introduzida mediante a possibilidade ocasionada de ampliação da temática. Novos atores puderam ganhar espaço e, com isso, uma melhor compreensão do espaço queer em suas múltiplas facetas.

Lucas Crawford (2015) é o principal nome por trás da introdução desses conceitos através de sua análise realizada em "**Transgender Architectonics**", publicação que condensa sua dissertação de doutorado e que é resultado de uma busca intermitente pela existência de um espaço trans-inclusivo. Sua lógica se vê engatilhada através da análise de um filme de Chris Vargas, "**Have You Ever Seen a Transsexual Before?**", filme responsável por imaginar um mundo no qual o corpo **trans** é presente nas mais diversas formas, tal qual em momentos quais o personagem principal se depara com objetos animados e inanimados gerais da cena, como bolas de praia, pássaros ou até mesmo animais marinhos, com marcas de cirurgias de transição sexual, um fator básico e essencial na utopia imaginada. É a partir da exposição da vitalidade possibilitada por um espaço trans-inclusivo que o autor indaga uma narrativa crítica de sua necessidade perante o meio social, valendo-se de uma argumentação que realiza uma visão panorâmica acima de dois projetos arquitetônicos e de literaturas produzidas por Virginia Woolf e Samuel Beckett. Em suma, o trabalho

disserta acerca da necessidade de incorporação de preceitos trans na teoria arquitetônica, visando as novas possibilidades quais seria capaz de realizar em termos de resolução projetiva e os impactos de sua ausência para todo o campo social.

Sua argumentação localiza uma relação complicada entre o invólucro trans e a arquitetura, uma questão bastante problemática e previamente localizada no conservadorismo da disciplina, também demonstrado ao longo de toda a abordagem da teoria do espaço queer:

”[...] A arquitetura se mantém firme; a transgeneridade é, no fundo, um *ethos* de mudança. Transgeneridade é um tipo de identidade; a arquitetura é uma produção estética. A arquitetura exclui e divide; a transgeneridade abrange, inclui e contorna fronteiras e binários. O transgeneridade exige voz, agência e sujeito; a arquitetura é geralmente anônima, institucional e aparentemente sem agência. Essas diferenças [...] parecem ser material para um argumento claro e viável neste livro: que a relativa fluidez do corpo trans pode servir de modelo para uma renovação das linhas modernistas, da estética e das exclusões das arquiteturas - onde poderíamos “enviadescer” o espaço modernista com corpos pós-modernos.” (CRAWFORD, 2015, p. 2, tradução nossa).

É através desse debate que o autor desenvolve uma argumentação que flutua por argumentos de Derrida e Foucault quanto do conceito do *“archive”* e *“archive fever”* (arquivo e febre de arquivo, em tradução nossa) para percepção da estrutura da arquitetura enquanto um arquivo do corpo, uma espécie de “soma de passados”, Assim como acontece no corpo transgênero, uma *transição* da arquitetura seria algo intrínseco à mesma, ainda que reprimida, e aconteceria mediante sua constante transformação perante o espaço construído (CRAWFORD, 2015).

É baseado nessa interpretação que o autor passa a correlacioná-la com os detalhes percebidos na *“Blur Building”*, projeto da dupla de arquitetos Diller Scofidio + Renfro (DS+R),



FIGURA 57: "BLUR BUILDING".
FONTE: DILLER SCOFIDIO + RENFRO, 2024.



FIGURA 58: "BLUR BUILDING".
FONTE: DILLER SCOFIDIO + RENFRO, 2024.

um pavilhão de exposições que está em constante processo de transformação ao passo que se imerge em uma neblina artificialmente provocada. O fato da interpretação do edifício ser constantemente alterada devido à "branquitude e ruído branco" (DILLER; SCOFIDIO; 2002) parece ser suficiente aos conceitos do autor, que passa a indagar cinco proposições fundamentais sobre a influência do corpo trans às teorias e práticas arquitetônicas no final de sua introdução:

- "Transing" seria uma operação estética que não implica na mudança de um gênero ou materialidade para outro adverso (ou um gênero para sua ambiguidade), mas sim para uma onipresença produzida por uma constante transformação. Nesse sentido, a figura de "transing" (assim como o queering) não "adiciona" trans a algo que não é trans, mas, em vez disto, extrai a sempre inerente trans-qualidade da materialidade - e, ao fazê-lo, mostra os processos e dissimulações normativos pelos quais uma "transição", especificamente de gênero, é configurada como excepcional e diagnosticável.
- A transição/transicionamento seria realocada da vida do sujeito soberano para atos e colaborações, que acontecem entre corpos, edifícios e meios.

- Como tal, a transição não viria a ser inerente à vida psíquica do sujeito. Ela não é apenas voltada para o exterior, mas também atravessaria e desfaria a demarcação do interior e do exterior de um corpo. “Transing” seria, então, um ato de dobrar e redobrar, ao invés de um ato de contenção.
- Atos de transição, portanto, não podem ser detidos ou reivindicados como identidades. São acontecimentos ou movimentos, e não objetos ou presenças. Os sujeitos trans ainda existem, é claro, e requerem agenciamento - mas em outro registro.
- O “transing” revela a estética da superfície. Transing mostra a instabilidade e decoração inerentes até das arquiteturas mais “fundamentais” ou “internas” (do eu). Em oposição direta à estabilidade e fixidez das “casas” corporais, a transição requer uma estrutura “leve” que produz corpos infinitos. (CRAWFORD, 2015, p. 14, tradução nossa).

Esse é o ponto mais forte de seu trabalho: uma reiteração constante à importância de percebermos o corpo trans não enquanto uma espécie de contêiner de identidade, mas como fruto de constantes transformações, que se acumulam e definem um novo tipo de personalidade. A transição deveria ser percebida enquanto um ato de redobramentos, servindo de exemplo à arquitetura. Sua abordagem desestabilizou a *Teoria do Espaço Queer* ao perceber a arquitetura enquanto uma instância “sempre em movimento”, que não deveria ser cristalizada em termos queers enquanto modelo unicamente perpetuado pelo sexo ou política. É um questionamento que se vê recorrente nos textos de Crawford, ao passo em que também critica a própria forma de abordagem da temática trans, fator intrínseco e reprimido na teoria arquitetônica:

“[...] Se a arquitetura é, de certa forma, um arquivo do gênero [...], então nossas tentativas acadêmicas e ativistas de tornar a arquitetura mais “trans-friendly” podem precisar mudar; isto é, talvez devamos começar a se perguntar como a transgeneridade já é pertencente e reprimida à arquitetura convencional, em vez de falar sobre a questão trans-

gênero como um tema novo e até então silenciado na abordagem dos arquitetos e teóricos da arquitetura.” (CRAWFORD, 2010, p. 516, tradução nossa).

Sua idealização também permitiu um resgate da agenda do espaço queer (e até mesmo feminista) em vários momentos, como da problematização das relações induzidas pelo binário interior/exterior sendo a mais forte delas. Sua análise também desemboca novos entendimentos relativos à léxicos problematizados na própria causa trans, tal qual o autor vinha realizando momentos anteriores, como em “**Breaking Ground on a Theory of Transgender Architecture**” (2010). Crawford parece dedicado em desmistificar a noção de que o corpo seria uma espécie de casa, tão observada em expressões que tratam o mesmo enquanto um tipo de "lar" da identidade, e isso tem um motivo válido. O próprio significado de casa, como observado por Sara Ahmed, estaria profundamente ligado à noções da família heteronormativa. Ao enraizar essas ideias, a utilização de metáforas espaciais acabariam por proporcionar incômodo à população trans. A partir disso, Crawford realiza uma análise de teses desenvolvidas por Theodor Adorno e Leslie Feinberg, para demonstrar a ideia de que lar é fator

FIGURA 59: RHODE ISLAND SCHOOL OF DESIGN STUDENT CENTER.

FONTE: BRUCE DAMONTE EM ARCHDAILY, 2024.



fictício e condicional, que não deve ser associado à uma ideia de conforto (CRAWFORD, 2010). Sua narrativa é bastante inovadora, e põe-se num lugar de exclusividade, uma vez que induziu a abertura formal da *teoria espacial queer* para novos caminhos.

Uma dessas novas aberturas foi especialmente a discussão do banheiro, tal qual o mesmo realiza em discussões mais recentes. Em uma publicação para a *Platform Space*, "**Five Reasons Why I Don't Share Washrooms With Cisgender People**" (2020), o autor o percebe enquanto um local de questionamentos, uma vez que a comunidade queer se vê crucificada, enquanto que a maior parte dos problemas é idealizado ou produzido pela própria comunidade heterossexual.

Isso seria observado em diversos momentos, definindo o banheiro público enquanto espaço evidenciador de uma multiplicidade de problemas do campo social: como a ausência de higiene por parte da sociedade cisgênero; um dos únicos meios de sociabilidade LGBTQIAPN+ devido à dificuldade de acesso ou usufruto de espaços arquiurbanísticos provocada pela população heterossexual; ou até de ser local um de denúncia, visto à crítica constante à pessoas trans que acontece nesse espaço. Os banheiros públicos, dentre outras espacialidades na qual relações queer se manifestam, haveriam de carregar consigo uma carga conflituosa, produzida pela paridade de gêneros na qual se faz condicionado.

Seu trabalho alcança grandes proporções, mergulhando cada vez mais na discussão do espaço queer. Assim como demonstrado nos postulados publicados, Joel Sanders (2017) o utiliza como referência no desenvolvimento de "Stalled!" anos depois, no qual defendeu a necessidade de atualização da disciplina arquitetônica em múltiplos níveis para solução dessas novas demandas relativas ao corpo humano - seja em termos tipológicos, ou em termos materiais e de tecnologia performática. Uma vez observado que a teoria trans introduziria a ideia da possibilidade de manipulação do gênero de cada um, haveria uma fuga da limitação imposta pela teoria queer da causa apenas enquanto discurso identitário, fator que demandaria dos arquitetos atenção para novas formas, materialidades e tecnologias.

Outros trabalhos também se viram numa mesma posição de questionamento e exposição dos benefícios que poderiam

ser alcançados através de uma abordagem trans-inclusiva, se valendo da posição do autor como referência. É o caso de por exemplo do então mencionado Robert Gorny (2017), que a faz na própria introdução da **FOOTPRINT**. Menciona que a abordagem de uma narrativa trans poderia ser entendida enquanto fator inédito na busca por um queering espacial adequado, uma vez que “a experiência trans não é geralmente reconhecida, não há uma historiografia trans que esteja sendo escrita, e nem há uma grande exibição cultural relativa ao tema em museus nacionais que retrate a luta, a violência e trauma vivenciados” (GORNÝ, 2017, p. 5, tradução nossa). Se observamos os trabalhos anteriores de Diana Agrest, como fizemos no primeiro capítulo, podemos perceber que é uma constatação parcial, visto que o tópico de uma prática da transgeneridade arquitetônica já havia sido trabalhado, mas usada através de argumentos perpetuadores de uma visão feminista e relativa especificamente à questão do gênero.

Ainda que recentemente iniciada e extremamente limitada em termos de produção teórica, a literatura trans espacial teria permitido um pensar que agora considera também as rédeas do corpo o seu impacto no meio arquitetônico, superando cada vez mais o essencialismo da arquitetura em uma narrativa que aproxima a constituição do corpo à uma construção e transcendendo narrativas queer que tomam por foco uma relação da pauta trans enquanto fator identitário.

Tom Gough (2017) é outro que na mesma publicação também cria um recorte textual profundo acerca do tema, no qual busca aprofundar a produção de uma trans-arquitetura através de sua desconstrução. Em “**Trans-Architecture**”, como já mencionado, recorreu à uma crítica da própria epistemologia arquitetônica, como modo de provocar uma transição (e *transing*) dos discursos abordados:

“[...] O objetivo aqui não é simplesmente demonstrar como foram realizados os avanços das 'disciplinas' teóricas, filosóficas e políticas na arquitetura, nem fazer conexões entre os ambos (por mais instrutivo que isso seja), mas sim questionar e reformular a própria ontologia e, como veremos, a epistemologia da arquitetura. A questão

queer, ou transição do gênero, induzirá uma transposição da arquitetura, do seu próprio modo de ser.” (GOUGH, 2017, p. 52, tradução nossa).

Para tal alteração, sua agenda recorre à utilização do conceito deleuziano de “assemblage” (agenciamento, tradução nossa), uma operação qual diluiria a necessidade intrínseca à arquitetura de satisfação da máquina binária qual se faz vinculada. A montagem permitiria a superação do discurso de estabilização imagética induzida pela relação forma-conteúdo, entendendo o *transing* ferramenta para uma constante atualização da disciplina afixa e mutável:

“[...] Não tem a ver com uma resposta estética subjetiva, nem com a forma implantada no design; nem é inerentemente significativo. E não é coincidência que este agenciamento talvez seja primeiramente aplicado de forma mais adequada a conjuntos que

FIGURA 60: CENA DA SÉRIE "POSE".
FONTE: UOL, 2024.



incluam configurações espaciais (e que são, portanto, definitivamente arquitetônicos) dentro dos estudos queer. [...] A noção de agenciamento dentro de Deleuze e Guattari é decididamente queer, à medida em que produz uma desterritorialização compartilhada.” (GOUGH, 2017, p. 54, tradução nossa).

Essas são investidas bastante recentes no campo, que têm percebido na arquitetura um potencial transformativo. Trazem consigo a ideia de que não significaria termos superar as ideias anteriores em sua totalidade, mas de compreender que a qualidade intrínseca de arquitetura *queer* talvez relacionada à sua capacidade de mutação e mudança de narrativas, algo inerente ao indivíduo trans. Não deveria ser percebida, portanto, como invólucro de um conceito fixo, mas sim de formas de disposição mutáveis, superando qualquer tentativa de localizá-la enquanto fixa ou mística.

4.2 • PRATICAR A INCLUSÃO: EVOLUÇÕES DE UM *QUEERING* ARQUITETÔNICO

Discorrer acerca de literaturas que tratam da arquitetura queer e suas múltiplas nuances tem significado, como observado, lidar com um direcionamento único nas últimas décadas. Neste ponto, podemos observar no meio literário e acadêmico uma ampla dedicação à uma produção crítica e teórica que discutisse a melhor definição do espaço queer e sua importância, com uma vaga discussão de narrativas que abordassem práticas ou locais no quais o queering começa a se ver exercido e influenciando a produção arquitetônica.

É aí que entram os anos mais recentes: vê-se uma crescente vontade dos nomes atuais presentes no campo da Teoria do Espaço Queer de rompimento com a ótica produzida, através de escritos que buscam modos de atingir a utopia espacial, seja pela argumentação da necessidade de atualização de práticas, concepção de protótipos ou até da percepção de espaços exemplares quais atuem de modo subversivo frente à realidade social atual e garantam um mínimo de conforto à camada marginalizada socialmente. Vê-se atualmente, logo, uma alteração na discussão acerca da arquitetura queer, que começa a superar a extensa vontade de catalogação ou identificação estilística previamente recorrida e tem garantido novas perspectivas e formas de perceber o modo qual o espaço é capaz de se tornar inclusivo.

A discussão por formas de promover a inclusividade através da experimentação através de modelos espaciais alternativos, capazes de desafiar modelos pré-definidos e antiquados e garantir a mudança da estrutura hegemônica que domina e molda o espaço projetado, é um tipo de observação previamente iniciada. Assim como as proposições realizadas por Joel Sanders em "*Stalled!*", aproximações se veem produzidas desenvolvidas alguns anos antes - como é abordado em "*Home Is the Place We All Share: Building Collective Utopias*" por Olivier Vallerand (2013). O autor exemplifica em seu artigo projetos desenvolvidos após a primeira leva de críticas teóricas



FIGURA 61: PROJETO "THE WAVES".
FONTE: DILLER SCOFIDIO + RENFRO, 2024.

produzidas pelos principais nomes da *Teoria do Espaço Queer*, flutuando sobre duas instâncias principais: as instalações desenvolvidas por Elmgreen e Dragset, que contradizem em suas representações o espaço privado e público, e o projeto "**BOOM**", idealização de um conjunto habitacional voltado à comunidade gay aposentada. Os dois seriam modelos exemplares, que criam, nas palavras do próprio autor:

“[...] uma interação sobreposta entre o público e privado que não determina o uso, mas que permite oportunidades espaciais para que os moradores realizem suas próprias auto-identificações. Projetadas para todos, essas utopias queer são, no entanto, de particular importância para usuários queer, que ganham possibilidades espaciais quais os espaços normativos reprimem.” (VALLERAND, 2013, p. 68, tradução nossa).

O trabalho demonstra como ambos os projetos problematizam um dos principais tópicos citados durante a discussão da invisibilidade queer e a terceira onda do feminismo na arquitetura: o binário público-privado. Os modelos mencionados tecem uma nova visão acima da dinâmica complicada entre pessoas e o espaço construído, através da realização de uma interpolação do significado imagético dos ambientes domésticos e de natureza pública. É uma constante dos projetos elaborados por Elmgreen & Dragset, que coincidem em trazer uma nova perspectiva acerca da domesticidade através de sua elucidação em espaço público. Este também é o caso de outra trilogia, "**The Welfare Show**", "**The Collectors**" e "**Celebrity: The One and the Many**", instalações responsáveis pela transformação de galerias de exposição em cenários arquitetônicos fictícios (VALLERAND, 2013).

Entendidos enquanto exposição de arte e ao mesmo tempo espacialidade crítica, estas instalações conferiram aos participantes um possibilidade de questionamento à domesticidade queer, a partir da exibição de cenários residenciais aparentemente ativos que confundiram os limites do interior e exterior, superando ainda barreiras relativas à relação público/privado. Isto pôde ser observado

especialmente nos dois primeiros, cenários quais onde foram simulados ambientes internos à uma residência.

Atores participaram do processo, simulando situações adversas - como uma casa que está à venda após a saída abrupta dos familiares, deixando para trás seu suposto único filho homossexual. As obras trouxeram consigo uma nova visão acerca dos efeitos do ambiente doméstico na vida queer, ao passo que permitiram uma englobar do espaço privado pelo domínio público (VALLERAND, 2013). Além disso, observando mais especificamente os últimos dos três projetos, é possível perceber que os arquitetos visaram também a exploração de uma interpolação entre utopia e distopia.

"Celebrity: The One and the Many" foi exposição que simulou a saída dos proprietários de seus domicílios, mas que evidenciou a presença de uma certa "essência" da vivência anterior através de certas características. Essa essência poderia ser percebida pelos que passassem pela exposição; onde os arquitetos assim a imaginaram para evidenciar que "o espaço doméstico e seus significados presumidos por um forasteiro possuem impactos, sem necessariamente, explicitamente descrevê-los" (VALLERAND, 2013, p. 70, tradução nossa).

Em contrapartida, o projeto "BOOM", ao invés de focar em experiências promovidas em edifícios únicos e relativos à ampliação dos conceitos da domesticidade, explora uma narrativa parecida, mas através de designs que expandem o oposto, ou seja, que imaginam soluções em termos de agregação de uma urbanidade ao espaço interior. Através da concepção de um espaço coletivo voltado à aposentadoria de pessoas queer, Matthias Hollwich em parceria com outros nomes de peso, trazem um foco na exacerbação do senso de comunidade intrínseco à população LGBTQIAPN+, através de um desenho contemporâneo que exacerba os desejos de socialização LGBTQI+ ao imaginar um espaço quase que ausente em privacidade, capaz de dissolver as definições de família tradicional e conferir a produção de uma utopia socialmente conectada.

O projeto **"The Waves"** imaginado também por Diller + Scofidio como parte do complexo, é um dos nomes mais fortes, que se utiliza de formas onduladas para separar o que é interno ou externo e criar programas residenciais quase totalmente visíveis, através de folhas de vidro que fecham ambos os lados dos volumes. Ainda que problemático devido



FIGURA 62: PROJETO "THE WAVES".
FONTE: DILLER SCOFIDIO + RENFRO, 2024.

seu alto custo conferido pela materialidade e complexidade projetiva - o que acabaria por culminar na concentração de uma clientela predominantemente branca e de alta classe social -, a idealização visa a subversão do modelo de residência e urbanidade atual, através de uma extrapolação de um questionamento: o que deve vir ou não a ser público. Nas palavras do Vallerand:

"[...] No 'BOOM', presume-se que todos os habitantes partilham de uma mente aberta, mas também de meios materiais e financeiros. As habitações são concebidas para confundir o privado e o público, mas simultaneamente esta confusão depende do desejo do proprietário. Entretanto, demonstra o desejo de alguns arquitetos de traduzir o potencial da teoria do espaço queer em comunidades reinventadas que apelam a todos, pelo menos pelo design. O próximo passo será trazer estas comunidades para um ambiente menos isolado, explodir e difundir a experiência Elmgreen & Dragset em um

conjunto urbano.” (VALLERAND, 2013, p. 73, tradução nossa).

Para além da identificação de protótipos arquitetônicos capazes de gerar uma subversão espacial à respeito da estrutura normativa entremeada na prática arquitetônica, colaboradores mais recentes no campo têm tentado catalogar objetos quais já detenham um certa conformação queer em sua espacialidade, seja isso pela presença de pessoas da comunidade, como também pelo modo qual a arquitetura se dobra à favor das relações queer. Não buscam a forma de reproduzir a arquitetura queer, mas de por em evidência seus resultados.

Um dos trabalhos mais recentes que remontam à essa busca é o "**Queer Spaces**" de Adam Nathaniel Furman e Joshua Mardell (2020), que sugere a construção de um postulado que há de agir enquanto referência: um trabalho que se responsabilize por fornecer exemplares a ser repassado entre gerações, capaz de disseminar a imperatividade, vibração e vivacidade presente em espaços de afirmação de identidade. O projeto, fruto de um desejo pessoal de superação da ridicularização submetida à comunidade em tempos anteriores, atua demarcando um largo espectro de edifícios que contribuem ativamente ao desenvolvimento da sexualidade em suas múltiplas formas e facetas, utilizando para isso de uma subdivisão geral em três tópicos: espaços domésticos, espaços comunais e espaços públicos. Ainda que evidencie uma certa limitação em sua introdução devido à impossibilidade de abordagem de alguns modelos, tida à privacidade demandada pelos mesmos mediante a realidade ou contexto qual se veem inseridos, abrange de uma coleção extremamente diversa, demarcando das mais diversas tipologias - formatos educacionais, alguns institucionais tipicamente heteronormativos e que inclusive se viram reapropriados pela comunidade, além das tipologias base associadas à comunidade, como bares, clubes, cafés e conjuntos de habitação. Citado como uma forma de ativismo pelo autor, seu trabalho buscou criar uma espécie de "arquivo", fluindo para muito além de espaços relativos ao imaginário LGBTQIAPN+ e demarcando novas perspectivas acima de locais pouco associados. (FURMAN; MARDELL, 2020).

Observamos uma conjuntura de espaços abordados no livro bastante interessantes em se tratando de um queering por



FIGURA 63: "EL HANGAR EN SANTURCE".

FONTE: QUEER SPACES, 2024.



FIGURA 64: "CATEGORY IS BOOKS".

FONTE: QUEER SPACES, 2024.

eles proporcionado, dos mais variados tipos. No espectro do comércio, é o caso do "El Hangar en Santurce", por exemplo, mercado público projetado em Porto Rico cuja equipe de trabalho é um coletivo formado especialmente por pessoas da comunidade, que fornece uma experiência de atendimento ao cliente bastante alternativa e inclusiva. O edifício, que se vê amplamente utilizado tanto internamente quanto externamente (devido às altas temperaturas locais), passou não apenas a atuar enquanto comércio, mas também como refúgio após desastres naturais que afetaram a população como um todo. Outro exemplar também é o "Category is Books", uma livraria localizada em Glasgow, na Escócia, responsável não apenas pela disseminação de literaturas que tratam em sua grande maioria de tópicos mais voltados à comunidade LGBTQIAPN+, como também pela realização de atividades que transbordam ainda mais sua percepção enquanto um espaço queer - como transformação semanal em um salão para cortes de cabelo alternativos; local de encontros da comunidade para repasse de ações e atividades de apoio; espaço para promoção de atividades culturais gratuitas, como exibição de filmes, workshops, e realização de ações governamentais; e ainda um lugar de promoção da saúde, através da realização de aulas de yoga comunitária. Seu caráter de suporte conferiu ao estabelecimento um status de espacialidade protetiva, um referencial para as parcelas marginalizadas da região. (FURHMAN; MARDELL, 2020).

Ambos os trabalhos anteriores conferem uma conjunção teórica que não apenas identifica formas avessas de lidar com um queering espacial, como também sugerem a necessidade de atualização da prática, observadas as novas necessidades inerentes ao meio social. Para muito além de entender o que o espaço queer significa, esses trabalhos sugerem que o mais importante talvez seja compreender o modo qual o mesmo pode ser praticado e os impactos de seu fornecimento, exacerbando seu papel quando do resgate de um local que permita um experienciamento profunda da identidade, num ato libertário. Em sumo, deixam claro como é importante compreender o peso social que carregam consigo, de modo que sirva de inspiração para futuros projetos cada vez mais acessíveis e acolhedores.

Trabalhos recentes têm objetivado cada vez mais a busca de um "como" em privilégio de um "o que". Uma arquitetura queer,

entidade que detém diversos formatos de identificação, como já mencionado, têm sido observada enquanto possivelmente ocasionada por múltiplos processos de transformação, sejam eles relativos à sua materialidade, como à práticas que levam à sua instauração. É através desses novos moldes que Marko Jobst e Naomi Stead (2023) promovem a publicação do "**Queering Architecture**", compilado de trabalhos que se somam às produções anteriores visando "expandir e criticar as hegemonias e os pontos cegos da arquitetura, suas oclusões e exclusões" (JOBST; STEAD; 2023, p. 1, tradução nossa). Agindo em consonância as publicações mais recentes, parte de noções atuais que transcendem os conceitos solidificados na teoria do espaço queer e que transitam pelas novas problemáticas introduzidas pelos tempos recentes, como crises políticas, sociais, e até biológicas - a exemplo da pandemia do COVID-19, responsável por dificultar ainda mais a sua já diminuta possibilidade de expansão.

O volume se destaca por um enfoque particularmente moderno - o debate acerca da necessidade, busca e definição de metodologias arquitetônicas inclusivas, abordagem essa que toma por inspiração principal as falas de Hannah McCann e Whitney Monaghan para seu desenvolvimento. Suas contribuições produzem um debate que reconhece o espaço queer enquanto meio produzido por novas formas de concepção espacial, capazes de perceber as especificidades e demandas impostas pela contemporaneidade e saná-las através de práticas mais inclusivas. Em outras palavras, busca identificar e disseminar meios capazes de produzir e expandir uma espacialidade democrática. E é justamente esse fator que põe o trabalho numa posição superior com relação à publicações anteriormente desenvolvidas no campo: a percepção do espaço queer enquanto também dependente de atualização de mecânicas.

Se valendo desse aspecto, o volume se divide em quatro tópicos principais, que guiam a discussão como um todo. "Métodos" é o primeiro deles, uma sessão introdutória que visa guiar o entendimento das análises presentes no livro através da exposição de momentos anteriores na discussão da teoria do espaço queer. É aqui que Olliver Vallerand (2023) aborda de início uma recapitulação de trabalhos anteriores que construíram a teoria do espaço queer em "**On The Uses of Queer Space Thinking**", um debate que

explora trabalhos anteriormente mencionados e cria reflexões sobre os contrastes entre a construção da sexualidade e o espaço habitado em tempos modernos, identificando em todo o processo uma espécie de “bagunça de significados produtiva”. Sua recapitulação cria uma base sólida, reforçada pelos trabalhos de Dirk van den Heuvel, Martin van Wijk e Marko Jobst (2023) quais observam a busca por evidências de um queering urbano nos arquivos da Coleção Nacional de Arquitetura e Design Urbano Alemã ou ainda o reconhecimento da arquitetura barroca enquanto intrinsecamente ligada aos discursos identitários.

"Práticas" vem logo a seguir, abordando novas aplicações e atividades relativas à uma concepção arquitetônica mais inclusiva desenvolvidas em tempos contemporâneos. É o caso de Timothy Moore e Adam Nathaniel Furman (2023) em "**After The Party with The Lights On**" reflexão que aborda o processo de idealização de uma das áreas executadas para a Triennial 2020 exhibition na Galeria Nacional de Victoria (NGV), em Melbourne. Os autores discutem o processo de concepção "Boudoir Babylon", uma instalação multiuso que materializou uma cafeteria e que mirou a fusão de espaços diferentes vivenciados pela população LGBTQIAPN+ capazes de gerar congregação e autoidentificação. O projeto culminou

FIGURA 65: "BOUDOIR BABYLON".
FONTE: ADAM NATHANIEL FURMAN, 2023.



na soma de três tipologias distintas, entendidas pelos autores enquanto "interiores históricos que desafiaram entendimentos normativos de gênero e sexualidade no tempo qual emergiram" (FURMAN; MOORE; 2023, p. 112, tradução nossa) - um *boudoir*, espaço que emergiu como um recanto feminino na França; um salão, local histórico de encontro e socialização feminina também francês; e boates, espaços que dominaram a década de sessenta e que agiram como locais no qual a população desviante poderia se manifestar mais livremente. O resultado foi capaz de proporcionar um espaço polivalente, que usufruía em sua composição não apenas elementos característicos dos espaços anteriores (como passarelas ou momentos de oclusão para as mesas quais gerasse privacidade), como também de um design marcante que pôs em destaque questões como a multiplicidade da sexualidade e a necessidade de sua exposição (FURMAN; MOORE; 2023).

"Espaços", etapa terceira da publicação, explora os módulos e/ou vazios na qual a sexualidade se vê desenvolvida ou refletida. Os trabalhos apresentados nessa seção relativizam os meios distintos quais a arquitetura consegue se ver articulada, remetendo não apenas ao espaço arquitetônico e urbano material como também o espaço metafísico. É o caso de trabalhos como o de Nicholas Gamso (2023) em "**Architectures of Darkness**", ao analisar o modo como a diferença de iluminação provocada numa exposição de dois curtas de Mark Bradford e Derek Jarman foi capaz de gerar uma espaço de "arquitetura menor" permissivo ao cruising, com uma percepção que se aproxima da abordagem de John Paul Ricco em momentos anteriores.

Outras contribuições também são somadas, como a realizada por Simona Castricum (2023) em "**Music as a Site of Transing**", onde comenta sua tática projetiva, uma ação que soma técnicas de composição plástica e performance musical para promoção de resultados mais eficientes e inclusivos; a análise de Sarah Nicholus (2023) em "**Queer Space in a Peripheral Modernity**", análise qual discorre sobre o espaço urbano da cidade de Natal no Rio Grande do Norte e a espacialidade de sua marginalidade LGBTQIAPN+; ou até a realização de mais uma das reflexões de Naomi Stead (2023), onde em "**Queer Reading In Queer Lodgings**" explicita a relação entre dois momentos quais vivenciou, a leitura de "O Hobbit" para seu filho no quarto do mesmo, e a leitura de

"*C+nto and Othered Poems+*" de Joelle Taylor em seu quarto, com sua esposa. Ao comparar ambos os momentos e situações por eles provocadas - como a produção de um sentimento de angústia frente à substituição da palavra queer para seu filho, presente no livro com significados antiquados, ou até como da oclusão da leitura em voz alta de livros sáficos em seu quarto -, a autora demonstra o modo qual a privacidade, também exercida pela arquitetura, age enquanto aliada na constrição da discussão da sexualidade no espaço doméstico, relatando sua ansiedade e vontade de rompimento das barreiras metafísicas existentes. (STEAD, 2023)

"Pedagogias", tópico final, é sem sombra de dúvidas pode ser reconhecido enquanto um dos mais fortes do trabalho. É aqui que se faz posto em jogo a agressão ocasionada pelo pensar arquitetônico disseminado pela academia, além da explanação de pesquisas já atuantes e sua recomendação uma vez que podem atuar enquanto guia para novas metodologias de ensino a serem implementadas ao redor do globo. Em sumo, a sessão é responsável por permitir a compreensão da necessidade de ensino da arquitetura e urbanismo cada vez mais distante dos moldes heteronormativos que se fazem presentes e naturalizados na própria prática, o que permitiria o desenvolver de novas estratégias cada vez mais inovadoras e resultados de design espacial cada vez mais abrangentes e plurais com relação à seu público de alcance.

Essa abordagem é introduzida por Gem Barton (2023) em "**[Spatial] pedagogic readings of queer theory**", onde indica que trabalhar um modelo pedagógico inclusivo significaria investir no processo e no modo qual o pensar arquitetônico é desenvolvido, ao invés de um foco exaustivo apenas no design final - o que, por sua vez, haveria de garantir resultados mais impactantes e de relevância para amplas as camadas interessadas. Promover pedagogias mais plurais haveria de sanar ainda uma outra questão: a desmistificação de que uma atuação inclusiva seria produzida apenas por pessoas englobadas pela sigla. Indivíduos podem se identificar enquanto queer e ainda sim não produzir resultados inclusivos, ao passo que outros possam dotar de identidades normalizadas e ainda sim garantir um produto arquitetônico extremamente atento às individualidades de cada um. Investir em novas pedagogias mais inclusivas seria uma forma desenvolver ainda mais a disciplina, algo que a autora identifica enquanto ainda

problemático mediante o conservadorismo típico da profissão.

O resultado de sua reflexão ocasionou no desenvolvimento de um projeto que enquanto docente do programa de arquitetura de interiores na Universidade de Brighton: o **"Experimental Realism"**, um projeto acadêmico e fábrica de ideias que se inspira no "Design Especulativo" de Anthony Dunne e Fiona Raby para simular um conjunto de possíveis realidades futuras quais a sociedade haveria de lidar, e assim produzir desenhos que pudesse sanar as necessidades utópicas inerentes à elas:

"[...] através de cenários imaginados conseguimos especular sobre como as formas se relacionam e interagem, como prazer e entretenimento e os gêneros e as identidades (e todas as muitas intersecções destes), suscetivos à mudança num futuro próximo. Utilizamos os insights gerados a partir desses cenários desenvolvidos para estudar impactos potenciais e requisitos espaciais, o que acaba culminando na exploração de programas de uso emergentes e novas tipologias espaciais". (BARTON, 2023, p. 225, tradução nossa).

Fruto de um construtivismo e liberacionismo, o projeto identifica a posição frágil do arquiteto, além de evidenciar a necessidade de velocidade com relação às proposições de design. Ao realizar a soma de três temas principais (os futuros do prazer e entretenimento; os futuros das interações e relações e os futuros do gênero e identidade) para geração pelos seus integrantes de soluções inovadoras, age enquanto uma incubadora de ideias que desafia as limitações espaciais e culturais, a fim de garantir um espaço cada vez mais acolhedor, além de aproximar os estudantes ainda mais do papel fundamental relativo ao profissional de arquitetura - o de garantir proposições e desenhos inteligentes e afastar a compreensão do mesmo enquanto apenas um "técnico do meio construtivo". Além disso, é identificado pela autora enquanto materializador de uma compreensão: de que a pedagogia queer espacial é uma instância contínua, que problematiza os modos de pensar e solucionar espaciais disseminados pela prática, e que através de uma ampla cooperação entre seus

relacionados (docentes e discentes) é capaz de gerar soluções mais eficazes para problemas diversos, agindo como o provável futuro da disciplina. (BARTON, 2023).

As percepções invocadas pelo mesmo nesta sessão não se encontram em um local distante das abordadas por Colin Ripley (2023) em "**Taking Architecture from Behind**", capítulo qual o autor introduz o "The House of the Thief" (a casa do ladrão, tradução nossa), uma atividade de extensão desenvolvida de modo concomitante à sua dissertação de doutorado e fundada pelo Conselho de Pesquisa de Ciências Sociais e Humanitárias do Canadá. O projeto objetivou um "queering" da prática arquitetônica, que poderia ser alcançado através de uma visão produzida de modo externo aos meios consolidados na disciplina. Para tal, optou por base os escritos produzidos por Jean Genet, francês escritor e ativista que produziu trabalhos que correlacionam a estrutura arquitetônica à "um modelo de prisão ou bordel" (RIPLEY, 2023, p. 250, tradução nossa). Ainda que identificado em momentos anteriores em seu texto enquanto impossível, visto uma ligação fundamental com a arquitetura devido a profunda relação do queer com o binário interior/exterior, esse talvez pudesse ser alcançado através de produções que fugissem à estrutura normatizada dentro da prática, uma ação que utilizaria de reapropriamentos e estratégias da própria norma para garantir um efeito subversor, como as táticas de um prisioneiro.

É a partir dessa idealização sua oficina de projetos se desenvolve, buscando garantir alguns objetivos - como desmistificar a "benevolência" da arquitetura enquanto provedora de soluções ideais ao amplo público ou métodos tradicionais de concepção, garantindo uma desconstrução do método projetivo invocado na disciplina. Ripley aborda alguns conceitos invocados por Genet foram utilizados para concepção dos resultados: a linha, ponto inicial da arquitetura responsável pela produção do binário interior/exterior; a base, convenção "ilusória" na qual a arquitetura se apoia e que pode vir a ceder a qualquer momento; o fechamento, resultado principal da prática arquitetônica; o vazio, também sendo um dos objetivos dos edifícios; a máquina, uma vez que habitamos em um meio maquinário complexo que demanda interpretação e observação de seus resultados (pondo sua fala muito próxima aos pensamentos de Le Corbusier); e por fim o

FIGURA 66: "THAT STRANGE WORLD".
FONTE: COLIN RIPLEY, 2021.



conceito de **ob-scene**, aquilo que fica “por trás” da imagem e interpretação imediata produzida pela arquitetura, que deveria ser percebido e protegido (RIPLEY, 2023).

Garantidos esses seis pontos, o projeto haveria de gerar resultados experimentais capazes de criar reflexões internas aos estudantes quanto à agressividade da arquitetura e a ampla necessidade de soluções cada vez mais abrangentes. Tratar de resultados espaciais definitivos é algo que se vê bastante distante na pesquisa, mas ainda sim a mesma foi responsável por resultados, geralmente expressos por imagens, capazes de refletir as indagações e interpretações dos integrantes a respeito de um espaço plural. Nas palavras do próprio autor:

“[...] Para mim – pois afinal a pedagogia do projeto também agiu sobre mim – tornei-me mais queer, talvez, como arquiteto e educador. [...] Também percebi que estou me tornando mais resistente: não apenas menos disposto a aceitar as microagressões homofóbicas comuns da vida cotidiana, mas como também menos tolerante com o armário cheio de mitos e lendas que compõem a maior parte da história e teoria da arquitetura; incapacitado de tolerar o que considero como uma crença ingênua no projeto utópico da arquitetura”. (RIPLEY, 2023, p. 263, tradução nossa).

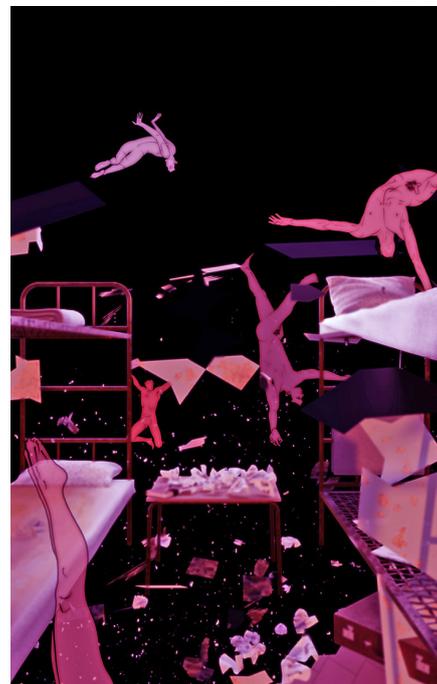


FIGURA 67: "LA SANTÉ."
FONTE: COLIN RIPLEY, 2021.

CONSIDERAÇÃO

ÇÕES FINAIS

A discussão do conceito da espacialidade queer, com foi observado, transitou e ainda transita por diferentes formas de compreensão. Sua recente discussão no campo da literatura arquitetônica ainda conta com uma produção limitada com relação à trabalhos acadêmicos dedicados, demandando cada vez mais atenção da necessidade de uma busca refinada que trate de sua compreensão e dos meios capazes de possibilitar sua reprodução.

Mesmo que argumentativamente restrita à respeito de si, são garantidas interpretações diversas acerca de modos quais seu âmbito se faz relacionado. Observamos através das leituras realizadas por alguns teóricos, como Betsky e outros que compartilham de uma visão parecida, uma possibilidade de vínculo da espacialidade queer aos locais no qual a sexualidade é vivenciada à pleno. Ainda que momentaneamente passíveis de crítica devido certas direções optadas – como o de que espaços *camp* seriam essencialmente queer – seus argumentos deixam especialmente claras as oportunidades de conexões íntimas e contato social gerada por essas mesmas localidades.

Contamos também com autores que relativizaram um pouco mais à frente a compreensão dessa manifestação espacial como fruto do ato de resistência à invisibilidade queer no meio edificado, responsável por garantir à comunidade acesso à itens, serviços ou direitos formalmente dificultados. Christopher Reed e outros autores mais recentes que o classificaram enquanto local de enfrentamento de preconceitos não apenas expandiram o leque formal de exemplares ao perceber uma ligação política intrínseca à sua manifestação, como também reconheceram um papel ativo na sua instalação, não apenas na manutenção da presença queer no dia a dia, como também da garantia de um recanto perante o meio opressivo experienciado pela comunidade.

E para além do espaço sexualizado ou político, a arquitetura queer houve de ser correlacionada ainda pelas observações de teóricos mais recentes enquanto resultado de transformações não convencionais, seja da sua própria materialidade ou métodos formais de composição e disposição, como de processos ou instâncias anteriores à própria disciplina, como os métodos de ensino ou do próprio pensar do espaço construído ao nosso redor, e sua relação direta com a sexualidade. Cada vez mais, os autores recentes têm se empenhando à localizá-la enquanto fruto de mudanças, cujas devem carregar

consigo uma atenção cada vez maior ao corpo humano e suas especificidades, sejam elas físicas ou metafísicas.

Seria correto afirmar que existe uma resposta definitiva? Poderíamos então enquadrar os conceitos explorados na teoria espacial queer em um significado imagético concreto, um tipo de conceituação definitiva capaz de abarcar as múltiplas facetas identificadas, e que permita ainda uma experiência de liberdade e aceitação às múltiplas formas de identidade de gênero e sexualidade?

Mesmo com todos os avanços realizados pelo campo, essa talvez seja uma realidade que ainda há de ser conquistada. Não significa, no entanto, que estamos lidando com alguma espécie de inconclusividade. A resposta mais adequada à esta questão talvez seja um significado que vai além da forma: a arquitetura queer deve ser percebida enquanto um processo, e que está em constante processo.

Isso porque, assim como identificam os autores de trabalhos mais recentes, lidar com o campo outrora signifique percebê-lo enquanto sujeito à um estado de constante renovação, situação que converge diretamente com o próprio significado do termo queer. É como observamos em um espaço introdutório: o queer até então, é compreendido enquanto algo excêntrico, aquilo que diverge do que está normatizado, ou algo que foge do nosso campo de visão imediato.

Ao passo em que o significado do termo se localiza em um campo tipicamente periférico, devemos perceber que tratar de sua definição seja um tópico em constante atualização. Lhe é conferido um status autorenovativo, uma espécie de ciclo, entendida a normatização qual alguns de seus integrantes possam vir a estar submetidos. É o caso da homonormatização previamente observada, ocorrida no âmago do movimento gay e que se viu duramente criticada pelas políticas queer consequentes.

O resultado disso tudo é uma constante necessidade de atenção, uma vez que a periferia social introduzirá sempre novas especificidades e, conseqüentemente, uma mudança nas reivindicações a serem alcançadas, como da própria visibilidade. E quando tratamos dos conceitos que circundam as espacialidades queer, esse não seria um tópico tão distante pois, situado em um local de “pré-movimento”, sua conceituação estará sempre sujeita à atualização, mediante às novas peculiaridades inerentes à comunidade LGBTI+.

É uma compreensão que põe a temática lado a lado com o próprio papel social da arquitetura, um exercício de busca por soluções relativas ao design espacial cada vez mais criativas e inovadoras, capazes de satisfazer as necessidades humanas de modo satisfatório.

E não podemos diminuir a importância da discussão do tema, ainda que seja uma forma de compreensão do espaço relativamente nova e, com isso, “aparentemente desprendida” da prática. Como ocorreu durante o Movimento Moderno, observamos uma busca intermitente por um conjunto formal capaz de satisfazer as demandas de higienização e simplicidade construtiva mediante o contexto de pós—guerra, modelo que se viu posteriormente discutido, produzido e disseminado por Le Corbusier. A arquitetura, que sempre concebeu produtos com efeitos espaciais capazes de interferir nas relações humanas, posa “necessariamente enquanto uma questão política e ética” (JAQUES, 2015, p. 1); e que, portanto, sua discussão com relação à sexualidade é fator a ser almejado. É nesse ponto que se faz a principal contribuição deste trabalho: a exploração e divulgação das evidências de sua existência.

Devemos buscar compreender uma arquitetura queer. Sua complexidade aponta para a necessidade de investigação cada vez mais profunda, através de novas pesquisas que reconheçam formas alternativas de investida conceitual, capazes de gerar um efeito democrático no meio construído. Não se trata somente de discutir a invisibilidade conferida pela sua estrutura vigente da disciplina arquitetônica à minoridade social, mas desenvolver novas formas de compreensão e abordagem que às ponham em evidência. É perceber que, mesmo diante da constante readaptação de significados, existe um plano de fundo maior a ser alcançado: o sanar dos incômodos perpetuados pelo meio arquiurbanístico conservador. Nós, devemos continuar investigando. E a arquitetura? Deve ser ainda mais *queer*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRONS, Ellie. "Pelo Real" [For Real.] Log, no. 41, 2017, p. 67-73. JSTOR, Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/26323719>>. Acessado em 30 de Dezembro de 2023.

Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). Mortes e Violências Contra LGBTI+ No Brasil: Dossiê 2022. Florianópolis: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2023.

AGREST, Diane. "Arquitetura de Fora: Corpo, Lógica e Sexo" [Architecture From Without: Body, Logic and Sex]. In: RENDELL, Jane; PENNER, Barbara; BORDEN, Iain. Gender Space Architecture: An Interdisciplinary Introduction. Londres: Routledge, 2000. p. 358-370.

AHMED, Sara. "Orientações: Caminhos para uma Fenomenologia Queer" [Orientations: Toward a Queer Phenomenology]. Project MUSE. GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies, vol. 12, no. 4, 2006. p. 543-574.

ANGELIDAKIS, Andreas "Eu como um Edifício" [Me as a Building]. FOOTPRINT, Holanda, 1 ed., Set/Out 2017. p. 87-94.

ANGELIDAKIS, Andreas. "Demos, Polemos." Log, no. 41, 2017, p. 98-101. JSTOR. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/26323723>>. Acessado em 30 de Dezembro de 2023.

BARRETT, Annie. "Forma Noncon" [Noncon Form]. Log, no. 41, 2017, p. 141-144. JSTOR. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/26323729>>. Acessado em 30 de Dezembro de 2023.

BETSKY, Aaron. "Construindo o Sexo: homens, mulheres, arquitetura e a construção da sexualidade" [Building sex : men, women, architecture, and the construction of sexuality]. Nova Iorque: William Morrow & Co., 1995.

BETSKY, Aaron. "Espaço queer: arquitetura e desejo homossexual" [Queer space : architecture and same-sex desire]. Nova Iorque: William Morrow & Co., 1997.

BLANCHFIELD, Caitlin, and Farzin Lotfi-Jam. "O Quarto das Coisas" [The Bedroom Of Things.] Log, no. 41, 2017, p. 129-34. JSTOR. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/26323727>>. Acessado em 30 de Dezembro de 2023.

BUTLER, Judith. "Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade." (Trad. Renato Aguiar). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Carlos Jacques. "Enviadescendo o espaço hétero: Imaginando uma Arquitetura Queer" [Queering straight space: Thinking towards a queer architecture.] *Matrizes: Jornal de Arquitetura e Educação de Lusófona: 2º Congresso em Arquitetura e Gênero*, no. 12/13, Laboratório de Arquitetura da Universidade Lusófona, Lisboa, 2015.

CARMONA, Jaime Solares. *Gênero e Sexualidade na Teoria da Arquitetura*. Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre no programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020.

COLOMINA, Beatriz. "Trechos de A Parede Dividida: Voyeurismo Doméstico" [Excerpts from 'The Split Wall: Domestic Voyeurism']. In: RENDELL, Jane; PENNER, Barbara; BORDEN, Iain. *Gender Space Architecture: An Interdisciplinary Introduction*. Londres: Routledge, 2000. p. 314-320.

CÓRDOBA, David; SÁEZ, Javier; VIDARTE, Paco. "Teoria Queer: Políticas Bolleras, Maricas, Trans, Mestiças" [Teoria Queer: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas.] 2. ed. Madrid: Editorial Egales, 2007.

COTTRILL, J. "Enviadescendo a Arquitetura: Possibilidades do(s) Espaço(s)" [Queering Architecture: Possibilities of Space(s)]. In: ASSOCIATION OF COLLEGIATE SCHOOLS OF ARCHITECTURE. "Caindo na Real: Projetando o Ethos Agora" [Getting Real: Design Ethos Now]. Nova Iorque: Association of Collegiate Schools of Architecture, 2006. p. 359-370.

CRAWFORD, Lucas. "Arquitetura Transgênero: A Forma da Mudança no Espaço Modernista" [Transgender Architectonics: The Shape of Change in Modernist Space] 1ª ed. Londres: Routledge, 2015.

CRAWFORD, Lucas. "Cinco Motivos Quais eu Não Divido Lavatórios com Pessoas Cisgênero" [Five Reasons I Won't Share Washrooms with Cisgender People]. Platform Space, 17 de Agosto de 2020. Disponível em: <<https://www.platformspace.net/home/five-reasons-i-wont-share-washrooms-with-cisgender-people>>. Acessado em 11 de Janeiro de 2024.

CRAWFORD, Lucas. "Desbravando Terrenos em uma Teoria da Arquitetura Transgênero" [Breaking Ground on a Theory of Transgender Architecture]. 8 Seattle J. Soc. Just., 2010.

DAWSON, Juno. "Este Livro é Gay: E hétero, e bi, e trans...". 2ª ed. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2015.

FIGUEIREDO, Eurídice. “Desfazendo O Gênero: A Teoria Queer De Judith Butler”. Revista Criação & Crítica0, no. 20 (abril 20, 2018): 40-55. Acessado em 31 de Dezembro de 2023.

FOUCAULT, Michel. “História da Sexualidade I: A Vontade de Saber”. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

FURMAN, A. Nathaniel; MARDELL, Joshua. “Espaços Queer: Um Atlas dos Espaços e Histórias LGBTQ+” [Queer Spaces: An Atlas of LGBTQ+ Places and Stories] 1ª ed. Londres: RIBA Publishing, 2022.

GABRIELL, João. “Parabéns, você está contratado!” [CONGRATULATIONS, YOU’RE HIRED!]. 1 ed. Paris: The Funambulist, Set/Out 2017. p. 40-43.

GOUGH, Tim. “Trans-arquitetura” [Trans-architecture]. FOOTPRINT, Holanda, 1 ed., Set/Out 2017. p. 51-66.

HARDIE, Melissa. “O ante-closet: Figurabilidade, Modernidade Sexual e a Dog Day Afternoon” [The Ante-Closet: Figurability, Sexual Modernity, and Dog Day Afternoon]. Modernist Modernity, 2016. Disponível em: <The Ante-Closet: Figurability, Sexual Modernity, and Dog Day Afternoon | Modernism / Modernity Print+ (modernismmodernity.org)>. Acesso em: 10 de Março de 2024.

HEUVEL, Dirk; GORNY, Robert. “Novas Figurações na Teoria Arquitetônica: Da Performance Queer para o Vir-a-ser Trans” [New Figurations in Architecture Theory: From Queer Performance to Becoming Trans]. FOOTPRINT, Holanda, 1 ed., Set/Out 2017. p. 22-27.

HOLDER, Andrew. “Cinco Pontos para uma Arquitetura Queer; ou, Notas sobre ‘Mario Banana No.1’” [Five Points Toward a Queer Architecture; Or, Notes on ‘Mario Banana No. 1.’] Log, no. 41, 2017, p. 155-160. JSTOR, Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/26323731>>. Acessado em 30 de Dezembro de 2023.

JABLONSKI, Daniel. “Derrida e a différance”. Relatório de Pibic. Departamento de Filosofia, PUC-RIO, 2007.

JAQUE, Andrés. “Arquiurbanismo do Grindr” [Grindr Archiurbanism.] Log, no. 41, 2017, p. 74-84. JSTOR. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/26323720>>. Acessado em 30 de Dezembro de 2023.

JOBST, Marko; STEAD, Naomi. “Enviadescendo a Arquitetura: Métodos, Práticas, Espaços, Pedagogias” [Queering Architecture: Methods, Practices, Spaces, Pedagogies]. 1ª ed. Londres: Bloomsbury Publishing, 2023.

JOHNSON, Myka T.; MARSICANO, Jamie. "Resistindo Ao Projeto De Lei H2B" [RESISTING HB2 BILL]. 1 ed. Paris: The Funambulist, Set/Out 2017. p. 18-21.

JOLLIFE, Emma. "Estamos aqui, e somos queer, se acostumem com isso" [We're here, we're queer, get used to it]. The Guardian, 2023. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2023/jan/15/were-here-were-queer-get-used-to-it>>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2023.

JOSON, Jullia. "Espaços queer: por que eles são importantes na arquitetura e na esfera pública?" [Queer Spaces: Why Are They Important in Architecture and the Public Realm?]. 22 de outubro de 2022. ArchDaily Brasil. (Trad. Simões, Diogo). Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/989574/espacos-queer-por-que-eles-sao-importantes-na-arquitetura-e-na-esfera-publica>>. Acessado em 28 de Novembro de 2023.

KOKOULA, Xenia. "Abrindo o espaço corporal: perspectivas sobre a teoria feminista e pós-humana" [Opening up Bodyspace: Perspectives from Posthuman and Feminist Theory]. FOOTPRINT, Holanda, 1 ed., Set/Out 2017. p. 11-24.

KOLB, Jaffer, e Aaron Betsky. "O Fim do Espaço Queer?" [The End of Queer Space?] Log, no. 41, 2017, p. 85-88. JSTOR. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/26323721>>. Acessado em 30 de Dezembro de 2023.

KOLB, Jaffer. "Trabalhando Estranhamente" [Working Queer.] Log, no. 41, 2017, p. 63-66. JSTOR. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/26323718>>. Acessado em 30 de Dezembro de 2023.

LABONNE, Lesley. "METAMORPHOSIS". 1 ed. Paris: The Funambulist, Set/Out 2017. p. 58-59.

LASKER, David. "DESIGN PRIDE 94': Saída do Armário em Nova Iorque ocorrida semana passada, induzindo designers e jornalistas gays e lésbicas a debater a noção de "espaço queer" [DESIGN PRIDE '94 Out of the closet In New York last week, leading gay and lesbian designers and journalists debated the notion of 'queer space']. Toronto: Globe & Mail, 30 de Junho de 1994. p. A18. Gale Academic OneFile. Disponível em: <link.gale.com/apps/doc/A163689224/AONE?u=anon~6e59afa9&sid=sitemap&xid=089ed66d>. Acessado em 29 de Dezembro de 2023.

LOURO, Guacira Lopes. "Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação". Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012>>. Acesso em 15 de Dezembro de 2023.

MACK, Mehammed Amadeus. "Fora do Closet, Dentro do Pátio" [OUT OF THE CLOSET

INTO THE COURTYARD]. 1 ed. Paris: The Funambulist, Set/Out 2017. p. 22-27.

MISKOLCI, Richard. "A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização". *Sociologias*, [S. l.], v. 11, n. 21, 2009.

MISKOLCI, Richard. "Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças". Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MORE, Thomas. *Utopia*. 1 ed. São Paulo: Schwarcz - Companhia das Letras, 2018.

OLIVEIRA, Kris Herik de. "Intensos encontros: Michel Foucault, Judith Butler, Paul B. Preciado e a teoria queer". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 1, e67637, 2021.

PAREDES, Paola. "REVELADO: A documentação de uma saída do armário" [UNVEILED: The Documentation Of A Coming Out]. 1 ed. Paris: The Funambulist, Set/Out 2017. p. 50-55.

PINAFI, Tânia. "Do Paradigma essencialista para o pós-estruturalismo: uma reflexão epistemológica sobre sexualidade". *Temas psicol.* [online]. 2015. vol. 23, n.3, p. 693-700.

PRECIADO, Beatriz. "TRASHGENDER: Urinar/defecar, masculino/femino" [TRASHGENDER: Urinate/defecate, masculine/feminine]. 1 ed. Paris: The Funambulist, Set/Out 2017. p. 15-17.

REDMAN, Jordan. "A História da Palavra Gay" [The History of The Word "Gay"]. *The Gayly*, 17 de Junho de 2018. Disponível em <<https://www.gayly.com/history-word-gay>>. Acessado em 12 de Janeiro de 2024.

REED, Christopher. "Domínio Iminente: Espaço Queer no Ambiente Construído" [Imminent Domain: Queer Space in the Built Environment]. *Art Journal*, vol. 55, no. 4, 1996, p. 64-70. JSTOR. Acessado em 10 de Novembro de 2023.

RICCO, John Paul. "A lógica da atração" [The logic of the lure]. Chicago: University of Chicago Press, 2022.

RICCO, John Paul. "Novo Prefácio para a republicação de Masturbando uma Arquitetura Menor, com artigo original" [New Preface for the republication of *Jacking-Off a Minor Architecture*, plus original essay]. In: *KEEP IT DIRTY*, vol. a, 2016. Califórnia: Punctum Books, 2016.

RIPLEY, Colin. "Estratégias para morar em residências" [Strategies for Living in Houses]. *FOOTPRINT*, Holanda, 1 ed., Set/Out 2017. p. 95-108.

RUBIN, Gayle. "Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade"

[Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality.” From Gender to Sexuality]. 1984, p. 143-171.

SANDERS, Joel. “Cadet Quarters, Academia de Força Aérea dos EUA, Colorado Springs” [Cadet Quarters, US Air Force Academy, Colorado Springs]. In: RENDELL, Jane; PENNER, Barbara; BORDEN, Iain. Gender Space Architecture: An Interdisciplinary Introduction. Londres: Routledge, 2000. p. 353-357.

SANDERS, Joel. “De STUD para ‘Stalled!’ Arquitetura em Transição” [From Stud to Stalled! Architecture In Transition.] Log, no. 41, 2017, p. 145-154. JSTOR. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/26323730>>. Acessado em 27 de Dezembro de 2023.

SANDERS, Joel. “GARANHÕES: Arquiteturas da Masculinidade” [STUD: architectures of masculinity]. 1ª ed. Londres: Routledge, 2020.

SANDERS, Joel. “Stalled!: Transformando Banheiros Públicos” [Stalled!: Transforming Public Restrooms]. FOOTPRINT, Holanda, 1 ed., Set/Out 2017. p. 51-66.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. “A Epistemologia do Armário” [The Epistemology of the Closet]. In: ABELOVE, Henry et alli. “Uma revisão dos estudos gay e lésbicas” [The lesbian and gay studies reader]. Tradução: Plínio Dentzien; Revisão: Richard Miskolci e Júlio Assis Simões]. Nova Iorque/Londres: Routledge, 1993.

SONTAG, Susan, “Notas sobre o Camp” [Notes on camp]. In: Against interpretation, and other essays, Farrar, Straus & Giroux.

STEAD, Naomi. “O CASO DO CLOSET: Uma curta história sobre esconde-esconde” [CLOSET CASE: A Hide-and-Seek Short History]. 1 ed. Paris: The Funambulist, Set/Out 2017. p. 14.

TATTELMAN, Ira. “Dialogando com o Balneário Gay: Comunicação em Espaços Sexualmente Carregados” [Speaking to the Gay Bathhouse: Communicating in Sexually Charged Spaces]. In: LEAP, William L. “Sexo público/espaço gay” [Public sex/gay space]. Nova Iorque: Columbia University Press, 1999. p. 71-94.

TATTELMAN, Ira. “O Significado da Parede: Rastreamento do Balneário Gay” [The Meaning at The Wall: Tracing the Gay bathhouse]. In: INGRAM, Yolanda Retter, et al. “Queers no espaço: comunidades, espaços públicos, locais de resistência” [Queers in space: communities, public places, sites of resistance]. Seattle: Bay Press, 1997. p. 391-406.

The Stonewall Inn. “O Local de Nascimento do Movimento Moderno por Direitos Gays” [The Birthplace of the Modern Gay Rights Movement]”. 04 de Abril de 2017. Disponível em <<https://thestonewallinnnyc.com/the-stonewall-inn-story/2017/4/4/>>

ntmsg5ni7iixdjimmg16hz6dvs4v>. Acessado em 18 de Janeiro de 2024.

URBACH, Henry. "Closets, Roupas, Abertura" [Closets, Clothes, Disclosure]. *Assemblage*, no. 30, 1996. p. 63–73. JSTOR. Acessado em 02 de Janeiro de 2024.

VALLERAND, Olivier. "A Casa é o Local que Todos Compartilhamos: Construindo Utopias Coletivas Queer" [Home Is the Place We All Share: Building Queer Collective Utopias]. *Journal of Architectural Education (1984-)*, vol. 67, no. 1, 2013, p. 64–75. JSTOR, Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/42570000>>. Acessado em 18 de Janeiro de 2024.

VALLERAND, Olivier. "Fazendo casas, construindo (auto)identidades. Subversões queer do espaço doméstico". [Making homes, building (self-)identities. Queer subversions of domestic space, 1994-2014]. Dissertação de Doutorado. Montreal: Faculdade de Arquitetura da Universidade de McGill, 2014.

WONG, Sonia. "Um Quarto de Si Próprio" [A ROOM OF ONE'S OWN]. 1 ed. Paris: The Funambulist, Set/Out 2017. p. 28-33.

GLOSSÁRIO

Bisexual (Bisexual): Indivíduo que se atrai por pessoa (s) do próprio gênero e também por pessoas de outros.

Cisgênero (Cisgender): Pessoa que se identifica ao gênero e sexo atribuídos em seu nascimento. Por exemplo, uma pessoa se identifica como homem, e que foi identificada ao nascer como do sexo masculino.

Cruising: ato de ir à um local em busca de flerte, paquera ou insuação com desconhecidos.

Expressão de gênero (Gender expression): Formato qual uma pessoa comunica seu gênero a outras, seja por um comportamento, vestuário, penteado, voz, etc.

Dark Room (Quarto escuro): quartos localizados em clubes ou boates gays, voltados à atividades sexuais discretas.

Drag queen/drag king: Pessoa que se veste e atua como uma pessoa de outro gênero com o propósito de entretenimento. Não necessariamente se identificam enquanto indivíduos transgênero.

Gay: Termo que descreve homens que se atraem por outros homens. Também utilizado como termo para definir pessoas que se atraem por outras do mesmo gênero.

Genderqueer/Gender Queer: Termo que descreve pessoas cuja identidade de gênero se encontra fora do binário e da cis-normatividade de gênero (homem e mulher).

Identidade de gênero (Gender identity): Reconhecimento interno do indivíduo à respeito de seu gênero. Se trata de um amplo espectro, existindo várias formas de identificação. Por exemplo: homem, mulher, gênero fluído, queer, transgênero.

Heteronorma/Heteronormativo: É um regime ou sistema social que apenas reconhece licitude em relacionamento heterossexuais, ou entre indivíduos do sexo oposto.

Heterossexismo (Heterosexism): Um entendimento de que todas as pessoas são ou deveriam ser heterossexuais, numa compreensão de que é a identidade qual haveria de ser superior.

Heterossexual (Heterosexual): Indivíduo que se atrai por pessoa (s) do gênero oposto.

Homonorma/homonormativo: É o privilégio de princípios heteronormativos na cultura e identidade não-heterossexual. A camada gay cisgênero é a principal privilegiada.

Homossexual (Homosexual): Indivíduo que se atrai por pessoa (s) do mesmo gênero com as

quais uma pessoa se identifica. Por ser estigmatizante devido à processos passados que o relativizaram à uma doença mental, não é indicado, a mesmo que seja conferida permissão..

Lésbica (Lesbian): Termo que descreve mulheres que se atraem por outras mulheres.

Não binários (Nonbinary): Identidades de gênero situadas fora dos gêneros binários. Ou seja: são indivíduos que não se identificam enquanto menino/menina, ou homem/mulher. Pessoas não binárias podem ter mais de um gênero, podem não se identificar com nenhum gênero ou com ambos.

Queer: Historicamente, termo formal pejorativo, que significa algo ou alguém estranho,, anormal. Hoje, é entendida enquanto um termo guarda-chuva positivo.

“Sair do armário” (coming out): Processo de reconhecimento da orientação sexual, e sua expressão para si mesmo e/ou para outras pessoas.

“Tirar do armário” (Outed): Revelar acidental ou intencionalmente a orientação sexual ou identidade de gênero de uma pessoa (geralmente sem sua permissão).

Transgênero (Transgender): Pessoa que não se identifica ao gênero e sexo atribuídos em seu nascimento. Indivíduos que se identificam como tal podem descrever sua identidade usando de mais termos. O "trans" é uma espécie de abreviação.

